STEPHEN KING

A Garota Que Adorava Tom Gordon

A Garota Que Adorava Tom Gordon

STEPHEN

KING

A GAROTA

QUE ADORAVA

TOM GORDON

Tradução de JOÃO BRITO

Temas & Debates

Título original inglês: *The Girl Who Loved Tom Gordon*

Autor: *Stephen King*

Para meu filho Owen que acabou me ensinando mais sobre baseball do que eu ensinei a ele.

JUNHO DE 1998

ANTES DO JOGO

O mundo tinha dentes e podia nos morder sempre que quisesse. Trisha McFarland descobriu isso aos nove anos. Às dez da manhã de um dia no início de Junho encontrava-se no banco de trás da *Dodge Caravan* da mãe, vestindo o equipamento de treino dos Red Sox (o que dizia 36 GORDON nas costas) e brincando com *Mona,* a sua boneca. Às dez e meia estava perdida na floresta. Às onze tentava não entrar em pânico, tentava não pensar: «Isto está mau, está muito mau.» Tentava não pensar que quando as pessoas se perdem na floresta, às vezes se machucam com bastante gravidade. Às vezes morrem.

«E tudo porque eu tinha que fazer xixi», pensou... Só que não estava com tanta vontade assim e, além do mais, podia ter pedido à mãe e a Pete que esperassem um pouco na trilha, enquanto ela ia atrás de uma árvore. Eles estavam discutindo de novo, bolas, que grande novidade, e fora por esse motivo que ela se deixara ficar um pouco para trás, sem dizer nada. Fora por isso que saíra da trilha e fora para trás de um maciço alto de arbustos. Precisava arejar, nada mais. Estava cansada de ouvi-los discutindo, cansada de tentar mostrar-se alegre e animada, quase prestes a gritar à mãe: «Então, deixe-o ir! Se ele quer tanto voltar para Malden e ir viver com o pai, porque não o deixa ir? Eu mesma o levaria lá, se tivesse carta, só para poder ter um pouco de paz e sossego!» E depois? O que diria a mãe? Que expressão surgiria no seu rosto? E no de Pete? Ele era mais velho, tinha quase catorze anos e não era estúpido; então porque é que não parava com aquelas coisas? Porque não podia ficar calado? «Acabe com essas bobeiras», era o que ela tinha desejado dizer-lhe (dizer a ambos, na verdade), «acabem de vez com essas bobeiras!»

O divórcio havia sido no ano anterior e a mãe ficara com a custódia deles. Pete protestara bastante por ter que sair dos subúrbios de Boston e ir para o Sul do Maine. Em parte porque queria ficar com o pai, e era esse o argumento que usava com a mãe (percebia instintivamente que era o que mais a feria), mas Trisha sabia que não era a única razão, nem sequer a maior. A única razão por que Pete queria ir embora era porque detestava a escola de Sanford.

Em Malden tinha tudo muito bem controlado. Dirigia o clube de informática como se ele fosse o seu reino e tinha amigos — fanáticos por computadores, sim, mas andavam sempre em grupo, e os rapazes perigosos não se metiam com eles. Em Sanford não havia clube de informática e Pete fizera apenas um único amigo, Eddie Rayburn. Depois, em Janeiro, Eddie fora embora, também vítima do divórcio dos pais. Peter ficara sozinho e era incomodado por todos. Pior do que isso, muitos meninos riam dele. Deram-lhe uma alcunha que ele odiava: *InfoMundo de Pete.*

Na maior parte dos fins-de-semana em que ela e Pete não iam a Malden visitar o pai, a mãe ia passear com eles. Empenhava-se bastante nisso, e, embora Trisha desejasse de todo o coração que a mãe parasse com aquilo — era nos passeios que havia as maiores discussões —, sabia que isso nunca iria acontecer. Quilla Andersen (voltara a adotar o nome de solteira e era evidente que Pete também detestava esse fato) tinha a coragem das suas convicções. Uma vez, quando se encontrava na casa de Malden com o pai, Trisha ouvira-o falar com o avô ao telefone. «Se a Quilla tivesse estado em Little Big Horn, os índios não teriam ganho», dissera, e, embora Trisha não gostasse que o pai dissesse aquelas coisas sobre a mãe — pareciam infantis e desleais —, não podia negar que havia uma ponta de verdade naquela observação.

Ao longo dos últimos seis meses, à medida que as coisas entre a mãe e Pete iam piorando, ela levara-os ao Museu do Automóvel, em Wiscasset, à Aldeia Shaker, em Gray, ao Plantatário de Nova Inglaterra, em North Wyndham, à Cidade das Seis Armas, em Randolph, New Hampshire, a uma viagem de canoa pelo rio Saco abaixo e a um passeio de esqui no Sugarloaf (onde Trisha torcera o tornozelo, motivo para que os pais houvessem tido mais tarde uma enorme discussão; que divertido era o divórcio, muito divertido mesmo...).

Às vezes, quando gostava de um lugar, Pete dava folga à boca. Considerara a Cidade das Seis Armas uma coisa «de garotos», porém, a mãe deixara-o passar a maior parte do tempo na sala onde se encontravam os jogos de computador e Pete fora para casa não propriamente feliz, mas, pelo menos em silêncio. Por outro lado, se Pete não gostava de um dos lugares que a mãe escolhia (o que tinha detestado mais havia sido o Planetário; na viagem de volta a Sanford fora insuportável), não tinha pudor nenhum em dar a conhecer a sua opinião. Não estava na sua natureza «ir só por ir». «Nem na da mãe», pensava Trisha. Ela própria considerava isso uma excelente filosofia, mas é claro que bastava as pessoas olharem para si para a considerarem logo igualzinha ao pai. Às vezes isso a chateava, mas, na maior parte das vezes, agradava-lhe.

Trisha estava pouco se importando para os lugares que visitavam aos sábados, e ter-se-ia dado por contente com passeios regulares aos parques de diversões e aos campos de minigolfe, pois essas visitas minimizavam bastante as terríveis discussões. Porém, a mãe queria que os passeios fossem também instrutivos — daí o Planetário e a Aldeia Shaker. A juntar aos outros problemas, Pete detestava que o obrigassem a engolir educação aos sábados, altura em que teria preferido ficar no quarto jogando *Sanitarium* ou *Riven* no seu *Mac.* Fizera saber disso uma ou duas vezes («Isto é uma bosta!» resume bem a sua opinião) de forma tão veemente que a mãe o mandara ir para o carro «se acalmar» até ela e Trisha regressarem.

Trisha desejava dizer à mãe que fazia mal em tratá-lo como um bebê que precisava passear, que um dia haveria de voltar à caminhonete e dar com ela vazia, pois Pete teria decidido voltar a Massachusetts de carona, mas é claro que não dizia nada. Os próprios passeios de sábado eram errados, mas a mãe nunca aceitaria tal fato. No final de alguns deles, Quilla Andersen parecia pelo menos cinco anos mais velha do que quando começara, com rugas nos cantos da boca e uma das mãos a massagear constantemente as têmporas, como se estivesse com dor de cabeça... Porém, nem assim desistia. Trisha sabia-o. Talvez os índios houvessem ganho mesmo que a mãe tivesse estado em Little Big Horn, embora as baixas tivessem sido certamente maiores.

O passeio daquela semana era à zona ocidental do estado. A trilha dos Apalaches serpenteava pela zona rumo a New Hampshire. Na noite anterior, à mesa da cozinha, a mãe

mostrara-lhes uma brochura com fotografias. Na maior parte delas viam-se trilheiros alegres ao longo de uma trilha ou parados num mirante, protegendo os olhos do sol e admirando fabulosos vales arborizados nos picos centrais das White Mountains, erodidos pelo tempo, mas ainda majestosos.

Pete mantivera-se sentado à mesa com ar de tédio, e recusara-se a olhar com atenção para a brochura. A mãe decidira não ligar à sua falta de interesse. Trisha mostrou-se bastante entusiasmada, como vinha sendo seu hábito. Parecia-se cada vez mais com uma concorrente dos concursos de televisão, só faltando fazer xixi nas calças ao imaginar que podia ganhar um kit de cozinha para cozinhar a vapor. E como ela se sentia realmente? Como cola unindo duas peças de alguma coisa que se quebrara. Cola fraca.

Quilla fechara a brochura e virara-a. Na parte de trás havia um mapa. Bateu com o dedo numa linha azul sinuosa.

— Esta é a Estrada Sessenta e Oito — disse. — Deixamos o carro neste parque de estacionamento. — Bateu num quadradinho azul. — Esta é a trilha dos Apalaches, entre a Estrada Sessenta e Oito e a Trezentos e Dois, em North Conway, New Hampshire. São apenas dez quilômetros e o percurso é considerado moderado. Bem... esta zona aqui no meio é «moderada a difícil», mas não a ponto de precisarmos de material de escalada nem nada do gênero. — Bateu noutro quadrado azul. Pete tinha a cabeça apoiada numa das mãos e olhava para outro lado. A mão repuxava o canto esquerdo da boca e parecia que esboçava um esgar. Naquele ano tinham-lhe aparecido espinhas e na testa reluziam as mais recentes. Trisha adorava-o, mas às vezes — na noite anterior à mesa da cozinha, quando a mãe explicara o trajeto que iam seguir, por exemplo — também o odiava. Queria dizer-lhe para deixar de ser mariquinha, porque, no fundo, era só a isso que se resumia o seu comportamento, como dizia o pai. Pete queria voltar a Malden correndo com seu rabo de adolescente entre as pernas porque não passava de um mariquinha. Estava pouco ligando para a mãe, para Trisha e para o fato de ir viver com o pai poder prejudicá-lo no futuro. O que Pete queria era ter alguém com quem pudesse almoçar nas bancadas do ginásio. A única coisa que lhe interessava era que, quando voltasse à sala de aula, depois do toque, deixassem de lhe gritar: «Ei, *InfoMundo!* Como é que vai, cara?» — Vamos até este parque de estacionamento — continuara a mãe, sem reparar que Pete não estava olhando para o mapa ou fingia não ter reparado. — Vai ter uma caminhonete lá por volta das três que em seguida nos levará até nosso carro. Duas horas depois estaremos novamente em casa e eu os levo ao cinema, se não se sentirem cansados

demais. O que acham?

Pete ficara calado na véspera, mas, naquela manhã, tinha muito que dizer, e começou logo que saiu de Sanford. Não queria fazer aquilo, era uma coisa estúpida, e além disso ouvira dizer que mais tarde ia chover, por que motivo tinham que passar um sábado inteiro caminhando na floresta na época do ano em que havia mais insetos, e se Trisha fosse picada (como se ele se importasse...), etc. Blá, blá, blá... Até tivera a coragem de dizer que devia estar em casa estudando para os exames! Pete nunca estudara num sábado, tanto quanto Trisha sabia. A princípio, a mãe não replicara, mas começou finalmente a irritá-la. Quando chegaram ao pequeno parque de estacionamento na Estrada 68, os nós dos seus dedos estavam brancos de tanto apertar o volante e falava no tom exaltado que Trisha conhecia muito bem. A mãe estava passando do estado amarelo para o vermelho. Parecia que o passeio de dez quilômetros através das florestas do Maine ocidental ia ser muito longo...

A princípio, Trisha tentara distraí-los com comentários sobre os celeiros, os cavalos que pastavam e os cemitérios pitorescos no tom de voz de criança maravilhada que às vezes imitava tão bem, mas eles ignoraram-na e, depois de algum tempo, ficara em silêncio no banco de trás com *Mona* no colo (o pai gostava de chamá-la de *Mona Moanie Balogna)* e a mochila ao lado, ouvindo a discussão e perguntando a si mesma se deveria chorar ou enlouquecer. Será que uma família que passa o tempo todo discutindo nos levava à loucura? Talvez, quando a mãe começava a massagear as têmporas com as pontas dos dedos não era porque tivesse uma dor de cabeça, mas sim porque tentava impedir que o seu cérebro entrasse em combustão espontânea ou em descompressão rápida, ou algo do gênero.

Para fugir, Trisha abrira a porta da sua fantasia preferida. Tirou o boné dos Red Sox e olhou para a assinatura escrita na pala a caneta de feltro preta; isso a ajudava a ficar mais bem-disposta. Era a assinatura de Tom Gordon. Pete gostava de Mo Vaughn e a mãe de Nomar Garciaparra, mas Tom Gordon era o jogador dos Red Sox preferido de Trisha e do pai. Tom Gordon era o *closer* dos Red Sox; entrava no oitavo ou no nono *inning* quando o jogo estava renhido, mas os Red Sox estivessem ganhando. O pai admirava Gordon porque ele parecia nunca perder a calma. «O *Flash* tem água gelada correndo nas veias», costumava dizer Larry McFarland, e Trisha dizia sempre a mesma coisa, por vezes acrescentando que gostava de Gordon porque tinha coragem de lançar uma bola curva mesmo perdendo (isto fora algo que o pai lera no *Boston Globe).* Só dissera mais a *Moanie Balogna* e à sua amiga Pepsi Robichaud (a esta apenas uma vez). Comentara com Pepsi que achava que Tom Gordon era «bem bonito».

Com *Mona* não precisava ter cuidado e dizia-lhe que o número trinta a seis era o homem mais bonito da face da terra e que, se ele a tocasse alguma vez, seria capaz de desmaiar. Se ele a beijasse, nem que fosse no rosto, achava que morreria!

Naquele momento, enquanto a mãe e o irmão discutiam no banco da frente — sobre o passeio, sobre a escola de Sanford, sobre a sua vida deslocada —, Trisha olhou para o boné assinado que o pai lhe dera em Março, pouco antes da época começar, e pensou o seguinte: «Estou atravessando o Parque de Sanford em direção à casa da Pepsi, num dia normal. E um homem está junto ao carrinho de cachorros quentes. Veste calças jeans, uma camiseta branca e tem um fio de ouro no pescoço — está de costas para mim, mas consigo ver a corrente brilhando ao sol. Então ele se vira e eu vejo... oh!, não posso acreditar, mas é verdade, é ele mesmo, é Tom Gordon, não sei o que está fazendo em Sanford, mas é ele mesmo, e, meu Deus, os seus olhos, como quando está à espera de um sinal no campo, aqueles olhos, e ele sorri e diz que está perdido, pergunta-me se conheço um lugar chamado North Berwick, e como pode chegar lá, e, meu Deus!, meu Deus!, eu estou tremendo, não vou ser capaz de dizer uma palavra, abro a boca e não sai nada, apenas um pequeno grito, daqueles que o papai chama de "peido de rato", só que quando tento, vejo que consigo falar, até parece que estou muito calma, e digo...»

Digo, ele diz, depois eu digo e depois ele diz; imagina o que poderiam dizer enquanto a discussão no banco da frente da caminhonete continua a evoluir. «Às vezes», pensa Trisha, «o silêncio é a maior bênção da vida». Continuava a olhar fixamente para a assinatura na pala do boné de baseball quando a mãe virou para o parque de estacionamento, ainda um pouco afastado («a Trish mergulhou no seu mundo», como o pai costumava dizer), sem perceber que havia dentes escondidos na textura vulgar das coisas e que em breve iria descobri-lo. Encontrava-se em Sanford, não numa estrada rural. Encontrava-se no parque da cidade, não numa das entradas da trilha dos Apalaches. Encontrava-se com Tom Gordon, número trinta e seis, e ele sugeria comprar-lhe um cachorro-quente em troca de informação para chegar a North Berwick.

Oh!, maravilha!

PRIMEIRO «INNING»

A mãe e Pete se acalmaram um pouco quando tiraram as mochilas e a cesta de vime que Quilla tinha para colocar as plantas que apanhava no caminho do porta-malas; Pete até ajudou Trisha a pôr a mochila nas costas, apertando uma das alças, e ela teve esperança de que as coisas fossem melhorar (que tonta!).

— Pegaram suas capas de chuva? — perguntou a mãe, olhando para o céu. Ainda estava azul, mas a ocidente as nuvens iam se adensando. Devia chover mesmo, mas provavelmente não a tempo de Pete poder lamuriar-se alegremente de que estava encharcado.

— Eu peguei o meu, mãe! — chilreou Trisha no tom de voz de criança maravilhada.

Pete grunhiu qualquer coisa que podia ter sido «sim».

— O almoço? — Confirmação de Trisha; outro grunhido de Pete. — Ainda bem, porque não quero dividir o meu. — Fechou a porta da caminhonete e depois conduziu-os pelo

parque de estacionamento de terra até uma placa que dizia «Trilha Oeste» com uma seta por baixo. Havia talvez uma dezena de carros ali, mas todos com matrículas de outros estados. — Repelente de insetos? — perguntou a mãe quando começaram a dirigir-se para a trilha. — Trish?

— Peguei! — exclamou, sem ter certeza absoluta, mas sem querer parar junto da mãe, a fim dela procurá-lo na sua mochila. Isso com certeza faria que Pete começasse com as suas lamúrias de novo. No entanto, se continuassem andando, talvez ele visse algo que o interessasse ou que, pelo menos, o distraísse. Um guaxinim. Talvez um veado. Um dinossauro seria bom. Trisha deu uma gargalhada.

— Onde é que está a graça? — perguntou a mãe.

— Tô só pensando aqui comigo — respondeu Trisha, e Quilla franziu o cenho; «pensa aqui comigo» era uma das expressões usadas por Larry McFarland. «Ela que franza o cenho», pensou Trisha. «Que o franza quanto quiser. Vim com ela, não me queixei como o rabugento do meu irmão, mas ele é meu pai e eu o amo.» Tocou na pala do boné assinado, como para confirmar.

— *Okay,* meninos, vamos — disse Quilla. — E mantenham esses olhos bem abertos.

— Detesto isso — resmungou Pete. Era a primeira coisa que dizia com clareza desde que tinham saído da caminhonete e Trisha pensou: «Por favor, meu Deus, envie qualquer coisa. Um veado, um dinossauro ou um ovni. Porque, se o não fizer, eles vão começar tudo de novo.»

Deus não enviou nada, apenas alguns mosquitos batedores, que em breve informariam o exército de que havia carne fresca nas imediações, e, quando passaram uma placa que dizia «Estação Conway a 9 km», os dois já estavam discutindo de novo, ignorando a floresta, ignorando a ela, ignorando tudo exceto eles próprios. Blá, blá, blá... «Parecia uma forma doentia de namoro», pensou Trisha.

Também era uma pena, porque estavam perdendo coisas que eram realmente bonitas. O cheiro doce da resina libertado pelos pinheiros, por exemplo, e o modo como as nuvens pareciam juntar-se — menos semelhantes a nuvens do que a farrapos de fumaça branco-acinzentados. Trisha pensara que só um adulto poderia dizer que o seu passatempo favorito era uma coisa tão chata como passear pela floresta, mas afinal aquilo nem era tão mau assim. Não sabia se a trilha dos Apalaches estava todo em tão bom estado de conservação — provavelmente não —, mas, se estivesse, pensou que seria capaz de entender agora por que motivo pessoas que não tinham nada melhor para fazer decidiam andar quilômetros e quilômetros nele. Achou que era como andar numa avenida larga e sinuosa através da floresta. Não estava asfaltado, claro, e era íngreme, mas, mesmo assim, sentia-se bem. Até havia uma pequena cabana com uma bomba lá dentro e um letreiro: «Água potável. Por favor, encha o jarro para a próxima pessoa.»

Trisha trazia uma garrafa de água na mochila — uma garrafa grande, com tampa de rosquear —, mas naquele momento teve vontade de ir até a bomba na pequena cabana e beber uns goles frescos da torneira enferrujada. Podia beber e fingir que era Bilbo Baggins[1], a caminho da montanha do dragão.

— Mãe? — chamou ela lá de trás. — Podemos parar um pouco para...

— Fazer amigos não é fácil, Pete — dizia a mãe. Não se virou sequer para Trisha. — Não pode ficar parado e esperar que os outros garotos venham falar com você.

— Mãe? Pete? Será que podíamos parar para...

— Você não entende! — retorquiu ele num tom acalorado. — Não entende patavina! Não sei como eram as coisas quando estava na escola secundária, mas agora são bem diferentes.

— Pete? Mãe? Mãezinha? Há uma bomba ali... — Na verdade era «havia» uma bomba ali; era a forma gramaticalmente correta de dizer, porque a bomba ficara para trás e ia se afastando cada vez mais.

— Não posso aceitar isso — contrapôs a mãe em tom categórico, e Trisha pensou: «Não admira que ela deixe ele doido.» Depois, ressentida: «Nem sequer sabem que estou aqui. Sou a Garota Invisível. Mais valia ter ficado em casa.» Junto à sua orelha, um mosquito zumbiu e ela deu um tapa, irritada.

Chegaram a uma bifurcação na trilha. O caminho principal — que já não era tão largo como uma avenida, mas que, mesmo assim, ainda não era mau — seguia para a esquerda, indicado por um sinal que dizia «Estação Conway 8 km». A placa do outro caminho, mais estreito e com mais vegetação, dizia «Kezar Notch 25 km».

— Olhem, tenho que fazer xixi — disse a Garota Invisível, e é claro que nenhum deles lhe prestou atenção; limitaram-se a seguir pelo caminho que conduzia a North Conway, avançando lado a lado como dois amantes, olhando um para o outro como dois amantes e discutindo como os piores inimigos. «Devíamos ter ficado em casa», pensou Trisha. «Eles podiam fazer isto em casa e eu podia estar lendo um livro. *O Hobbit* de novo, talvez (uma história sobre uns tipos que gostam de passear nas florestas).» — Que se lixe, vou fazer xixi — resmungou ela, amuada, metendo-se pela trilha que conduzia a Kezar Notch. Ali, os pinheiros, que se haviam mantido afastados da trilha principal, começaram a adensar-se, e

havia também arbustos — montes e montes deles. Trisha procurou as folhas brilhantes do sumagre venenoso e não viu nada... graças a Deus. A mãe tinha lhe mostrado fotografias dessas plantas e ensinara-a a identificá-las havia dois anos, quando a vida era mais agradável e simples. Nessa época Trisha passeara muito com a mãe na floresta. (O argumento que Pete apresentara para se queixar da ida a Estufa fora que a mãe quisera ir. Fora incapaz de perceber como havia sido egoísta, martelando naquela tecla durante todo o dia.)

Num dos seus passeios, a mãe também lhe explicara como é que as mulheres fazem xixi na floresta. Começara por dizer: «A coisa mais importante — talvez a única coisa importante — é não ir para um maciço de sumagre venenoso. Agora preste atenção. Olhe para mim e faça o que eu fizer.»

Trisha olhou para ambos os lados, não viu ninguém, mas, mesmo assim, decidiu sair da trilha. O caminho para Kezar Notch parecia ser pouco usado — era pouco maior do que uma viela, quando comparado com a largueza da trilha principal —, mas, ainda assim, não quis acocorar-se no meio dele. Parecia-lhe indecoroso.

Saiu da trilha na direção da bifurcação e continuou a ouvi-los discutindo. Mais tarde, depois de se perder e de se esforçar para não acreditar que podia morrer ali, Trisha iria lembrar-se da última frase que escutara; a voz indignada e magoada do irmão: «[...] não sei porque é que nós temos de pagar pelos seus erros!»

Deu meia dúzia de passos na direção do som da voz do irmão, contornando com cuidado um maciço de silvas, apesar de estar usando calças jeans e não bermudas. Parou, olhou para trás e notou que ainda conseguia ver a trilha para Kezar Notch, o que significava que, se alguém viesse por ali, também conseguiria vê-la, acocorada fazendo xixi com uma mochila nas costas e um boné dos Red Sox na cabeça. «Chato com'ó cara... », como diria Pepsi (Quilla Andersen comentara uma vez que a fotografia de Penelope Robichaud deveria vir ao lado da palavra «ordinário» no dicionário).

Trisha desceu um pequeno declive, os tênis deslizando um pouco no tapete alto formado pelas folhas mortas do ano anterior, e quando chegou lá embaixo já não conseguia ver a trilha para Kezar Notch. Ótimo.

Na direção oposta, bem à sua frente, ouviu uma voz de homem e a voz alegre de uma garota — trilheiros na trilha principal, e não muito distantes, a julgar pelo som. Quando Trisha abriu o fecho das calças lembrou-se que, se a mãe e o irmão fizessem uma pausa na sua interessante discussão, olhassem para trás, para ver onde ela estava, e se deparassem com dois desconhecidos, haveriam de ficar preocupados com ela.

«Ótimo! Eles que pensem noutra coisa durante uns minutos. Noutra coisa que não seja neles mesmos.»

O truque, tinha dito a mãe naquele agradável dia passado na floresta havia dois anos, não era ir para um lugar escondido — as garotas sabiam fazer isso tão bem como os rapazes —, mas sim fazê-lo sem encharcar a roupa.

Trisha apoiou-se ao ramo do pinheiro mais próximo, dobrou os joelhos e, com a mão livre, puxou as calças e a calcinha para a frente, afastando-as da linha de fogo. Durante um momento não aconteceu nada — como de costume — e Trish suspirou. Um mosquito zumbiu, ávido de sangue, junto à sua orelha, mas ela não podia enxotá-lo naquele momento, pois tinha as mãos ocupadas.

— Oh!, panelas que cozinham a vapor! — exclamou, irritada, mas a situação era divertida, deliciosamente estúpida e divertida, e ela desatou a rir. Assim que começou a rir começou a fazer xixi. Quando terminou, olhou em volta, à procura de algo onde pudesse se limpar, e decidiu — de novo uma frase do pai — «não abusar da sorte». Abanou um pouco a

bunda (como se isso servisse de alguma coisa...) e puxou a calcinha para cima. Quando o mosquito voltou a zumbir junto a seu rosto, deu-lhe uma palmada e olhou satisfeita para a manchinha de sangue que ficou na sua mão. — Pensou que eu não tinha munição, hein?

Trisha virou-se para o declive e depois tornou a virar-se ao contrário, e teve a pior idéia de sua vida. Essa idéia era ir em frente, em vez de voltar à trilha para Kezar Notch. As trilhas haviam se bifurcado; tinha apenas que percorrer o espaço entre ambos para voltar ao principal. Fácil! Não havia possibilidade de se perder, uma vez que ouvia perfeitamente as vozes dos outros trilheiros. Não havia mesmo possibilidade de se perder.

SEGUNDO «INNING»

O lado ocidental da ravina onde Trisha parara era consideravelmente mais íngreme do que o lado por onde descera. Subiu por ele com a ajuda de várias árvores, chegou ao topo e avançou por terreno mais plano em direção ao local de onde as vozes tinham vindo. Havia bastante vegetação e contornou vários aglomerados espinhosos. Cada vez que se desviava, mantinha os olhos postos na direção da trilha principal. Continuou assim durante cerca de dez minutos, depois parou. Naquele lugar sensível entre o peito e a barriga, o lugar onde todos os fios do corpo parecem unir-se num nó, Trisha começou a sentir o primeiro adejar da inquietação. Não deveria já ter chegado à trilha de North Conway? Aparentemente sim; não avançara muito pelo outro, talvez uns cinqüenta passos (com certeza não tinham sido mais de sessenta, ou setenta, no máximo), pelo que o intervalo entre os dois braços da bifurcação não podia ser muito grande, não é?

Tentou escutar vozes na trilha principal, mas a floresta estava em silêncio. Bom, isso não era bem verdade. Podia ouvir o murmúrio do vento através dos velhos pinheiros, podia ouvir o canto de um gaio e o martelar distante de um pica-pau a petiscar a meio da manhã numa árvore oca, podia ouvir alguns mosquitos recém-chegados (que agora zumbiam junto às suas duas orelhas), mas nenhuma voz humana. Parecia ser a única pessoa ali naquela enorme floresta, e, embora fosse ridículo, a inquietação voltou a adejar no seu ventre. Desta vez com mais força.

Trisha avançou de novo, agora mais depressa, procurando chegar à trilha, ansiando pela sua tranqüilidade. Aproximou-se de uma enorme árvore caída, alta demais para poder

transpor, e decidiu passar por baixo dela. Sabia que o melhor teria sido contorná-la, mas assim não se desorientaria?

«Desorientada você já está», sussurrou uma voz dentro de si — uma voz terrivelmente fria.

— Cale-se, não estou nada, cale-se — respondeu ela num sussurro, ajoelhando-se. Havia uma zona oca sob uma parte do velho tronco coberto de musgo e Trisha enfiou-se por ali. As folhas estavam molhadas, mas quando se apercebeu disso já tinha a parte da frente da blusa encharcada; não ligou. Avançou mais um pouco e a mochila bateu no tronco — pumba!

— Raios e bolas! — murmurou («raios e bolas» era a praga preferida de Pepsi no momento — era tão engraçada), recuando. Ajoelhou-se, limpando as folhas úmidas que tinham ficado agarradas à blusa e reparou que os seus dedos tremiam. — Não estou com medo! — exclamou em voz alta, pois o som dos seus murmúrios assustara-a um pouco. — Não estou com medo nenhum! A trilha está bem ali. Devo chegar lá daqui a cinco minutos, corro um pouco e os apanho.

Tirou a mochila das costas e, empurrando-a à sua frente, rastejou de novo para baixo da árvore.

Quando estava quase saindo dali, sentiu uma coisa se movendo debaixo de si. Olhou e viu uma cobra preta gorda deslizando entre as folhas. Durante um momento, todos os seus pensamentos ficaram paralisados por uma explosão branca e silenciosa de nojo e horror. A sua pele ficou gelada e sentiu um nó na garganta. Não foi capaz de pensar na palavra «cobra», apenas conseguia senti-la pulsando friamente sob sua mão morna. Trisha gritou e tentou levantar-se, esquecendo-se que estava debaixo da árvore. Um ramo grosso como um braço amputado espetou-se no fundo das costas, provocando-lhe uma dor lancinante. Voltou a deitar-

se e rastejou o mais depressa que pôde para a frente, talvez assemelhando-se também um pouco à cobra.

A maldita desaparecera, mas o medo não. Estivera bem debaixo da sua mão, escondida nas folhas mortas e bem debaixo da sua mão. Não devia ser das que mordiam, graças a Deus. E se houvesse mais? E se fossem venenosas? E se a floresta estivesse cheia delas? Claro que estava, a floresta estava cheia de tudo aquilo de que não gostávamos, de tudo aquilo que temíamos e abominávamos instintivamente, de tudo o que nos deixava em pânico. Porque ela teria concordado em ir? E ainda por cima concordado alegremente?

Agarrou na correia da mochila e avançou rapidamente com ela batendo na perna, olhando desconfiada para trás, para a árvore caída e para os espaços cobertos de folhas entre as que continuavam de pé com medo de ver a cobra, com mais medo ainda de ver um batalhão delas, como as cobras num filme de terror, *Invasão das Cobras Assassinas,* tendo como protagonista Patrícia McFarland, a emocionante história de uma menina perdida na floresta e...

— Não estou perdida... — começou Trisha, e depois, como estava olhando por cima do ombro, tropeçou numa pedra que saía da terra coberta de palha, cambaleou, agitou o braço que não segurava a mochila, numa vã tentativa de manter o equilíbrio, e caiu pesadamente de lado. Sentiu uma dor lancinante no fundo das costas, no lugar onde o ramo a machucara.

Ficou deitada de lado sobre as folhas (úmidas, mas não tão repelentes como as que havia no buraco sob a árvore caída) respirando muito depressa, sentindo a pulsação acelerada. Percebeu de repente, abalada, de que já não sabia se ia ou não na direção certa. Estivera sempre olhando por cima do ombro, e podia muito bem não ir.

«Então volte para a árvore. A árvore caída. Se olhar em frente para o lugar de onde saiu, saberá que é nessa direção que quer ir, na direção da trilha principal.»

Mas seria mesmo? Nesse caso, por que motivo não tinha ainda chegado à trilha principal?

As lágrimas fizeram seus olhos arderem. Trisha pestanejou rapidamente e com força. Se começasse a chorar, não poderia dizer a si própria que não estava com medo. Se começasse a chorar, tudo podia acontecer.

Voltou lentamente à árvore caída coberta de musgo, odiando ter que andar na direção errada, nem que fosse por alguns segundos, odiando ter que voltar ao lugar onde vira a cobra (venenosas ou não, Trisha detestava-as), sabendo que tinha de fazê-lo. Avistou o local onde estivera quando vira (e — meu Deus — sentira) a cobra, uma mancha do seu tamanho no solo da floresta. Já estava se enchendo de água. Ao olhar para ela, Trisha passou novamente a mão pela parte da frente da blusa, úmida e enlameada. O fato da blusa se encontrar naquele estado devido a ter rastejado sob uma árvore era o aspecto mais alarmante até ali. Sugeria que tinha havido uma mudança de planos... e quando os novos planos incluíam rastejar de novo em buracos ensopados sob árvores caídas, a mudança não era para melhor.

Por que motivo ela saíra da trilha? Por que motivo se afastara e os perdera de vista? Só para fazer xixi? Para fazer xixi, quando nem sequer tinha tanta vontade assim? Ela devia era estar doida! E depois fora ainda mais doida ao pensar que seria capaz de avançar por território desconhecido (foi a expressão que lhe ocorreu no momento) em segurança. Bom, naquele dia já aprendera alguma coisa, aprendera mesmo! Aprendera que deveria ter ficado na trilha. Independentemente do que tinha para fazer e da urgência com que tinha de fazê-lo, independentemente da conversa fiada que tinha que suportar, era melhor permanecer na trilha. Quando se ficava na trilha, a blusa dos Red Sox mantinha-se limpa e seca. Na trilha não havia nenhuma inquietação assustadora se contorcendo no espaço entre o nosso peito e a nossa barriga. Na trilha estávamos a salvo. A salvo!

Trisha levou a mão atrás das costas e sentiu a blusa esburacada. Pelo vistos fora o galho. Rezara para que isso não tivesse acontecido. E quando olhou para a mão viu pequenas manchas de sangue nos dedos. Suspirou, quase soluçando, e limpou os dedos nas calças jeans.

— Sossegue, pelo menos não foi um prego enferrujado — disse para si mesma. — Agradeça a Deus a bênção. — Era uma das frases da mãe, que não a ajudou em nada. Trisha nunca se sentira abençoada na vida.

Olhou para a árvore, remexeu as folhas com um pé, mas não havia sinal da cobra. Provavelmente também não era das que mordia, mas, credo!, as cobras eram horríveis! Sem pernas e todas viscosas, agitando a terrível língua. Quase nem conseguia pensar na forma como a sentira pulsar sob a sua mão, qual músculo frio.

— Porque é que não calcei umas botas? — perguntou Trisha a si mesma, olhando para os seus tênis *Reebok*. — Porque raios tive que calçar os malditos tênis? — A resposta, claro, era porque os tênis eram bons para a trilha... e o plano fora ficar na trilha. Trisha fechou os olhos por um momento. — Mas eu estou bem — afirmou. — Só não posso perder a cabeça e dar uma de maluca. Também, daqui a pouco vou ouvir pessoas falando...

Daquela vez, sua própria voz soou convincente e sentiu-se melhor. Virou-se, pôs um pé de cada lado do buraco onde estivera deitada e encostou o traseiro no tronco cheio de musgo da árvore. Pronto. Sempre em frente. A trilha principal. Tinha que ser.

«Talvez. E talvez seja melhor esperar aqui. Esperar até ouvir vozes. Para ter certeza de que vou na direção certa», pensou.

Mas não aguentava esperar. Queria voltar à trilha e lançar aqueles assustadores dez minutos (ou talvez naquele momento já fossem quinze) para trás o mais depressa possível. Voltou a pôr a mochila nas costas — desta vez não havia nenhum irmão mais velho (zangado e distante, mas, no fundo, simpático) para verificar as correias — e meteu-se de novo a caminho. Os mosquitos já a tinham encontrado ela, e havia muitos a esvoaçar em torno de sua cabeça, fazendo-a ver pequenos pontos negros. Enxotou-os, mas não os matou. «Mate os mosquitos, mas é melhor enxotar os pequenos», dissera-lhe a mãe... talvez no mesmo dia em que lhe ensinara como é que as meninas fazem xixi na floresta. Quilla Andersen (que na altura ainda era Quilla McFarland) dissera que, se matasse alguns insetos, atrairia outros mais ainda, fazendo com que a pessoa se sentisse cada vez pior. «Quando vemos insetos na floresta», dissera a mãe, «o melhor é pensarmos como um cavalo. Fingir que temos uma cauda e enxotá-los com ela.»

Parada ao pé da árvore caída, enxotando os insetos sem os esborrachar, Trisha fixou um pinheiro alto a cerca de quarenta metros... quarenta metros para norte, se é que ainda não perdera o norte! Avançou para ele e quando lá chegou encostou a mão ao tronco pegajoso c olhou para a árvore caída. Linha reta? Achava que sim.

Encorajada, viu um maciço de vegetação com brilhantes bagas vermelhas. A mãe mostrara-lhas num dos passeios que tinham dado e, quando Trisha dissera que eram bagas venenosas — fora Pepsi Robichaud quem o afirmara —, a mãe rira-se e dissera: «Afinal a famosa Pepsi não sabe tudo. Que alívio! São gaultérias, Trisha. Não têm veneno. Sabem a pastilha elástica *Teaberry,* aquela que vem na embalagem cor-de-rosa.» A mãe enfiara na boca um punhado de bagas e, ao ver que ela não se atirava para o chão com falta de ar e a vomitar, Trisha experimentara algumas. Souberam-lhe àqueles rebuçados verdes que deixam a boca a picar.

Avançou para os arbustos, pensando em apanhar algumas bagas, só para se animar, mas não o fez. Não tinha fome e nunca se sentira tão incapaz de se animar. Inspirou o aroma apimentado das folhas brilhantes (que também eram boas para comer, dissera Quilla Andersen, embora Trisha nunca as tivesse experimentado — afinal de contas, não era uma marmota) e voltou a olhar para o pinheiro. Certificou-se de que continuava a avançar em linha recta e procurou um terceiro ponto de referência — desta vez uma pedra fendida que parecia um chapéu dos velhos filmes em preto e branco. A seguir um maciço de bétulas, e depois das bétulas dirigiu-se lentamente até um luxuriante aglomerado de abetos a meio de uma subida.

Estava tão concentrada em não perder de vista o próximo ponto de referência (nada de olhar para trás, querida) que só quando se encontrou ao lado dos abetos percebeu que estava a esquecer-se da floresta e a concentrar-se demais nas árvores. Ir de ponto de referência em ponto de referência era muito bonito, e achou que, mais ou menos, conseguira seguir em linha reta, mas... e se a linha reta seguia na direção errada? Podia ser apenas ligeiramente errada, mas devia ter-se enganado. Se assim não fosse, já teria chegado a trilha. Ora, já devia ter andado...

— Caramba! — exclamou, com um pequeno arquejar que não lhe agradou nada. — Devo ter andado quase dois quilômetros. No mínimo dois quilômetros.

Insetos à sua volta. Mosquitos à frente dos olhos, mosquitos nojentos, que pareciam pairar como helicópteros junto às suas orelhas, emitindo aquele zumbido enlouquecedor. Tentou esborrachar um, mas falhou, acertando na orelha. E mesmo assim teve de se impedir de continuar. Se começasse a fazer aquilo, acabaria por se agredir a si própria, como as personagens dos velhos desenhos animados.

Pousou a mochila, acocorou-se, desapertou as correias e abriu-a. Ali estava a sua capa azul e o saco de papel com o almoço, que ela própria preparara; ali estava o seu *Gameboy* e o protetor solar (não ia precisar dele, agora que o Sol já desaparecera e os pedaços de céu azul começavam a escurecer); ali estava a garrafa de água e outra de refrigerante, o bolo e um pacote de batatas. No entanto, não encontrou o repelente de insetos. Então, em vez do repelente, Trisha untou-se com o protetor solar — talvez aquilo afastasse os mosquitos — e voltou a meter tudo na mochila. Hesitou um momento ao olhar para o bolo, mas depois guardou-o lá dentro com o resto das coisas. Adorava-o; quando chegasse à idade de Pete, teria muitas espinhas, se não aprendesse a pôr de lado os doces, mas, por enquanto, não sentia a mínima fome.

«Além disso, talvez nunca chegue à idade do Pete», disse aquela perturbante voz interior. Como é que uma pessoa podia ter uma voz tão fria e assustadora dentro de si? Um traidor da pátria tão grande? «Talvez nunca chegue a sair da floresta.»

— Cale-se, cale-se, cale-se... — murmurou, apertando a fivela da mochila com dedos trêmulos. Quando terminou, começou a se levantar, hesitando de novo, com um joelho na terra macia ao lado dos abetos, a cabeça virada para cima, cheirando o ar como uma corça no primeiro passeio sem a mãe. Mas Trisha não cheirava o ar; escutava com toda a concentração.

Ramos a agitarem-se com o suave bafo da brisa. Mosquitos a zumbir (malditos bichos!). O pica-pau. O grasnar distante de um corvo. E, no limiar entre o silêncio e o som, o motor de um avião. Não vinham vozes da trilha. Nem uma única voz. Parecia que a trilha para North Conway fora encerrado. E quando o motor do avião deixou de se ouvir, Trisha admitiu a verdade.

Levantou-se, sentindo as pernas e o estômago pesados. A cabeça estava leve e estranha, semelhante a um balão cheio de gás amarrado a um peso. Sentia-se muito sozinha e quase não conseguiu respirar ao imaginar-se um ser humano expulso da companhia dos outros seres humanos. Conseguira de alguma forma sair do perímetro de segurança, afastando-se do campo de jogo e entrando num local onde as regras a que estava habituada já não se aplicavam.

— Ei! — gritou. — Ei!, alguém me ouve? Alguém me ouve? Ei! — Fez uma pausa, rezando para que alguém lhe respondesse, mas, ao ver que isso não acontecia, Trisha guardou o pior para o fim: — Ajudem-me, estou perdida! Ajudem-me, estou perdida! — Sentiu as lágrimas marejarem-lhe os olhos e não foi capaz de retê-las, não foi capaz de se convencer de que dominava a situação. A sua voz estava trêmula, tornou-se primeiro o lamuriar de uma criança e depois quase o grito de um bebê que está esquecido no berço, e esse som assustou-a mais do que qualquer outra coisa que já acontecera naquela manhã horrível; o único som humano na floresta era a sua voz aguda e chorosa a gritar por ajuda, a gritar por ajuda porque estava perdida.

TERCEIRO «INNING»

Gritou talvez durante quinze minutos, às vezes com as mãos em concha junto à boca, orientando a voz na direção onde imaginava que se encontrava a trilha, ali parada junto aos abetos. Emitiu um último grito — não uma palavra, apenas o guincho agudo resultante da combinação da ira e do medo — tão alto que lhe fez doer a garganta, depois sentou-se junto à mochila, enterrou o rosto nas mãos e começou a chorar. Chorou talvez durante cinco minutos (era impossível ter certeza, deixara o relógio em casa, na mesa-de-cabeceira, mais uma decisão inteligente da «Grande Trisha»...), e quando parou sentiu-se um pouco melhor... se não fossem os insetos. Estavam em toda a parte, rastejando e zumbindo, a tentar beber o seu sangue e sugar o seu suor. Os insetos estavam enlouquecendo-a. Trisha tornou a se levantar, agitando no ar o boné dos Red Sox, lembrando-se a tempo de não os esborrachar, sabendo que acabaria por fazê-lo em breve, se as coisas não melhorassem. Não seria capaz de se conter.

Deveria caminhar ou deixar-se ficar onde estava? Não sabia o que era melhor; já se sentia assustada demais para pensar de forma racional. Os pés decidiram por ela e Trisha voltou a andar, olhando em volta, receosa, limpando os olhos inchados com o braço. Da segunda vez que levou a mão ao rosto viu que ela trazia agarradas dezenas de mosquitos e bateu as mãos, esborrachando três. Dois deles estavam cheios até estourar. Normalmente, a visão do seu próprio sangue não a incomodava, mas daquela vez ficou sem forças nas pernas e voltou a sentar-se num tapete de agulhas de pinheiro, recomeçando a chorar. Sentia uma ligeira dor de cabeça e uma espécie de enjôo. «Mas ainda há pouco eu estava na caminhonete», pensou uma e outra vez. «Na caminhonete, no banco de trás, a ouvi-los discutir.» Tornou a lembrar-se da voz irada do irmão a pairar entre as árvores: «[...] não sei porque é que nós temos de pagar pelos seus erros!» Ocorreu-lhe que talvez fossem as últimas palavras que ouviria de Pete, e a idéia fê-la estremecer, como se tivesse visto um vulto monstruoso nas sombras.

Desta vez as lágrimas secaram mais depressa e o choro não foi tão intenso. Quando voltou a levantar-se (agitando o boné em torno da cabeça quase sem se aperceber) sentiu que estava quase calma. Naquela altura eles já deviam ter ido embora. A mãe julgaria que Trisha ficara chateada por estarem a discutir e que regressara à caminhonete. Iriam chamá-la e depois voltariam para trás, perguntando às pessoas que encontrassem na trilha se não tinham visto uma garota com um boné dos Red Sox («ela tem nove anos, mas é alta para a idade e parece mais velha», diria a mãe), e quando chegassem ao parque de estacionamento e descobrissem que ela não se encontrava na caminhonete começariam a ficar seriamente preocupados. A mãe talvez ficasse mesmo em pânico. Pensar no medo dela fez Trisha sentir-se culpada, e, ao mesmo tempo, assustada. Iria haver uma grande agitação, talvez até envolvendo os guardas-florestais, e a culpa era toda sua. Saíra da trilha.

Estes pensamentos fizeram Trisha sentir-se ainda mais ansiosa e recomeçar a andar depressa, esperando conseguir voltar a trilha antes de todos os telefonemas poderem ser feitos, antes de se transformar naquilo a que a mãe chamava «um espetáculo público». Caminhou sem o cuidado anterior de avançar de ponto de referência em ponto de referência numa linha reta, dirigindo-se cada vez mais para oeste sem perceber, afastando-se da trilha dos Apalaches e dos seus caminhos secundários, virando numa direção onde havia pouco mais que floresta cheia de vegetação rasteira, ravinas e terreno ainda mais acidentado. De vez em quando gritava e punha-se à escuta, punha-se à escuta e gritava. Teria ficado abismada se soubesse que a mãe e o irmão continuavam a discutir e ainda não tinham percebido de que ela desaparecera.

Caminhou cada vez mais depressa, afastando com a mão as nuvens rodopiantes de mosquitos, sem se preocupar em contornar os arbustos e caminhando direto por entre eles. Punha-se à escuta e gritava, gritava e punha-se à escuta, só que já não ouvia nada, não era capaz. Não sentiu os mosquitos pousados na parte de trás do pescoço, alinhados logo abaixo do cabelo, como os bebuns num bar emborcando álcool; não os sentiu a ficar presos e a agitarem-se nos sulcos ligeiramente pegajosos onde as suas lágrimas ainda não tinham secado.

A sua entrada em pânico não foi súbita, como quando vira a cobra, mas sim estranhamente gradual, acabando por impedi-la de perceber o resto. Avançou depressa sem

ver para onde ia; gritou por ajuda sem escutar a sua própria voz; escutou sem ser capaz de ouvir um grito dado de trás da árvore mais próxima. E, quando começou a correr, fê-lo sem se perceber. «Tenho de manter a calma», pensou, enquanto os seus pés ultrapassavam o passo de *endurance.* «Ainda há pouco estava na caminhonete», pensou de novo, quando o passo de corrida se transformou em *sprint.* «[...] não sei porque é que nós temos de pagar pelos seus erros!», recordou-se, desviando-se, por pouco, de um ramo que pareceu lançar-se na direção dos seus olhos. Arranhou-lhe o rosto, fazendo aparecer sangue na face esquerda.

A brisa no seu rosto enquanto corria, atravessando uma moita e fazendo estalar alguns ramos com um som que parecia muito distante (não se apercebeu dos espinhos que lhe rasgavam as calças e os braços), era fresca e estranhamente estimulante. Subiu por um declive, correndo a toda a velocidade com o boné torto e o cabelo a esvoaçar — a fita que segurara o rabo-de-cavalo já desaparecera há muito —, saltou sobre pequenas árvores que haviam caído durante uma tempestade remota... e, de repente, viu um enorme vale azul-acinzentado estender-se diante dos seus olhos, com penhascos de granito cor de bronze na extremidade mais distante, a quilômetros do local onde ela se encontrava. E à sua frente não havia nada a não ser o brilho acinzentado do ar estival onde ela cairia e ficaria até à morte, a rolar e a gritar pela mãe.

Deixou novamente de pensar, a mente perdida naquele tumulto branco do terror, mas o seu corpo percebeu instintivamente de que era impossível parar a tempo de evitar cair pelo precipício. Só lhe restava esperar conseguir redirecionar o seu movimento antes que fosse tarde demais. Trisha inclinou-se para a esquerda e, quando o fez, o seu pé direito ficou no ar, junto ao precipício. Ouviu as pedras empurradas pelo pé escorregarem por ali abaixo numa pequena cascata.

Trisha continuou a andar ao longo da faixa onde o chão coberto de agulhas de pinheiro da floresta dava lugar à pedra nua que assinalava a extremidade do penhasco. Correu, percebendo de forma confusa o que quase lhe acontecera e recordando-se vagamente de um filme de ficção científica em que o herói iludia um dinossauro furioso e o fazia precipitar-se no abismo.

À sua frente viu um freixo caído com os últimos seis metros suspensos no vazio, como a proa de um barco, e agarrou-se a ele, abraçando-o, com o rosto arranhado e ensanguentado encostada ao tronco macio, inspirando a custo com gritinhos e libertando o ar em soluços. Ficou assim durante bastante tempo, a tremer abraçada à árvore. Por fim abriu os olhos. A sua cabeça girou para a direita e olhou para baixo antes que se pudesse impedir.

Naquele ponto, a altura do penhasco era de apenas cerca de quinze metros, e terminava numa pilha de cascalho branco e pontiagudo, onde nasciam pequenos arbustos de um verde muito vivo. Havia também várias árvores e ramos a apodrecer — madeira morta empurrada por uma tempestade antiga. Surgiu então uma imagem na mente de Trisha, terrível pela sua clareza. Viu-se cair em direção àquela pilha de ramos, gritando e agitando os braços enquanto mergulhava no vazio; imaginou um ramo morto a perfurar-lhe o queixo e a emergir entre os seus dentes, espetando-lhe a língua no céu da boca como um *post-it* vermelho, depois dilacerando-lhe o cérebro e matando-a.

— Não! — gritou, revoltada com a imagem e apavorada pela sua plausibilidade. Recuperou o fôlego. — Estou bem — tranquilizou-se, falando baixinho e depressa. Os arranhões nos braços e no rosto pulsavam e estavam alagados em suor (só agora começava a aperceber-se destes ferimentos). — Estou bem. Não há azar. Pois...

Largou o freixo, levantou-se a cambalear e tornou a agarrar-se a ele quando o pânico a invadiu. Uma parte irracional do seu cérebro esperava que o chão se inclinasse e que a atirasse para o vazio.

— Estou bem — repetiu, ainda baixinho e depressa. Passou a língua pelo lábio superior e saboreou o sal úmido. — Estou bem, estou bem.

Repetiu aquelas palavras uma e outra vez, mas só ao fim de alguns minutos conseguiu

persuadir os seus braços a largarem o freixo pela segunda vez. Quando o fez, Trisha recuou, afastando-se do precipício. Ajeitou o boné (virando-o de forma que a pala ficasse para trás, sem se aperceber) e olhou para o vale. Viu o céu, já cheio de nuvens de chuva, e avistou cerca de seis mil milhões de árvores, mas não vislumbrou sinal de vida humana — nem sequer o fumo de uma fogueira.

— Mas eu estou bem... estou bem. — Recuou mais um passo e soltou um gritinho quando qualquer coisa (cobras, cobras) roçou na parte de trás dos seus joelhos. Claro que eram apenas arbustos. Mais gaultérias, a floresta estava cheia delas, iac! E os insetos tinham voltado a descobri-la. Estavam a reagrupar-se numa nuvem, centenas de pequenos pontos negros a dançar junto aos seus olhos, só que desta vez os pontos eram maiores e pareciam abrir-se como botões de rosas negras. Trisha só teve tempo de pensar: «Vou desmaiar, isto é desmaiar», e caiu de costas sobre os arbustos, os olhos revirados, vendo-se apenas o branco, os insetos pairando numa nuvem trêmula sobre o seu rosto pálido. Passado algum tempo, dois dos mosquitos pousaram nas suas pálpebras e começaram a alimentar-se.

COMEÇO DO QUARTO «INNING»

«A mãe andava a mudar os móveis», foi esse o primeiro pensamento de Trisha ao acordar. O segundo foi que o pai a levara a Lynn, ao ringue de patinação, e que o que ela ouvia era o som dos outros meninos a deslizar na velha pista inclinada. Depois qualquer coisa fria lhe molhou o nariz e ela abriu os olhos. Outra gota de água caiu bem no meio da sua testa. Um raio atravessou o céu, fazendo-a esboçar um esgar e desviar o olhar. Seguiu-se um segundo trovão, que a assustou e a fez rolar para o lado. Colocou-se instintivamente na posição fetal, emitindo um grito rouco. Depois os céus abriram-se.

Trisha sentou-se, agarrando inconscientemente no boné de baseball e enfiando-o na cabeça quando ele caiu, ofegando como se tivesse sido atirada de forma abrupta para um lago gelado (e era mesmo essa a sensação). Levantou-se a cambalear. Ouviu-se outro trovão e o relâmpago abriu uma costura púrpura no ar. De pé, com a chuva a molhar-lhe a ponta do nariz e o cabelo molhado colado à cara, Trisha viu um espruce alto e meio podre no vale lá em baixo explodir em dois e tombar a arder. Logo depois, a chuva começou a cair com tanta força que o vale parecia um fantasma pouco definido envolto em gaze cinzenta.

Trisha recuou, tornando a abrigar-se na floresta. Ajoelhou-se, abriu a mochila e tirou de lá a capa de chuva azul. Vestiu-o («mais vale tarde do que nunca», teria dito o pai) e sentou-se na árvore caída. Ainda se sentia tonta e as pálpebras estavam inchadas; tinha muita coceira. As árvores protegiam-na um pouco da chuva, mas não muito; a chuva caía com força demais. Trisha enfiou o capuz da capa de chuva e ouviu as gotas baterem nele, como a chuva no teto de um carro. Viu a sempre presente nuvem de insetos a dançar junto aos seus olhos e

enxotou-os com a mão fraca. «Nada os faz ir embora e têm sempre fome; alimentaram-se das minhas pálpebras enquanto estive desmaiada e vão alimentar-se do meu corpo quando eu morrer», pensou, recomeçando a chorar. Daquela vez chorou baixinho, sentindo-se extremamente deprimida. E, enquanto isso, continuou a enxotar os insetos, encolhendo-se de cada vez que os trovões ribombavam.

Sem relógio e sem sol, não fazia idéia das horas. Sabia apenas que estava ali sentada, um pequeno vulto com uma capa de chuva azul sentado numa árvore morta, até que a trovoada começou a afastar-se para este, parecendo-lhe um rufião vencido, mas, mesmo assim, persistente. A chuva continuava a cair. Os mosquitos zumbiam e um deles ficara preso dentro do capuz, junto à orelha. Bateu com o polegar na cabeça e o zumbido parou abruptamente.

— Pronto — disse ela, desconsolada. — Você já está acabado, patife!

Levantou-se e o seu estômago roncou. Não sentira fome antes, mas agora estava faminta. Era horrível pensar que se encontrava perdida havia tempo suficiente para sentir fome. Perguntou a si mesma mais quantas coisas horríveis a aguardavam e sentiu-se contente por não saber, por não as poder prever. «Talvez nenhuma», pensou. «Então, menina, anime-se, talvez as coisas horríveis já aconteceram todas.»

Trisha despiu a capa. Antes de abrir a mochila, olhou para o seu corpo. Estava encharcada da cabeça aos pés e coberta de agulhas de pinheiro, por ter caído desmaiada no chão — o seu primeiro desmaio. Teria de contar a Pepsi, partindo do princípio que voltaria a vê-la.

— Não comece com isso — repreendeu-se, desapertando as fivelas. Tirou as coisas que havia levado para comer e beber, pousando-as no chão, muito bem alinhadas. Ao ver o saco de papel pardo com o almoço, o estômago roncou com mais força. Que horas seriam? O

relógio mental ligado ao seu metabolismo sugeriu que podiam ser três da tarde, oito horas depois de ter estado à mesa da cozinha a comer *cornflakes,* cinco depois de se ter metido naquele idiota atalho interminável. Três horas. Talvez quatro.

No saco de papel estava um ovo cozido com casca e um sanduíche de atum e aipo. Havia ainda um pacote de batatas fritas (pequeno), uma garrafa de água (bastante grande), a garrafa de *Sprite* (grande, ela adorava *Sprite)* e o bolo.

Ao olhar para a garrafa de refrigerante de lima-limão, Trisha sentiu subitamente mais sede do que fome... e um enorme desejo de açúcar. Abriu a tampa. Levou a garrafa aos lábios e parou. «Não era muito inteligente beber logo metade», pensou, «por muita sede que tivesse. Poderia ainda ficar ali muito tempo.» Uma parte de si gemeu e tentou repelir essa idéia, considerá-la ridícula e pô-la de lado, mas Trisha não podia dar-se a esse luxo. Poderia voltar a pensar como uma criança quando estivesse longe da floresta, mas, por enquanto, precisava raciocinar o mais possível como um adulto.

«Já viu o que há ali», pensou, «um enorme vale apenas com árvores. Nada de estradas, nada de fumaça. Tem de ser inteligente. Tem de conservar os mantimentos. A mãe diria a mesma coisa, e o pai também.»

Permitiu-se beber três goles de refrigerante, afastou a garrafa da boca, arrotou e bebeu mais dois goles rápidos. Depois voltou a fechar bem a tampa e pôs-se a pensar no resto da comida.

Decidiu-se pelo ovo. Tirou-lhe a casca, voltou a pô-la com cuidado no saco de onde o ovo tinha vindo (não lhe ocorreu, nessa altura ou mais tarde, que o lixo — ou qualquer vestígio de que ela ali estivera — poderia salvar-lhe a vida), e pôs-lhe um pouco de sal. Esse gesto fê-la soltar um pequeno soluço e imaginar-se na cozinha em Sanford na véspera à noite,

a guardar o sal num pedaço de papel vegetal e depois a dobrá-lo como a mãe lhe ensinara. Viu a sombra da sua cabeça e das suas mãos no balcão de fórmica projetada pela luz do teto; escutou o som do noticiário televisivo na sala de estar; ouviu ranger de cada vez que o irmão se mexia lá em cima. Aquela recordação tinha uma tal clareza alucinógena que se tornou quase numa visão. Trisha sentiu-se como um náufrago a recordar-se de como era estar no barco, tranqüilo e descontraído, tão inconscientemente a salvo.

Porém, ela tinha nove anos, quase dez, e era alta para a idade. A fome era mais forte do que todas as recordações ou medos. Salpicou o ovo com sal e comeu-o rapidamente, continuando a fungar. Era delicioso. Era capaz de comer mais um, talvez até dois. A mãe dizia que os ovos eram «bombas de colesterol», mas a mãe não se encontrava ali e o colesterol não parecia ser uma coisa muito importante quando uma pessoa estava perdida na floresta, toda arranhada e com as pálpebras tão inchadas pelas picadas dos insetos que parecia ter um peso em cima (talvez massa colada às pestanas).

Trisha olhou para o bolo, rasgou o papel e comeu um pouco.

— Fabuloso — disse. Era um dos elogios que Pepsi costumava fazer. Depois empurrou tudo com um gole de água. Em seguida, agindo com rapidez, não fosse a mão traiçoeira enfiar outra coisa na boca, meteu tudo no saco da comida (conseguiu enrolá-lo um pouco mais para baixo), verificou se a garrafa de *Sprite* estava bem fechada e guardou as coisas todas na mochila. Ao fazê-lo, os dedos tocaram em algo que estava de lado e Trisha sentiu-se invadida por uma onda de euforia, talvez parcialmente alimentada pelas calorias ingeridas.

O seu *walkman*! Tinha trazido o seu *walkman*! Maravilha!

Abriu o fecho da bolsa interior da mochila e tirou-o de lá com a reverência de um

padre a levantar a hóstia. O fio estava enrolado à volta do *walkman* e os minúsculos auscultadores bem juntos ao plástico preto. Tinha ali a fita cassete de que ela e Pepsi mais gostavam na altura *(Tubthumper,* dos Chumbawamba), mas, naquele momento, não estava interessada em música. Enfiou os fones nas orelhas, ajeitou-os, empurrou a trava para «RÁDIO» e ligou-o.

A princípio ouviu apenas estática, porque tinha sintonizada a WMGX, um posto de Portland. Um pouco mais à frente na banda de FM vinha a WOXO, de Norway, e quando rodou o botão para o outro lado apanhou a WCAS, a pequena estação de Castle Rock, uma cidade por onde tinham passado nessa manhã, a caminho da trilha dos Apalaches. Quase conseguiu ouvir o irmão, a sua voz cheia do sarcasmo juvenil recém-descoberto, a dizer algo parecido com «WCAS! Hoje o vilarejo, amanhã o mundo!» E era de fato um posto de vilarejo, disso não restavam dúvidas. Cantores *country* como Mark Chestnutt e Trace Adkins, intercalados pela voz da locutora, que recebia telefonemas de pessoas que queriam vender máquinas de lavar, de secar, *Buicks,* e espingardas de caça. Mesmo assim, era um contato humano, vozes na floresta, e Trisha deixou-se ficar sentada na árvore caída, imóvel, a enxotar com ar ausente a constante nuvem de insetos com a ajuda do boné. Da primeira vez que ouviu as horas eram três e nove.

Às três e meia, a locutora interrompeu as chamadas telefônicas durante o tempo suficiente para ler o noticiário local. Os habitantes de Castle Rock andavam muito preocupados com um bar onde havia bailarinas em *topless* nas noites de sexta e sábado, deflagrara um incêndio num lar da terceira idade (ninguém ficara ferido) e a via rápida de Castle Rock deveria reabrir no 4 de Julho com piso novo e muitos fogos-de-artifício. A tarde iria ser de chuva, à noite o tempo iria melhorar, no dia seguinte estaria sol e a temperatura máxima seria de 30° C. E pronto. Nada de crianças desaparecidas. Trisha não sabia se havia de sentir-se aliviada ou preocupada.

Estendeu a mão para desligar o *walkman,* a fim de poupar as pilhas, mas deteve-se quando ouviu a locutora acrescentar: — Não se esqueçam que os Red Sox, de Boston, enfrentam logo às sete horas os irritantes New York Yankees; poderão ouvir o relato aqui na WCAS, onde estaremos a apoiar os Sox. Regressamos agora...

«Regressamos agora ao pior dia que uma criança já teve», pensou Trisha, desligando o rádio e enrolando novamente o fio em volta do corpo de plástico preto. No entanto, a verdade era que se sentia quase bem pela primeira vez desde que aquele desagradável adejar começara a fazer-se sentir na sua barriga. Em parte, o motivo era porque tinha algo que comer, mas Trisha desconfiava que o rádio era o grande causador. Vozes, verdadeiras vozes humanas que pareciam tão próximas.

Em cada uma das suas coxas havia um aglomerado de mosquitos a tentar perfurar a ganga das calças. Ainda bem que não trouxera calções, se não já teria sido comida.

Afastou os mosquitos e depois levantou-se. E agora? Sabia alguma coisa acerca do que era estar perdido na floresta? Bom, sabia que o Sol surgia a nascente e se punha a poente; era praticamente tudo. Tinham-lhe dito uma vez que o musgo crescia no lado norte ou no lado sul de uma árvore, mas já não conseguia lembrar-se de qual deles. Talvez o melhor fosse ficar ali sentada, tentar fazer uma espécie de abrigo (mais por causa dos insetos do que por causa da chuva; dentro do capuz da capa de chuva havia de novo mosquitos e estavam a deixá-la doida) e esperar que alguém aparecesse. Se tivesse fósforos, talvez conseguisse fazer uma fogueira — a chuva impediria que o fogo se alastrasse —, e alguém acabaria por ver a fumaça. Claro que, se os porcos tivessem asas, o *bacon* voaria. O pai costumava dizer isso.

— Espera aí... — murmurou. — Espera aí...

Qualquer coisa a respeito de água. Descobrir o caminho na floresta com a ajuda da água. Mas o que...?

Recordou-se e sentiu-se novamente exultante. A sensação foi tão intensa que quase a deixou com vertigens; chegou mesmo a dar saltinhos, como se tivesse ouvido uma música mexida.

«Procura um riacho.» Não fora a mãe que lhe dissera, lera-o num livro havia alguns anos, talvez quando tinha sete. Procura-se um riacho e segue-se ao longo dele e, mais cedo ou mais tarde, ele conduz-nos para fora da floresta ou até um percurso de água maior. Se fosse um percurso de água maior, então seguíamo-lo até ele nos conduzir até outro ainda maior. Mas no fim a água corrente tinha de nos levar para fora da floresta, porque os rios correm sempre para o mar, e junto ao mar não há florestas, só praias e pedras e, de vez em quando, um farol. E como iria ela encontrar um riacho? Ora, seguiria o precipício, claro. Aquele onde quase caíra, de tão estúpida. O precipício conduzi-la-ia numa direção precisa e, mais cedo ou mais tarde, encontraria um riacho. As florestas estavam cheias deles.

Voltou a pôr a mochila nas costas (desta vez por cima da capa) e avançou até à beira do precipício, junto ao freixo caído. Recordou o seu percurso assustado pela floresta com o misto de indulgência e embaraço que os adultos sentem quando recordam os piores comportamentos que tiveram na infância, mas percebeu que não seria capaz de se chegar muito à beira do precipício. Ficaria enjoada se o fizesse. Poderia voltar a desmaiar... ou talvez vomitasse. E vomitar a comida quando tinha tão pouca não era nada boa idéia.

Virou à esquerda e começou a andar através da floresta, com o precipício sempre a cerca de seis metros à sua direita. De vez em quando obrigava-se a ir até à extremidade, para se certificar de que não se afastara — de que o precipício, com a sua magnífica vista, ainda ali estava. Esforçou-se por ouvir vozes, embora sem grande esperança; a trilha podia não estar muito longe, e encontrá-lo seria um golpe de sorte. Mas que ela tentava mesmo ouvir era o barulho de água corrente, e por fim ouviu-o.

«Não me servirá de nada se ele descer aquele estúpido penhasco numa queda-d'água», pensou, decidindo aproximar-se do precipício o suficiente para ver a altura dele antes de chegar ao riacho. Ao menos para não ter nenhuma decepção.

Ali as árvores haviam recuado um pouco e o espaço entre a orla da floresta e o precipício estava cheio de arbustos. Dali a quatro ou cinco semanas encontrar-se-iam cheios de vacínios[2]. Naquela altura, contudo, as bagas eram ainda muito pequenas, verdes e impossíveis de comer. Ainda assim, havia gaultérias; estava-se na altura delas e talvez não fosse má idéia lembrar-se disso. Não fosse o Diabo tecê-las.

O solo entre os vacínios tinha muitas pedras soltas. Ao andar, Trisha tinha a sensação de que estava pisando pratos partidos, devido ao som. Caminhou mais devagar naquela zona e, quando ficou a cerca de três metros do precipício, deitou-se e rastejou. «Estou em segurança, perfeitamente em segurança porque sei que ele está ali, não vale a pena preocupar-me», pensava, mas o seu coração batia com toda a força. Então, quando chegou à extremidade, soltou uma gargalhada perplexa, porque o precipício praticamente desaparecera.

A vista do vale continuava a ser boa, mas em breve deixaria de o ser, porque o terreno descera bastante em relação a ele; Trisha preocupara-se tanto em escutar e em pensar (essencialmente esforçando-se por não perder a cabeça, para não ter de novo um ataque de pânico) que nem sequer reparara. Rastejou mais um pouco, abrindo caminho entre uma última barreira de arbustos, e olhou para baixo.

O precipício tinha agora apenas cerca de seis metros e já não era a direto — a encosta rochosa tinha um certo declive. Lá em baixo havia árvores raquíticas, mais vacínios sem polpa e emaranhados de silvas. E, espalhados por toda a parte, montes de pedra partida. O dilúvio parara, os trovões ouviam-se apenas de vez em quando, mas continuava a chuviscar e aqueles montes de pedra tinham um desagradável aspecto escorregadio, semelhante à escória de uma mina.

Trisha recuou e levantou-se, continuando a avançar através dos arbustos na direção do som da água corrente. Começava a sentir-se cansada, doíam-lhe as pernas, mas achou que, no geral, estava bem. Tinha medo, é claro, mas não tanto como antes. Acabariam por encontrá-la. Quando alguém se perdia na floresta era sempre encontrado. Mandavam aviões, helicópteros e pessoas com cães-caça e procuravam até a pessoa desaparecida ser encontrada.

«Ou talvez me safe sozinha», pensou. «Talvez encontre uma cabana em algum lugar, parto o vidro da janela, se a porta estiver trancada e se na casa não houver ninguém; depois pego no telefone...»

Imaginou-se na cabana de um caçador que não era utilizada desde o último Outono; via a mobília coberta com panos desbotados aos quadrados e uma pele de urso no chão de madeira. Sentia o cheiro do pó e de cinzas velhas; aquela visão foi tão clara que quase sentiu o cheiro a café antigo. A. casa estava vazia, mas o telefone funcionava. Era dos antigos, com o fone tão pesado que tinha de ser levantado com ambas as mãos, mas funcionava e ela ouviu-se dizer: «Alô, mãe? É a Trisha. Não sei exatamente onde estou, mas estou b...»

Encontrava-se tão absorta no sonho da cabana imaginária que quase caiu num pequeno riacho que saía da floresta e descia em cascata pelo declive cheio de cascalho.

Trisha agarrou-se aos ramos de um amieiro e ficou a olhar para a água, chegando mesmo a sorrir. Fora um dia horrível, pronto, *três* horríveis, mas a sorte parecia finalmente estar a mudar e isso era excelente. Avançou até à extremidade. O riacho caía em cascata, fazendo um pouco de espuma, batendo de vez em quando numa pedra maior e levantando salpicos que, numa tarde ensolarada teriam tido arco-íris. O declive de ambos os lados da água parecia traiçoeiro e pouco fiável — havia muita pedra solta e molhada. Ainda assim, estava cheio de arbustos. Se começasse a deslizar por ali abaixo, poderia agarrar-se a um deles, tal como se agarrara ao amieiro junto ao riacho.

— A água vai dar aos locais onde há pessoas — disse para consigo, começando a descer.

Avançou de lado, aos saltinhos, à direita do riacho. A princípio correu tudo bem, embora o terreno fosse mais íngreme do que parecera lá de cima, e o chão deslizava sob os seus tênis de cada vez que se mexia. A mochila, que até ali não lhe pesara, começou a parecer um bebê grande e instável num daqueles panos que as mães usam a tiracolo; de cada vez que ela pendia para um lado, Trisha tinha de agitar os braços para não perder o equilíbrio. No entanto, estava bem, o que era ótimo, porque, quando parou na metade da descida, com o pé direito enterrado nas pedras soltas, Trisha percebeu que não seria capaz de voltar a subir. De uma forma ou de outra, estava limitada ao vale.

Continuou a andar. A três quartos do percurso, um inseto — enorme, não um mosquito — voou direito para seu rosto. Era uma vespa, e Trisha tentou bater-lhe, soltando um grito. A mochila pendeu com violência para o lado da descida, o pé direito escorregou e ela desequilibrou-se, caiu, bateu nas pedras com o ombro, fazendo um baque, e começou a escorregar.

— Merda! — gritou, tentando firmar-se no chão. Porém, só conseguiu agarrar pedras soltas, que deslizaram com ela, e sentiu uma dor fortíssima quando um pedaço de quartzo partido lhe cortou a palma da mão. Agarrou-se a um arbusto e este soltou-se, com raízes e tudo. O seu pé bateu em qualquer coisa, a perna direita dobrou-se num ângulo doloroso e viu-se subitamente no ar, o mundo às voltas quando deu um mortal inesperado.

Trisha caiu de costas e continuou a deslizar, de pernas para o ar, a agitar os braços, gritando de dor, de medo e de surpresa. A capa e a parte de trás da blusa subiram-lhe até às omoplatas e pedras pontiagudas arrancaram-lhe pedaços de pele. Tentou travar com os pés. O esquerdo bateu numa saliência de xisto e virou-a para a direita, o que a fez rebolar, primeiro sobre a barriga, depois de costas e em seguida de novo sobre a barriga, a mochila enterrando-se nas costas de cada vez que rebolava. O céu estava em baixo, aquela maldita encosta de pedras soltas em cima, e depois trocaram de lugar — tudo rodando, mudando de angulo.

Trisha fez os últimos dez metros sobre o lado esquerdo do corpo, com o braço estendido e o rosto enterrado na dobra do cotovelo. Bateu em qualquer coisa suficientemente dura para lhe machucar as costelas desse lado... e depois, antes sequer de conseguir voltar a

olhar, sentiu uma dor aguda um pouco acima da maçã do rosto esquerda. Esmagou qualquer coisa com a mão — outra vespa, claro, o que mais havia de ser? — quando aquilo voltou a mordê-la; então abriu os olhos e viu-os todos a voar à sua volta: eram insetos amarelos e castanhos, com a parte de trás do corpo bastante pesada, fábricas de veneno roliças.

Trisha batera numa árvore morta no fim do declive, a cerca de sete metros do riacho. No ramo inferior da árvore, mesmo em frente aos olhos de uma menina de nove anos que era grande para a sua idade, encontrava-se um ninho de papel cinzento. Vespas trêmulas caminhavam sobre ele; havia mais a sair de um buraco em cima.

Trisha sentiu uma dor no lado direito do pescoço, logo a seguir ao boné. Depois outra ferroada no braço direito, acima do cotovelo. A gritar, completamente em pânico, levantou-se de um salto. Algo lhe picou na parte de trás do pescoço; algo lhe picou nas costas, um pouco cima das calças, no lugar onde a blusa continuava erguida e a capa de plástico feito em farrapos.

Correu na direção do riacho sem pensar, sem querer, sem premeditação; o solo nessa direção, felizmente, não tinha grandes impedimentos. Contornou os maciços de arbustos e, quando estes começaram a adensar-se, atravessou-os, disparada. Parou junto ao riacho, tentando recuperar o fôlego, espreitando com os olhos marejados de lágrimas (e cheios de temor) por cima do ombro. As vespas tinham desaparecido, mas haviam conseguido provocar grandes estragos antes de ela lhes ter escapado. O seu olho esquerdo, junto à primeira ferroada, encontrava-se quase fechado devido ao inchaço.

«Se eu reagir mal, morro», pensou, mas, depois do pânico que sentira, isso não a incomodava. Sentou-se à beira do riacho que tantos problemas lhe causara, a soluçar e a fungar. Quando se sentiu mais calma, tirou a mochila das costas. Tremia com força, e os tremores faziam o seu corpo retesar-se como uma mola e provocavam dores lancinantes nos lugares onde tinha sido picada. Abraçou a mochila, embalou-a como se fosse uma boneca e chorou copiosamente. Assim agarrada à mochila, pensou na sua boneca *Mona,* em cima do banco de trás da caminhonete, a querida *Moanie Balogna,* com os seus enormes olhos azuis. Houvera momentos, quando os pais estavam prestes a divorciar-se, em que *Mona* fora o seu

único consolo; por vezes, experimentara sentimentos que nem sequer Pepsi seria capaz de compreender. Porém, naquele momento, o divórcio dos pais parecia uma coisa sem importância. Havia problemas maiores do que adultos incapazes de se relacionar, havia vespas, por exemplo, e Trisha pensou que seria capaz de dar tudo para voltar a ver *Mona.*

Bom, pelo menos não iria morrer das ferroadas, senão já não estaria viva. Ouvira a mãe e Mrs. Thomas, a vizinha da frente, a falarem de alguém alérgico a ferroadas, e Mrs. Thomas dissera: «Dez segundos depois de ser picado, o pobre Frank estava inchado como um balão. Se não tivesse o seu estojozinho com a injeção, acho que teria sufocado.»

Trisha não se sentia a sufocar, mas as picadas latejavam muito, e lá que estavam inchadas como balões estavam. A que tinha perto do olho esquerdo formara um pequeno vulcão de pele que ela conseguia ver, e quando o tateou, a medo, sentiu uma forte dor, que a fez gritar. Já não estava chorando, mas os seus olhos continuavam marejados de lágrimas.

Com gestos lentos e cuidadosos, Trisha apalpou-se. Percebeu pelo menos meia dúzia de picadas (achou que havia um lugar, logo acima da coxa esquerda, onde devia ter duas ou até três; pois era a zona que lhe doía mais). Sentia as costas arranhadas e o braço esquerdo, com o qual se amparara na fase final da queda, estava coberto de sangue do pulso ao cotovelo. O lado do rosto onde o ramo roçara também sangrava.

«Não é justo», pensou. «Não é j...»

Então teve uma idéia terrível... só que era mais do que uma idéia, era uma certeza. O seu *walkman* estava partido, despedaçado em milhões de bocadinhos no seu bolso interior. Tinha de estar. Não era possível que tivesse sobrevivido à queda.

Trisha abriu as fivelas com os dedos trêmulos e conseguiu finalmente soltar as correias. Tirou o *Gameboy,* e esse sim, estava partido, nada restando da tela, onde os pequenos bonecos eletrônicos tinham pulado e rolado, a não ser estilhaços de vidro amarelo. O pacote de batatas também rebentara e a caixa branca do *Gameboy* estava coberta de migalhas engorduradas.

As duas garrafas de plástico, a da água e a de *Sprite,* encontravam-se amassadas, mas inteiras. O saco do almoço estava quase espalmado, semelhante a um animal morto na estrada (e coberto de mais batatas fritas), mas Trisha nem se deu ao trabalho de olhar para o seu interior. «O meu *walkman»,* pensou, sem perceber de que soluçava enquanto abria o fecho do bolso interior. «O meu pobre *walkman.»* Ficar separada até das vozes do mundo humano parecia ser insuportável, depois de tudo o que já lhe acontecera.

Trisha enfiou a mão no bolso e tirou de lá um milagre: o *walkman,* intacto. O fio dos fones, que ela enrolara com cuidado em volta do aparelho, soltara-se e estava todo emaranhado, mas só isso. Segurou o *walkman* na mão, olhando com ar incrédulo para ele e para o *Gameboy.* Como podia um estar inteiro e o outro todo partido? Como era isso possível?

«Não é», informou a voz fria e odiosa da sua cabeça. «Parece estar intacto, mas por dentro está todo partido.»

Trisha endireitou o fio, enfiou os minúsculos fones nos ouvidos e pôs o dedo no botão. Esquecera as ferroadas, as picadas dos outros insetos, os cortes e os arranhões. Fechou as pálpebras pesadas e inchadas.

— Por favor, meu Deus — pediu —, não permita que o meu *walkman* esteja avariado.

— Depois carregou no botão.

— Acabamos de receber uma notícia — disse a locutora (que podia muito bem estar a emitir da cabeça de Trisha). — Uma senhora de Sanford, que foi passear para a seção da trilha dos Apalaches, no município de Castle, com os dois filhos, comunicou o desaparecimento da filha de nove anos, Patrícia McFarland, na floresta, a oeste da TR-90 e da cidade de Motton.

Os olhos de Trisha abriram-se e ficou a ouvir o rádio durante os dez minutos seguintes, muito depois da WCAS ter passado para a música *country* e para uma reportagem de nascar, como alguém com um vício terrível. Ela desaparecera na floresta. Era oficial. Em breve as pessoas meteriam mãos à obra, fossem lá quem fossem. «As pessoas», pensava ela, «que mantinham os helicópteros e os perdigueiros a postos.» A mãe devia estar apavorada... e, contudo, Trisha sentiu uma satisfação estranha ao pensar nessa possibilidade.

«Não me vigiaram», pensou com alguma hipocrisia. «Não passo de uma criança e não me vigiaram. E se ela me chatear muito, direi: "Vocês não paravam de discutir e eu farteime."» Pepsi iria gostar; soava tanto a V. C. Andrews!...

Desligou finalmente o *walkman,* voltou a enrolar o fio, fez uma festa no estojo plástico e guardou-o com cuidado no bolso da mochila. Fitou o saco espalmado do almoço e percebeu que não tinha coragem de olhar, lá para dentro a fim de ver a forma do sanduíche de atum e do bolo. Seria muito deprimente. Ainda bem que comera o ovo antes de ele se transformar numa papa. Esse pensamento merecia uma risada, mas Trisha já não tinha risadas dentro de si; a sua velha fonte de risadas, que a mãe julgava inesgotável, parecia estar momentaneamente seca.

Trisha sentou-se na margem do pequeno riacho, que ali tinha uma largura inferior a um metro, e comeu com ar desconsolado as batatas fritas, tirando-as primeiro do pacote

rebentado, depois apanhando-as do saco do almoço e, por fim, rapando-as do fundo da mochila. Um grande inseto zumbiu junto ao seu nariz e ela recuou, gritando e levantando a mão para proteger o rosto, mas era apenas um moscardo.

Por fim, com gestos tão lentos como os de uma mulher com sessenta anos depois de um dia de trabalho árduo (era assim mesmo que Trisha se sentia, como uma mulher de sessenta anos depois de um dia de trabalho árduo), voltou a enfiar tudo na mochila — até o *Gameboy* partido — e levantou-se. Antes de apertar as fivelas, despiu a capa e segurou-o à sua frente. O plástico fino em nada a protegera durante a queda, e agora estava todo rasgado e agitava-se no ar de uma forma que ela teria considerado cômica noutras circunstâncias — parecia uma saia havaiana de plástico azul —, mas, mesmo assim, achou melhor guardá-lo. No mínimo, poderia protegê-la dos insetos, que haviam se reagrupado junto à sua cabeça. Os mosquitos eram ainda mais do que antes, e haviam sido, sem dúvida, atraídos pelo sangue dos seus braços. Talvez sentiam-lhe o cheiro.

— Iac! — fez Trisha, franzindo o nariz e agitando o boné no meio da nuvem de insetos —, que nojo! — Tentou convencer-se a si própria de que devia sentir-se grata por não ter partido um braço ou a cabeça, grata por não ser alérgica a ferroadas como Frank, o amigo de Mrs. Thomas, mas era difícil sentir-se grata quando se estava assustada, arranhada, inchada e bastante maltratada.

Vestia os restos da capa — a seguir poria a mochila nas costas — quando olhou para o riacho e reparou como as margens eram lamacentas. Baixou-se sobre um joelho, fazendo uma careta quando o cós das calças raspou na zona picada acima da anca, e pegou num punhado de barro castanho-acinzentado. Deveria ou não experimentar?

— Bom, que mal pode fazer? — perguntou, com um pequeno suspiro, esfregando a lama no inchaço da anca. Na verdade, a lama estava agradavelmente fresca, e o comichão diminuiu quase de imediato. Com cuidado, esfregou lama em todas as ferroadas que conseguia alcançar, incluindo a que tinha ao lado do olho esquerdo. Depois limpou as mãos nas calças jeans (tanto umas como outras estavam em muito pior estado do que há seis horas), vestiu a capa rasgada e pôs a mochila às costas. Felizmente, esta não tocava em nenhum dos lugares

onde ela fora picada. Trisha começou de novo a andar ao longo do riacho e, cinco minutos depois, entrou na floresta.

Seguiu a água durante as cerca de quatro horas seguintes, ouvindo apenas os pássaros e o zumbir incessante dos insetos. Chuviscou durante a maior parte do tempo, e uma vez choveu com força suficiente para ela voltar a ficar encharcada, embora tivesse se abrigado debaixo da maior árvore que conseguiu encontrar. Pelo menos daquela vez não houve nem trovões nem relâmpagos.

Trisha sentia-se cada vez mais uma menina da cidade à medida que o dia ia escurecendo progressivamente. Parecia que a floresta se fechava em seu redor. Caminhou durante algum tempo entre os enormes pinheiros, e aí a floresta era bonita, assemelhando-se à floresta de um desenho animado da Disney. Depois surgiu repentinamente um daqueles espaços fechados, e teve de abrir caminho por entre árvores ásperas e arbustos densos (e estes possuíam normalmente espinhos), desviando os ramos, que tentavam arranhar-lhe os braços e os olhos. O seu único objetivo parecia ser o de obstruir o caminho e, à medida que o cansaço foi dando lugar à exaustão, Trisha começou a achar que eles eram inteligentes, que percebiam a intrusa de capa de chuva rasgado. Começou a pensar que o desejo que tinham de a arranhar — e talvez de lhe conseguirem também arrancar um dos olhos — era secundário; o que os arbustos queriam mesmo era afastá-la do riacho, do caminho rumo às outras pessoas, ao seu bilhete de saída dali para fora.

Trisha estava disposta a afastar-se do riacho, se as árvores e os arbustos se tornassem muito densos na margem, mas recusava-se a deixar de o ouvir. Quando o seu barulho começava a ficar muito tênue, punha-se de gatinhas e rastejava sob os ramos mais agrestes, em vez de deslizar por entre eles à procura de uma aberta. Rastejar no chão molhado era o pior (nos pinhais o terreno estava seco e agradavelmente atapetado com agulhas, nas zonas de vegetação mais cerrada encontrava-se sempre molhado). A mochila arrastava-se entre os emaranhados de ramos e arbustos, às vezes chegando mesmo a ficar presa. E, durante todo esse tempo, por muita vegetação que houvesse, a nuvem de mosquitos pairava e dançava defronte do seu rosto.

Trisha percebeu o que tornava aquilo tão mau, tão desencorajador, embora não fosse capaz de o dizer. Tinha algo a ver com as coisas que ela não conseguia chamar pelo nome. Conhecia algumas, porque a mãe lhe falara delas: as bétulas, as faias, os amieiros, os espruces e os pinheiros; o martelar oco do pica-pau e o crocitar dos corvos; o cantar dos grilos quando o dia começava a escurecer... mas, e as outras? Se a mãe lhe tinha falado delas, Trisha já se esquecera, embora não achasse que isso tivesse acontecido. Considerava a mãe uma mulher citadina do Massachusetts que vivia no Maine havia algum tempo, que gostava de passear nas florestas e que lera alguns guias da Natureza. O que eram, por exemplo, aqueles arbustos frondosos com folhas verdes brilhantes (queira Deus que não fossem venenosas)? Ou as árvores pequenas com mau aspecto e troncos cinzento-acastanhados? Ou aquelas com folhas estreitas? A floresta junto a Sanford, a floresta que a mãe conhecia e onde passeava — às vezes com Trisha, outras vezes sozinha —, era uma floresta de brincar. Esta não.

Trisha tentou imaginar as centenas de pessoas que vinham em seu socorro. A sua imaginação era fértil e, a princípio, conseguiu fazê-lo com facilidade. Viu ônibus escolares amarelos com as palavras «Equipe de Salvamento» no lugar do destino parar em parques de estacionamento na zona da trilha dos Apalaches pertencente ao Maine. As portas abriam-se e libertavam homens de uniformes castanhos, alguns com cães acorrentados, todos com *walkie-talkies* presos aos cintos, alguns com megafones a pilhas; iria ouvi-los primeiro, grandes vozes divinas aumentadas a chamar:

— Patrícia McFarland, onde está? Se me ouve, aproxime-se!

Mas à medida que as sombras eram cada vez mais escuras e se adensavam, ela ouvia apenas o barulho do riacho — nem maior nem menor do que quando o descobrira no fundo do precipício — e o som da sua respiração. A imagem mental dos homens de uniformes castanhos foi-se desvanecendo aos poucos.

«Não posso ficar aqui a noite toda», pensou, «ninguém pode esperar que eu fique aqui a noite toda...»

Sentiu o pânico tentar de novo invadi-la, acelerando o bater do seu coração, secando-lhe a boca, fazendo os olhos latejar nas órbitas. Estava perdida na floresta, rodeada de árvores das quais não sabia o nome, sozinha num local onde o seu vocabulário de garota da cidade tinha pouca utilidade, restando-lhe apenas algum reconhecimento e alguma reação, ambos bastante primitivos. Passara de garota da cidade a garota das cavernas com facilidade.

Tinha medo do escuro mesmo quando estava em casa, no seu quarto, com a luz do candeeiro na esquina da rua a entrar-lhe pela janela, por isso achou que, se passasse a noite ali ao relento, morreria de medo.

Uma parte de si queria correr. Que importava se a água acabasse por levá-la até outras pessoas? Talvez isso não passasse de disparates do gênero de *Uma Casa na Pradaria.* Havia quilômetros que seguia o riacho, e ele só a levara para junto de mais insetos. Queria correr para longe, correr para onde as coisas fossem mais fáceis. Correr e encontrar pessoas antes que escurecesse. Não a ajudava pensar que a idéia era completamente excêntrica. Isso não atenuava o latejar dos seus olhos (e dos lugares onde fora picada, que naquele momento também latejavam) nem o gosto amargo do medo na sua boca.

Trisha abriu caminho por entre um emaranhado de árvores que cresciam tão em cima umas das outras que pareciam quase entrelaçadas e foi dar a uma clareira pequena em forma de crescente, onde o riacho fazia uma curva à esquerda. Este crescente, completamente rodeado de arbustos e árvores, pareceu a Trisha um pedaço do Paraíso. Até havia uma árvore caída para servir de banco.

Aproximou-se dele, sentou-se, fechou os olhos e tentou rezar, implorando socorro. Pedir a Deus que não permitisse que o seu *walkman* se estragasse fora fácil, porque o fizera quase inconscientemente. Naquele momento, contudo, era difícil rezar. Os seus pais não eram pessoas de ir à missa — a mãe era católica não praticante e o pai, tanto quanto Trisha sabia, nunca havia sido nada —, e viu-se perdida e sem vocabulário. Rezou o padre-nosso e este

saiu-lhe monocórdico e pouco reconfortante, tão útil como um abridor de latas elétrico seria ali naquele momento. Abriu os olhos e olhou em volta, percebendo de como o ar se tornava cada vez mais cinzento, esfregando nervosamente as mãos arranhadas.

Não se recordava sequer de falar de assuntos espirituais com a mãe, mas ainda não havia um mês perguntara ao pai se ele acreditava em Deus. Encontravam-se na parte de trás da sua casa em Malden, comendo sorvete comprado do vendedor, que ainda vinha numa caminhonete branca (pensar nisso deu a Trisha vontade de chorar outra vez). Pete encontrava-se «no parque», como se dizia em Malden, na paródia com os amigos.

— Deus — dissera o pai, parecendo saborear a palavra como se esta se tratasse de um novo sabor de sorvete; baunilha com Deus em vez de baunilha com chocolate. — Porque se lembrou disso, querida?

Ela abanara a cabeça, sem saber. Agora, sentada na árvore caída ao crepúsculo de Junho cheio de insetos, ocorreu-lhe uma idéia assustadora: e se tivesse perguntado aquilo porque uma parte de si adivinhara o futuro e pressentira que aquilo iria acontecer? Soubera, decidira que ela iria precisar de um pouco de Deus para se aguentar, e lançara o alerta?

— Deus — respondera lentamente Larry McFarland, lambendo o gelado. — Deus, bem, Deus... — Pensara durante mais algum tempo. Trisha estava sentada à mesa do jardim, olhando para o pequeno jardim do pai (cuja relva precisava de ser aparada), dando-lhe todo o tempo necessário. Por fim, ele respondeu. — Vou te dizer no que acredito. Acredito no Subaudível.

— No quê? — Fitara-o, sem perceber se ele estava ou não a brincar. Pelo menos não parecia estar.

— No Subaudível. Recorda-se de quando vivíamos em Fore Street? — Claro que se recordava da casa de Fore Street. Ficava a três quarteirões dali. Era uma casa maior, com um jardim também maior, que o pai mantinha sempre aparado. Nessa altura Sanford era só para os avós e para as férias de Verão, e Pepsi Robichaud era apenas sua amiga durante as férias e os peidos falsos eram a coisa mais divertida do mundo... tirando, é claro, os peidos verdadeiros. Em Fore Street a cozinha não cheirava a cerveja azeda como a cozinha daquela casa. Ela assentiu, recordando-se perfeitamente. — Essa casa tinha aquecimento elétrico. Lembra-se de como os aquecedores do térreo zumbiam mesmo quando não estavam a trabalhar? Até no Verão? — Trisha abanara a cabeça. E o pai assentira, como se já esperasse aquela resposta. — Isso era porque já estava habituada — continuou. — Mas acredite em mim, Trisha, o som era sempre constante. Mesmo numa casa onde não há aquecedores há ruídos. O frigorífico liga-se e desliga-se. Os canos tinem. O chão range. Os carros passam lá fora. Estamos sempre a ouvir essas coisas, pelo que, na maior parte das vezes, não nos percebemos delas. Tornam-se... — E fez um gesto incitando-a a concluir a frase, como era seu hábito desde que ela era criança e se sentava ao seu colo para aprender a ler. O seu querido e velho gesto.

— O Subaudível — replicou ela, não porque tivesse percebido o que a palavra significava, mas porque era evidente que o pai queria que ela a dissesse.

— Precisamente — confirmou o pai, fazendo de novo um gesto com o gelado na mão. Caíram-lhe algumas gotas de baunilha nas calças e Trisha perguntou a si mesma quantas cervejas teria ele já bebido naquele dia.

— Precisamente, querida, o Subaudível. Não acredito num Deus pensante que tome nota da morte de cada pássaro na Austrália ou de cada inseto na índia, num Deus que tem o registro de todos os nossos pecados num grande livro dourado e que nos vai julgar quando morrermos... não acredito num Deus que criasse pessoas más e que as mandasse propositadamente arder num Inferno que ele tenha criado... mas acredito que tem de haver qualquer coisa. — Olhara para o jardim com a relva demasiado grande, para o balanço que lá pusera para os filhos (Pete já era demasiado grande para andar nele e Trisha também, embora ainda o fizesse quando lá ia, só para agradar ao pai), para os dois anões de barro (um mal se via no meio da erva), para a vedação, que precisava urgentemente de uma pintura. Nesse

momento, o pai parecera-lhe velho. Um pouco confuso, um pouco assustado. («Um pouco perdido na floresta», pensou Trisha naquele momento, sentada na árvore caída com a mochila entre os tênis). Depois assentira e olhara para ela. — Sim, qualquer coisa. Uma espécie de força insensata do bem. Sabe o que quer dizer «insensata»? — Ela fizera que sim com a cabeça, sem perceber bem, mas sem querer que ele parasse para lhe explicar. Não queria que ele lhe ensinasse nada, não naquele dia; naquele dia queria apenas ouvi-lo. — Acho que há uma força que impede que os jovens bêbados, a maioria dos jovens bêbados, espatifem os carros dos pais quando regressam a casa do baile do liceu ou do seu primeiro concerto. Que impede que os aviões caiam quando alguma coisa corre mal. Não todos, mas a maior parte. Olha, o fato de ninguém ter usado uma bomba nuclear para atingir outros seres humanos desde mil novecentos e quarenta e cinco sugere que deve haver qualquer coisa do nosso lado. Claro que, mais cedo ou mais tarde alguém acabará por usar uma bomba nuclear, mas durante mais de meio século... é muito tempo. — Fizera uma pausa, olhando para os anões de barro com os seus rostos sorridentes. — Há qualquer coisa que impede que a maior parte das pessoas morra durante o sono. Não um Deus omnisciente, perfeito e cheio de amor, acho que não há nada que o prove, mas uma força.

— O Subaudível.

— Percebe.

Ela percebera, mas a idéia não lhe agradara. Era quase como receber uma carta que julgávamos que seria interessante e importante e que, quando a abríamos, víamos que era dirigida ao «Caro Morador».

— Acredita em mais alguma coisa, pai?

— Oh!, no costume. Na morte e nos impostos e que você é a menina mais bonita do

mundo.

— Paai! — Ela rira e contorcera-se quando a abraçara e a beijara na cabeça, gostando do seu toque e do seu beijo, mas não do cheiro a cerveja no seu hálito.

Largou-a e levantou-se.

— Também acredito que está na hora da cerveja. Quer um pouco de chá gelado?

— Não, obrigada — respondera ela, e talvez tivesse mesmo adivinhado qualquer coisa, porque, quando o pai começou a afastar-se, perguntou: — Acredita mesmo em mais alguma coisa? De verdade.

O sorriso dele desvanecera-se e a sua expressão era de seriedade. Ficou ali parado pensando (agora, sentada no tronco, Trisha recordou-se de que se sentira lisonjeada com o fato de ele estar a pensar tão intensamente por sua causa), com o gelado a começar a derreter-se na mão. Depois olhara para ela, de novo a sorrir.

— Acredito que o seu querido Tom Gordon pode safar quarenta jogos este ano — respondera. — Acredito que neste momento ele é o melhor *closer* de todas as equipas. Que, se ele não se lesionar e se os Sox não começarem a perder pontos, hão de chegar à final em Outubro. Acha suficiente?

— Sssim! — exclamara ela, a rir, já não tão séria... porque Tom Gordon era mesmo o seu querido, e ela adorava o pai por ele ter percebido isso e não ter ficado zangado. Correra para ele e abraçara-o com força, sujando a blusa de gelado, sem se importar. O que era isso entre amigos?

Naquele momento, sentada na escuridão crescente, rodeada pelo barulho da água, vendo as árvores desvanecer-se em sombras que em breve se tornariam ameaçadoras, esforçando-se por ouvir os gritos amplificados («Venha na direção da minha voz!») ou o latir distante dos cães, Trisha pensou: «Não posso rezar ao Subaudível. Não posso.» Também não podia rezar a Tom Gordon — seria ridículo —, mas talvez o pudesse ouvir a marcar contra os Yankees. A WCAS estava a transmitir o jogo dos Sox; ela podia ouvi-lo. Tinha de poupar as pilhas, sabia-o bem, mas podia ouvir um pouco do relato, não podia? E quem sabe? Talvez conseguisse escutar os gritos amplificados e o latir dos cães antes de o jogo terminar.

Trisha abriu a mochila, tirou o *walkman* do bolso com ar reverente e enfiou os fones. Hesitou um momento, certa de que o rádio já não funcionava, que um fio importante se soltara durante a queda e que, quando carregasse no botão, se seguiria apenas o silêncio. Era uma idéia estúpida, talvez, mas, num dia em que tantas coisas tinham corrido mal, parecia ser também uma idéia horrivelmente plausível.

«Vá lá, vá lá, não seja covarde!»

Carregou no botão e, miraculosamente, ouviu a voz de Jerry Trupiano... e, mais importante ainda, os sons de Fenway Park. Estava sentada ali na floresta escura, perdida e sozinha, mas podia escutar trinta mil pessoas. Era um milagre!

— ... chega para atrás — dizia Troop. — Toma balanço. Lança. E... terceiro lançamento anulado, Martinez apanhou-o a olhar! Oh!, foi uma beleza! Bateu no interior do

canto e Bernie Williams nem se mexeu! Caramba! E no final de dois *innings* e meio o resultado continua a ser de dois para os Yankees e zero para os Red Sox.

Uma voz cantada disse a Trisha para ligar o 1-800-54-GIANT se o pára-brisas do carro se tivesse partido, mas ela não a ouviu. Já tinham sido jogados dois *innings* e meio, o que significava que deviam ser oito horas. A princípio isso espantou-a, e, contudo, uma vez que a luz era cada vez menor, pareceu-lhe bastante plausível. Estava sozinha havia já dez horas. Parecia uma eternidade; parecia também ter passado num instante.

Trisha enxotou os insetos (este gesto já era tão automático que nem percebeu de que o fizera) e pegou no saco da comida. O sanduíche de atum não se encontrava em tão mau estado como ela receara; estava espalmada e partida, mas ainda se percebia que era um sanduíche. A película aderente protegera-a. No entanto, o resto do bolo transformara-se naquilo a que Pepsi Robichaud chamaria «uma papa completa».

Trisha ficou a ouvir o relato do jogo e comeu devagar metade do sanduíche de atum. Isso abriu-lhe o apetite e ela teria de boa vontade comido a outra metade, mas enfiou-a na mochila e comeu antes o resto do bolo, raspando com um dedo a massa úmida e o creme horrível («que nunca era feito com natas, mas sim artificial», pensou Trisha). Quando apanhou tudo o que conseguia com o dedo, virou o papel ao contrário e lambeu-o. Depois enfiou o papel na mochila. Permitiu-se beber três grandes goles de *Sprite* e procurou mais restos de batatas fritas com um dedo muito sujo, enquanto os Red Sox e os Yankees jogavam o resto do terceiro *inning* e o quarto.

No meio do quinto, os Yankees ganhavam por quatro a um e Martinez fora substituído por Jim Corsi. Larry

McFarland não confiava muito em Corsi. Uma vez, quando falava de baseball ao

telefone com Trisha, dissera:

— Lembre-se do que lhe digo, querida... o Jim Corsi não gosta dos Red Sox.

Trisha começara a rir, incapaz de se conter. O pai parecia tão solene! E pouco depois ele começara também a rir. Aquela frase tornara-se uma espécie de senha para os dois: «Lembre-se do que lhe digo, querida... o Jim Corsi não gosta dos Red Sox.»

Mas Corsi parecia estar gostando dos Red Sox no início do sexto *inning,* ganhando mais dois pontos para a sua equipa. Trisha sabia que devia desligar o rádio e poupar as pilhas, Tom Gordon não iria marcar num jogo em que os Red Sox estivessem a perder, mas não foi capaz de deixar de ouvir o barulho de Fenway Park. Escutou o murmúrio das vozes com mais avidez do que escutou os comentadores, Jerry Trupiano e Joe Castiglione. Aquelas pessoas estavam ali, estavam mesmo, a comer cachorros-quentes, a beber cerveja e a fazer fila para comprar recordações, sorvete e sopa; viam Darren Lewis — DeeLu, como lhe chamavam por vezes os comentadores — pôr-se em posição para lançar, os holofotes potentes projetando a sua sombra para trás enquanto o dia ia escurecendo. Trisha não suportava trocar aquelas trinta mil vozes pelo zumbir dos mosquitos (que eram cada vez mais, à medida que a noite avançava), pela água a gotejar das folhas, pelo cricri dos grilos... e pelos outros sons que se fizessem ouvir.

Era dos outros sons que ela tinha mais medo.

Dos outros sons na escuridão.

DeeLu lançou a bola e Mo Vaughn bateu uma bola curva que não curvou.

— Muito longe! — cantarolou Troop. — Mais um ponto para os Red Sox! Alguém, creio que Rich Garces, apanhou-a ainda no ar. *Home run,* Mo Vaughn! Já é o décimo segundo que ele consegue este ano, e a vantagem dos Yankees é apenas de um ponto.

Sentada no tronco, Trisha riu-se, bateu palmas e ajeitou o boné dos Red Sox. Já estava escuro como breu.

No fim do oitavo *inning,* Nomar Garciaparra lançou a bola para a tela do estádio. Os Red Sox ficaram a ganhar por cinco a quatro e Tom Gordon entrou para fazer o lançamento no fim do nono.

Trisha deslizou do tronco para o chão. A casca da árvore raspou nas picadas de vespa que tinha na coxa, mas Trisha nem deu por isso. Os mosquitos pousaram de imediato, famintos, na suas costas descobertas, mas ela não os sentiu. Olhava para o brilho do riacho — semelhante a mercúrio — e sentou-se no chão úmido com os dedos encostados aos cantos da boca. De súbito, parecia muito importante que Tom Gordon fosse capaz de manter a vantagem, que garantisse a vitória contra os poderosos Yankees, que tinham perdido por dois pontos contra o Anaheim no início da época e que, a partir daí, haviam sido praticamente invencíveis.

— Força, Tom — murmurou. A mãe estava aterrorizada num quarto de hotel em Castle View; o pai encontrava-se num vôo da Delta de Boston para Portland, a fim de se juntar a Quilla e ao filho; na esquadra da polícia do município de Castle começavam a aparecer equipas de salvamento semelhantes às que a garota perdida tinha imaginado depois das primeiras buscas infrutíferas; no exterior estavam estacionadas caminhonetes de três estações de televisão de Portland e duas de Portsmouth; trinta homens (e alguns mesmo acompanhados por cães) continuavam nas florestas de Motton e nas das zonas que seguiam na direção de

New Hampshire: TR-90, TR-100 e TR-110. Era opinião geral que Patrícia McFarland ainda devia encontrar-se em Motton ou na TR-90. Afinal de contas, era apenas uma criança, e não devia ter-se afastado muito do lugar onde fora vista pela última vez. Aqueles guias, guardas-florestais e guardas-caça experimentados teriam ficado abismados se soubessem que Trisha se afastara quase quinze quilômetros para oeste da zona que eles passavam a pente fino. — Força, Tom — murmurou ela. — Força, Tom, um dois três, agora. Sabe como é.

Mas não naquela noite. Gordon abriu o nono *inning* permitindo que o bonito mas perigoso meio-defesa dos Yankees, de seu nome Derek Jeter, apanhasse a bola, e Trisha lembrou-se de outra coisa que o pai lhe dissera uma vez: quando uma equipe ganha uma base, as hipóteses que tem de marcar aumentam setenta por cento.

«Se ganharmos, se o Tom conseguir marcar, eu serei encontrada.» Este pensamento surgiu-lhe de repente, parecia fogo de artifício a rebentar-lhe na cabeça.

Era uma estupidez, claro, tão idiota como o fato de o pai bater sempre em madeira antes de um lançamento, mas, à medida que a escuridão se adensava e o riacho perdia o seu brilho prateado, parecia também irrefutável, tão evidente como dois e dois serem quatro: se Tom Gordon marcasse, ela seria encontrada.

Paul O’Neill bateu na bola. Fora. Entrou Bernie Williams.

— Sempre um batedor perigoso — observou Joe Castiglione, e Williams acertou na bola, lançando Jeter para a terceira base.

— Porque teve de dizer isso, Joe? — lamuriou-se Trisha. — Bolas, porque teve de dizer isso? Havia jogadores na primeira e na terceira bases e só um de fora. A multidão em Fenway aplaudia, rezando. Trisha imaginava as pessoas inclinadas para a frente nos assentos. — Força, Tom, força, Tom... — murmurou. A nuvem de mosquitos continuava à sua volta, mas Trisha já não dava por eles. Sentia um desespero gelado e forte, semelhante àquela voz horrível que descobrira na sua cabeça. Os Yankees eram demasiado bons. Se o batedor chegasse à base ficariam empatados, uma bola comprida deixaria a vitória fora do alcance e o horrível, horrível Tino Martinez levantara-se, com o batedor mais perigoso de todos mesmo atrás de si; *Straw Man* deveria estar naquele momento na base, sobre um joelho, a girar o taco e a observar.

Gordon lançou a sua bola curva.

— *Out!* — gritou Joe Castiglione. Parecia não acreditar. — Oh!, mas que beleza! Martinez deve ter falhado por meio metro!

— Um metro — acrescentou Troop com presteza.

— Então estamos assim — disse Joe, e ao fundo Trisha ouviu o barulho das outras vozes, as vozes dos fãs, cada vez mais fortes. Começaram a bater palmas devagar. Os adeptos dos Sox estavam a levantar-se como uma congregação reunida na missa prestes a cantar um hino. — Duas dentro, duas fora, os Red Sox vencem por um ponto, Tom Gordon está na zona do lançador e...

— Não diga — murmurou Trisha, ainda com as mãos junto à boca —, não se atreva a dizê-lo!

Mas ele disse.

— E o sempre perigoso Darryl Strawberry vai para o *plate.* — Pronto! O grande Satanás Joe Castiglione abrira a boca e estragara tudo. Porque não se limitara a dizer o nome de Strawberry? Porque tivera de começar com aquela treta do «sempre perigoso», quando toda a gente sabia que isso os tornava ainda mais perigosos? — Ora bem, pessoal, apertem os cintos — continuou Joe. — Strawberry abana o taco. Jeter está na terceira base, a tentar apanhar qualquer coisa ou, pelo menos, a tentar atrair a atenção de Gordon. Em vão. Gordon prepara-se. Veritek faz sinal. Em posição. Gordon lança... Strawberry curva-se e falha, primeiro lançamento. Strawberry abana a cabeça, como se estivesse frustrado...

— Não devia estar, o lançamento foi muito bom — observou Troop, e Trisha, sentada na escuridão cheia de insetos, no meio de lugar algum, pensou: «Cale-se, Troop, cale-se por um minuto.» — Straw recua... bate com os sapatos... está de novo em posição. Gordon olha para Williams na primeira base... lança. Para fora, e muito baixa, a bola.

Trisha gemeu. Tinha as pontas dos dedos tão enterradas no rosto que os seus lábios estavam repuxados num sorriso tresloucado. O coração batia-lhe com toda a força no peito.

— Aqui vamos nós — disse Joe. — Gordon está pronto. Lança, Strawberry toma balanço, e a bola vai alta para o lado direito, se continuar assim vai fora, mas segue... segue... seeegue... Trisha aguardou, contendo a respiração. — Falta — prosseguiu Joe por fim, e ela respirou de novo. — Mas foi por pouco. Strawberry perdeu por pouco a corrida. A bola foi para o lado errado da risca por dois ou três metros.

— Eu diria por um — acrescentou Troop.

— E eu diria que isso cheira mal — murmurou Trisha. — Vá lá, Tom, vá lá, por favor!

Mas ele não iria lá; Trisha tinha agora certeza.

Mesmo assim, conseguia vê-lo. Não tão alto e desengonçado como Randy Johnson, não tão baixo e atarracado como Rich Garces. De altura mediana, em forma... e bonito. Muito bonito, especialmente com o boné posto, a encobrir-lhe os olhos... só que o pai lhe dissera que quase todos os jogadores eram bonitos.

— É dos genes — afirmara, acrescentando: — É claro que muitos nada têm na cabeça, o que desequilibra um bocado a coisa. — Mas a beleza de Tom Gordon não era o que o tornava mais atraente. Fora a sua calma antes de fazer um lançamento que chamara a atenção de Trisha e merecera a sua admiração. Não se punha às voltas antes de lançar, nem mexia nos cordões, como muitos outros. Não, o número trinta e seis esperava apenas que o batedor parasse de se mexer. Ficava muito quieto no seu uniforme branco à espera que o batedor estivesse pronto. E depois, é claro, havia aquela coisa que ele fazia sempre que o lançamento tinha êxito. Aquela coisa quando ele saía da zona do lançador. Trisha adorava.

— Gordon toma balanço... e a bola está no chão! Veritek bloqueou-a com o corpo, evitando o empate.

— Bolas! — exclamou Troop. Joe não fez comentários.

— Gordon respira fundo. Strawberry prepara-se. Gordon ganha balanço... atira... para cima.

Uma explosão de vaias entrou pelos ouvidos de Trisha.

— Cerca de trinta mil juízes não concordaram com esta, Joe — observou Troop.

— É verdade, mas é Larry Barnett, que está atrás do *plate,* quem tem a última palavra, e ele disse que foi para cima. A contagem beneficia os Yankees. Três a dois. Ao fundo, as palmas ritmadas dos fãs aumentaram. As suas vozes enchiam o ar, a cabeça de Trisha. Bateu na madeira do tronco caído sem ter consciência de que o fazia. — A multidão está de pé — continuou Joe Castiglione —, trinta mil pessoas, porque ainda ninguém saiu do estádio.

— Talvez uma ou duas pessoas — comentou Troop. Trisha não lhe ligou. Joe também não.

— Gordon põe-se de lado. — Sim, ela conseguia vê-lo, de mãos juntas, já sem estar de frente para o *plate,* mas olhando para ele por cima do ombro esquerdo. — Gordon prepara-se. — Ela também conseguia ver isso: o pé esquerdo a recuar em direção ao pé direito, enquanto as mãos — uma enluvada, a outra com a bola — se elevavam até ao peito; até conseguia ver Bernie Williams a levantar o taco, mas Tom Gordon não lhe ligou e, mesmo em movimento, a sua calma manteve-se, olhos postos na luva de Jason Veritek, agachado atrás do *plate.* — Gordon prepara-se, três, dois... lança e... — A multidão confirmou-lhe o resto, com os seus gritos entusiásticos. — *Strike* três! — quase gritou Joe. — Deus do Céu, ele lançou uma bola curva e deixou Strawberry paralisado! Os Red Sox ganham por cinco a quatro aos Yankees e Tom Gordon salvou o jogo pela décima oitava vez este ano! — Depois continuou a falar num tom mais normal: — Os colegas de Gordon dirigem-se para a zona do lançador e

Mo Vaughn vai à frente, agitando o punho no ar, mas, antes de Vaughn lá chegar, Gordon faz o seu gesto rápido, aquele que os fãs ficaram a conhecer tão bem desde que ele foi para a equipe.

Trisha desatou a chorar. Desligou o *walkman* e ficou ali sentada, encostada ao tronco, as pernas abertas e a capa azul em farrapos no meio. Chorou com mais força do que tinha chorado quando se apercebera de que estava perdida, mas desta vez foi de alívio. Estava perdida, mas seria encontrada. Tinha certeza. Tom Gordon vencera o jogo, e ela seria salva.

Ainda chorando, despiu a capa, estendeu-o no chão o máximo possível sob o tronco e sentou-se em cima do plástico. Fez quase sem se aperceber. A sua mente ainda estava em Fenway Park, vendo o juiz fazer sinal a Strawberry e vendo Mo Vaughn seguir em direção à zona do lançador para felicitar Tom Gordon; via também Nomar Garciaparra aproximar-se a correr, John Valentin a sair da terceira base e Mark Lemke da segunda. Mas, antes de o alcançarem, Tom Gordon fez o que sempre fazia quando ganhava um jogo: apontou para o céu. Com um único dedo.

Trisha enfiou o *walkman* na mochila, mas, antes de pousar a cabeça no braço estendido, apontou rapidamente para o céu, tal como Gordon. E porque não? Afinal de contas, algo a ajudara a suportar aquele dia horrível. E, ao apontar, esse algo parecia ser Deus. Afinal, não se podia apontar para o acaso da sorte nem para o Subaudível.

O gesto fez com que se sentisse melhor e pior — melhor, porque se assemelhara mais a rezar do que quaisquer palavras que pudesse ter dito, pior, porque a fez se sentir realmente sozinha pela primeira vez; apontar como Tom Gordon a fez se sentir sozinha de uma forma diferente. As vozes que tinham soado nos fones do *walkman* e enchido a sua cabeça pareciam agora pertencer a um sonho, pareciam vozes de fantasmas. Trisha estremeceu, pois não queria pensar em fantasmas naquele local, não na floresta, não deitada sob um tronco caído no escuro. Tinha saudades da mãe, mas, mais do que isso, desejava a companhia do pai. O pai haveria de conseguir tirá-la daquele lugar, pegar-lhe-ia na mão e a levaria dali para fora. Tinha músculos fortes. Quando ela e Pete iam passar os fins-de-semana com o pai, ele pegava-lhe ao colo na noite de sábado e levava-a assim até ao quarto. Continuava a fazê-lo,

embora ela tivesse nove anos (e fosse grande para a idade). Era o momento de que Trisha mais gostava durante os fins-de-semana em Malden.

De súbito, Trisha descobriu, espantada e triste, que até tinha saudades das queixas e lamúrias do irmão.

A chorar e a soluçar, adormeceu. Os insetos esvoaçavam em círculos sobre ela, aproximando-se cada vez mais. Por fim, pousaram nas zonas onde a pele estava à mostra, banqueteando-se com o sangue e o suor.

Uma rajada de vento avançou pela floresta, agitando as folhas e sacudindo o resto da chuva. Passado pouco tempo, fez-se silêncio. Depois o silêncio foi interrompido e surgiu o som de ramos a partirem-se. Este som parou e houve uma pausa, a que se seguiu o ruído de ramos a abanar e de algo a roçar. Um corvo crocitou, dando o alarme. Silêncio e depois os sons recomeçaram, aproximando-se do lugar onde Trisha dormia com a cabeça sobre o braço.

FIM DO QUARTO «INNING»

Encontrava-se na pequena casa do pai em Malden, só os dois, sentados nas cadeiras de jardim um pouco enferrujadas, a olhar para a relva, que já estava demasiado grande. Os anões de barro pareciam espreitá-la, esboçando sorrisos secretos e desagradáveis no meio da vegetação. Estava a chorar porque o pai a tratara mal. Nunca o fizera antes, sempre a abraçara e a beijara na cabeça e lhe chamara «querida», mas naquele momento estava a ser mau, só porque ela não queria abrir a porta da cave sob a janela da cozinha e descer os três degraus para lhe ir buscar uma cerveja que ele guardava ali para que se mantivesse fresca. Trisha estava tão triste que o seu rosto devia ter rebentado, pois provocava-lhe muita coceira. E os braços também.

— Sua mariquinha — ralhou ele, inclinando-se na sua direção, e Trisha sentiu o cheiro do seu hálito. Não precisava de mais cerveja, já estava bêbado, o ar que saía da sua boca cheirava a cevada e a ratos mortos. — Porque tem que ser tão mariquinha? Não tem água gelada nessas veias!

Ainda a chorar, mas decidida a mostrar-lhe que afinal tinha água gelada nas veias — pelo menos um bocadinho —, levantou-se da cadeira enferrujada e aproximou-se da porta do porã que estava ainda mais enferrujada. Oh!, sentia muito medo e não queria abrir aquela porta, porque havia uma coisa horrível do outro lado — até os anões de barro sabiam isso, bastava olhar para os seus sorrisos matreiros para o perceber. Mesmo assim, estendeu a mão para o fecho; agarrou nele, enquanto o pai a incitava naquela horrível voz estranha a continuar, a continuar, força, querida, vá lá, miúda, vá lá, abre isso.

Trisha puxou a porta para cima e as escadas que desciam para o porão tinham desaparecido. No lugar delas encontrava-se um enorme ninho de vespas. Centenas de vespas saíam a voar por um buraco negro semelhante ao olho de um homem que morreu espantado, e não, não eram centenas mas sim milhares, fábricas de veneno arredondadas que voavam na sua direção. Não havia tempo para fugir, todas a ferrariam ao mesmo tempo e ela morreria com as vespas pousadas na sua pele, pousadas nos seus olhos, pousadas na sua boca, enchendo-lhe a língua de veneno, enquanto seguiam caminho até à sua garganta...

Trisha pensou que estava a gritar, mas, quando bateu com a cabeça na parte de baixo do tronco, fazendo cair pedaços de casca e musgo no cabelo suado, e acordou, ouviu apenas vários sons semelhantes a miados. Eram os únicos que a sua garganta conseguia emitir.

Durante um momento sentiu-se completamente desorientada, perguntando a si mesma por que motivo a cama estaria tão dura e onde é que teria batido com a cabeça... Seria que se tinha enfiado debaixo da cama? E sentia algo a andar na sua pele por causa do sonho a que escapara, meu Deus, que pesadelo horrível!

Bateu de novo com a cabeça e começou a recordar-se. Não, não estava na cama, nem sequer debaixo dela. Estava na floresta, perdida. Encontrava-se debaixo de um tronco e sentia algo a andar na sua pele. Não por estar com medo, mas porque...

— Larguem-me, seus patifes, larguem-me! — gritou, numa voz aguda e assustada, agitando as mãos junto à cara. A maior parte dos mosquitos levantou vôo da sua pele e reagrupou-se numa nuvem. Deixou de os sentir, mas a comichão persistiu. Não havia vespas, mas mesmo assim, fora picada. Picada enquanto dormia por todos os insetos que tinham aparecido e pousado nela. Sentia comichão em todo o lado. E tinha vontade de fazer xixi.

Trisha rastejou, saindo de debaixo da árvore, ofegando e tremendo. Doía-lhe tudo por causa da queda que dera, em especial o pescoço e o ombro esquerdo, e o braço e a perna esquerdos — os membros sobre os quais estivera deitada — estavam dormentes. «Dormentes como estacas», teria dito a mãe. Os adultos (pelo menos os da sua família) tinham expressões para tudo: «dormente como estacas», «feliz como um passarinho», «animado como um grilo», «surdo que nem uma porta», «escuro como breu», «morto como um...».

Não, não queria pensar nesta última expressão, pelo menos naquele momento.

Tentou levantar-se, mas não conseguiu, e dirigiu-se à clareira a rastejar. Enquanto se mexia, começou a sentir de novo o braço e a perna esquerdos — que sensação terrível! Pareciam agulhas e alfinetes!

— Raios, bolas para isto! — gemeu, mais para ouvir o som da sua própria voz. — Está escuro como breu!

Porém, quando se deteve junto ao riacho, percebeu que se enganara. Na verdade, a clareira encontrava-se iluminada pelo luar, frio e brilhante, suficientemente intenso para projetar uma sombra ao seu lado e lançar reflexos prateados na água do pequeno riacho. O objeto no céu, lá em cima, era uma pedra de prata um pouco deformada, quase demasiado luminosa para que se conseguisse fitá-la diretamente... mas, mesmo assim, ela olhou, o seu rosto e olhos inchados virados para cima com ar solene. A Lua, naquela noite, tinha uma luz tão forte que tornava invisíveis quase todas as estrelas, e, ao olhar para ela do lugar onde se encontrava, Trisha sentiu-se ainda mais sozinha. A convicção de que seria salva só porque Tom Gordon conseguira pôr três bolas fora no nono *inning* já desaparecera — mais valia bater em madeira, atirar sal por cima do ombro ou fazer o sinal da Cruz antes de ocupar o lugar do batedor, como Nomar Garciaparra costumava fazer. Ali não havia câmaras, nem *replays,* nem fãs entusiastas. O belo rosto gelado da Lua sugeriu-lhe que, afinal de contas, o Subaudível até fazia sentido, era um Deus que não sabia que era Deus, que não se interessava por meninas perdidas, que não se interessava verdadeiramente por nada, o Deus *K. O.,* cuja

mente se assemelhava a uma nuvem rodopiante de insetos e os olhos eram a Lua.

Trisha inclinou-se sobre o riacho para molhar o rosto dorido, viu o seu reflexo e gemeu. A ferroada sobre a maçã do rosto do lado esquerdo inchara ainda mais (talvez a tivesse cocado durante o sono), elevando-se acima da lama com que Trisha a cobrira, qual vulcão de novo em atividade a irromper pela lava dura libertada durante a última erupção. Deformara-lhe o olho esquerdo, pondo-o de esguelha; na verdade, dava-lhe um aspecto estranho, e certamente não seríamos capazes de o fitar se o víssemos vir na nossa direção — normalmente no rosto de um atrasado mental. O resto do rosto estava igualmente mau, ou ainda pior: cheio de altos nos lugares onde tinha ferroadas, apenas inchado nos lugares onde as centenas de mosquitos a haviam picado durante o sono. A água junto à margem estava relativamente calma e foi assim que percebeu que ainda tinha um mosquito no rosto. Encontrava-se junto ao olho direito, demasiado pesado para conseguir sequer puxar a probóscide[3] da sua carne. Lembrou-se de outra das expressões usadas pelos adultos: «Demasiado cheio para andar.»

Trisha bateu-lhe e ele foi esmagado, enchendo-lhe os olhos de sangue e fazendo-os arder. Conseguiu não gritar, mas um som enojado — mmmmmmhh! — escapou-se dos seus lábios. Olhou com ar incrédulo para o sangue que tinha nos dedos. Como é que um mosquito conseguia chupar aquilo tudo? Era incrível!

Mergulhou as mãos, pondo-as em concha, e lavou o rosto. Não bebeu, lembrando-se vagamente de ter ouvido alguém dizer que a água da floresta não era boa, embora a sensação que ela lhe provocou no rosto quente e cheia de altos fosse deliciosa: assemelhava-se a cetim fresco. Molhou o pescoço e os braços até ao cotovelo. Depois pegou em lama e começou a esfregá-la — desta vez não só sobre as picadas, mas em todo o lado, desde a gola da sua blusa 36 Gordon até à raiz do cabelo. Ao fazê-lo, recordou-se de um episódio de *I Love Lucy* que vira na televisão. Lucy e Ethel encontravam-se num salão de beleza cobertas de lama e Desi entrara e perguntara: «Ei!, Lucy, qual é você?» O público rira a bandeiras despregadas. Trisha devia estar parecida com Lucy, mas não se importou. Ali não havia público nem gargalhadas e não agüentava voltar a ser picada. Enlouqueceria se isso sucedesse de novo.

Espalhou lama durante cinco minutos, terminando com uns retoques nas pálpebras, e depois inclinou-se para observar o seu reflexo. Na água calma junto à margem viu uma menina toda enlameada. O rosto estava cinzento, semelhante ao rosto desenhado num vaso descoberto numa estação arqueológica. Tinha o cabelo espetado e imundo. Os olhos estavam brancos, molhados e assustados. Não tinha um ar engraçado, como Lucy e Ethel no salão de beleza. Parecia era estar morta. Morta e desfigurada, ou lá o que quer que fosse.

— Então o pequeno Sambo pediu: «Por favor, tigres, não levem as minhas roupas bonitas» — disse Trisha para o rosto refletido na água.

Mas isso também não teve graça. Pôs mais lama nos braços e depois meteu as mãos na água, para as lavar. Porém, de repente lembrou-se que fazê-lo seria uma estupidez, pois, desse modo, os malditos insetos iriam mordê-la nas mãos.

Já não sentia as agulhas e os alfinetes no braço e na perna e conseguiu agachar-se e fazer xixi sem cair. Conseguiu também levantar-se e andar, embora fizesse uma careta de dor de cada vez que mexia a cabeça para a esquerda ou para a direita. Achou que o seu corpo devia ter dado um repuxão, tal como acontecera a Mrs. Chetwyned quando um velho lhe batera na traseira do carro na altura em que ela estava parada num semáforo. O velho não sofrerá nada, mas a pobre Mrs. Chetwyned andara com um colete cervical durante seis semanas. Talvez lhe pusessem também um quando saísse dali. Talvez a levassem para o hospital num helicóptero com uma cruz vermelha na parte de baixo, como os helicópteros da série *M*A*S*H,* e...

«Esquece, Trisha.» Era de novo a voz gelada e medonha. «Para você não há coletes cervicais. Nem viagem de helicóptero.»

— Cale-se... — murmurou, mas a voz não lhe obedeceu.

«Nem sequer vai ficar desfigurada porque eles nunca irão te encontrar. Morrerá aqui, andará pela floresta até morrer, os animais vão comer o seu corpo decomposto e um dia aparecerá um caçador que encontrará os seus ossos.»

Aquela última parte era tão plausível — ouvira várias vezes histórias parecidas na televisão — que começou de novo a chorar. Chegou mesmo a imaginar um caçador, um homem com um casaco de lã vermelho e um boné cor de laranja, um homem que precisava de fazer a barba. Estava à procura de um local onde pudesse ficar à espera de um veado, ou talvez quisesse apenas fazer xixi. O homem vê uma coisa branca e pensa: «É só uma pedra», mas, à medida que se aproxima, vê que a pedra tem órbitas.

— Pare com isso — sussurrou Trisha, regressando para junto da árvore caída e dos restos da capa de chuva (já não podia vê-lo à frente). — Pare com isso, por favor!

A voz gelada não lhe obedeceu. A voz gelada tinha mais coisas a dizer. Pelo menos, mais uma.

«Ou talvez não se limite a morrer. Talvez a "coisa" te mate e te coma.»

Trisha parou junto à árvore caída, estendendo uma das mãos e agarrando-se a um ramo morto, e olhou em volta com nervosismo. Desde que acordara que só conseguia pensar na comichão. A lama atenuara-a, bem como ao latejar das ferroadas, pelo que conseguiu pensar de novo no local onde se encontrava: na floresta, sozinha, e a meio da noite.

— Pelo menos há luar — disse de pé junto à árvore, olhando nervosa para a pequena clareira. Esta parecia-lhe agora mais pequena, como se as árvores e os arbustos se tivessem aproximado enquanto ela dormia. Como se tivessem se aproximado muito matreiros.

O luar também não era tão bom como ela julgara. Era verdade que a clareira estava iluminada, mas era uma luz estranha, que fazia que tudo parecesse simultaneamente real e irreal. As sombras eram demasiado escuras, e, quando uma brisa agitava as árvores, as sombras alteravam-se de forma perturbadora.

Algo chilreou no bosque, pareceu engasgar-se, chilreou de novo e calou-se.

Um mocho piou ao longe.

Mais perto, um ramo estalou.

— O que foi aquilo? — perguntou Trisha a si mesma, virando-se na direção do som do ramo partido. O seu coração passou da batida de passo para a de *endurance* e depois para a de corrida. Daí a segundos passaria para a de *sprint* e nessa altura ela poderia mesmo começar a fazer um *sprint,* novamente em pânico e a correr como um veado a fugir de um incêndio. — Nada, não foi nada — tentou acalmar-se Trisha. A sua voz era baixa e rápida... parecida com a da mãe, embora ela não se tivesse apercebido disso. Não sabia igualmente que num quarto de motel, a cinqüenta quilômetros da árvore caída, a mãe acordara de um sono inquieto, ainda meio a dormir de olhos abertos, com a certeza de que alguma coisa horrível acontecera à filha perdida, ou de que estava prestes a acontecer.

«É a coisa que ouve, Trisha», disse a voz fria. Aparentemente, o seu tom era de tristeza, mas, lá no fundo, era de alegria. «Vem atrás de você. Sentiu o seu cheiro.»

— Não há coisa nenhuma — afirmou Trisha num murmúrio desesperado que se calava de cada vez que soava mais alto. — Vá lá, tem paciência, não há coisa nenhuma.

O luar alterara as formas das árvores, transformara-as em rostos de osso com olhos pretos. O som de dois ramos a roçar transformou-se no murmurar de um monstro. Trisha rodou, tentando olhar para todos os lados ao mesmo tempo, revirando os olhos no rosto enlameado.

«É uma "coisa especial", Trisha... a coisa que aguarda as pessoas perdidas. Deixa-as vaguear até elas estarem assustadas — porque o medo as torna mais saborosas, adoça a carne —, e depois vem buscá-las. Vai ver. Deve estar quase a sair do meio das árvores. É apenas uma questão de segundos. E quando vir o rosto dela, enlouquecerá. Se alguém te ouvisse, pensaria que estava gritando. Mas estará a rir, não é? Porque é isso que as pessoas loucas fazem quando as suas vidas estão a chegar ao fim, riem... riem... e riem.»

— Pare com isso, não há coisa nenhuma, não há nada na floresta, pare com isso!

Falou muito depressa e com firmeza e a mão que segurava o nó do ramo morto apertou-o cada vez com mais força, até estalar com um som semelhante ao de uma pistola na linha de partida. O barulho fê-la dar um salto e soltar um gritinho, mas também a acalmou. Afinal, sabia o que era aquilo — só um ramo, um ramo que ela partira. Ainda era capaz de partir ramos, ainda tinha essa capacidade. Os sons eram apenas sons, as sombras apenas sombras. Nada mais. Podia ter medo, podia ouvir aquela voz traidora se quisesse, mas não havia nenhuma («coisa especial coisa») na floresta. Havia vida selvagem, e sem dúvida que naquele momento, em algum lugar, algum animal estava a matar ou a ser morto, mas não havia

nenhuma criat...

«Há!»

E havia.

Naquele momento, interrompendo os seus pensamentos e sustendo o fôlego sem se perceber, Trisha teve a certeza de que havia. Havia qualquer coisa. Dentro dela não soavam vozes naquele momento, apenas existia uma parte de si que Trisha não entendia, um conjunto especial de nervos eclipsados que talvez dormisse no mundo das casas, dos telefones e da luz elétrica e que só ganhava vida ali na floresta. Essa parte não via e não era capaz de pensar, mas podia sentir. E naquele momento sentia qualquer coisa na floresta.

— Tem alguém aí? — perguntou ela na direção dos rostos de luar e de osso das árvores. — Tem alguém ai?

No quarto do motel em Castle View, que Quilla quisera partilhar com o ex-marido, Larry McFarland encontrava-se sentado na extremidade de uma das camas de corpo e meio

com o braço sobre os seus ombros. Ainda que Quilla tivesse apenas vestida uma camisa de algodão muito fina e ele tivesse a certeza de que não tinha mais nada por baixo, e embora há mais de um ano só tivesse relações sexuais com a sua mão esquerda, não sentia desejo (pelo menos um desejo imediato). Quilla tremia da cabeça aos pés. Larry teve a sensação de que os músculos das costas dela estavam todos virados ao contrário.

— Já passou — disse ele, tentando acalmá-la. — Foi só um sonho. Acordou no meio de um pesadelo.

— Não — respondeu Quilla, abanando a cabeça com tanta força que o seu cabelo bateu levemente no rosto de Larry. — Ela corre perigo, sinto-o. Um grande perigo. — E começou a chorar.

Trisha não chorou, pelo menos nessa altura. Estava demasiado assustada para fazê-lo. Alguma coisa a observava. «Alguma coisa.»

— Tem alguém aí? — perguntou ela de novo. Não houve resposta... mas a coisa estava ali e começara a avançar, logo atrás das árvores, na extremidade da clareira, deslocando-se da esquerda para a direita. E quando os seus olhos se mexeram, seguindo apenas o luar e um pressentimento, Trisha ouviu um ramo estalar no lugar para onde estava a olhar. Ouviu um pequeno suspiro... Teria ouvido mesmo? Não seria apenas o vento?

«Sabe bem que não», murmurou a voz fria, e claro que ela sabia.

— Não me faça mal... — pediu Trisha, e os seus olhos encheram-se de lágrimas. — Seja quem for, por favor não me faça mal. Não vou tentar machucá-lo, por favor não me faça mal. Eu... sou apenas uma criança.

Trisha ficou sem força nas pernas e quase caiu no chão. Ainda a chorar e a tremer de medo, recuou para debaixo da árvore como o animal pequeno e indefeso em que se transformara. O seu corpo foi sacudido por fortes espasmos e quando outro ramo estalou, mais perto, soltou um grito. Não estava na clareira, ainda não, mas quase. Quase...

Estaria nas árvores? Avançaria entre os ramos entrelaçados? Teria asas, seria um morcego?

Trisha espreitou por entre a mochila e a curva da árvore protetora. Viu apenas ramos emaranhados contra o céu iluminado pelo luar. Não havia qualquer criatura entre eles — pelo menos nenhuma que os seus olhos conseguissem ver —, mas naquele momento a floresta encontrava-se num silêncio absoluto. Não se ouviam pássaros nem insetos.

Estava muito próximo, fosse aquilo o que fosse, e tomava uma decisão. Ou avançaria e daria cabo dela, ou continuaria a andar. Não era uma piada nem um sonho. Era a morte e a loucura de pé ou acocoradas, ou talvez empoleiradas junto à clareira. Decidia se havia de atacar naquele momento... ou deixá-la amadurecer mais um pouco.

Trisha agarrara-se à mochila e sustinha a respiração. Ao fim do que lhe pareceu uma eternidade outro ramo estalou, este um pouco mais longe. Fosse o que fosse, começara a afastar-se.

Trisha fechou os olhos. As lágrimas brotaram das pálpebras enlameadas e escorreram pela face igualmente coberta de lama. Os cantos da boca tremiam. Desejou por breves momentos estar morta — era melhor estar morta do que ter de suportar aquele medo todo, era melhor estar morta do que perdida.

Mais ao longe estalou outro ramo. As folhas agitaram-se, embora não houvesse vento, mas isso foi ainda mais ao longe. A coisa estava a afastar-se, mas agora sabia que ela se encontrava ali, na sua floresta. Voltaria. Entretanto, a noite estendia-se diante de Trisha como dois mil quilômetros de estrada vazia.

«Não adormecerei. Nunca!»

A mãe dissera-lhe para pensar em qualquer coisa quando não conseguisse adormecer. «Pense numa coisa agradável. É o melhor que se pode fazer quando o João Pestana tarda em chegar, Trisha.»

Tinha sede, reparou... muita sede. Calculou que era isso que se sentia quando o nosso medo abrandava — essa sede. Virou a mochila com algum custo e abriu as fivelas. Teria sido mais fácil fazê-lo se estivesse sentada, mas nada deste mundo a faria voltar a sair de debaixo da árvore naquela noite, nada no Universo.

«A menos que aquilo regresse», insistiu a voz fria. «A menos que regresse e te arraste daí para fora.»

Agarrou na garrafa de água, bebeu vários goles, fechou-a e arrumou-a. Depois olhou com saudade para o bolso onde se encontrava o *walkman.* Sentia uma enorme vontade de tirá-lo de lá e ouvir alguma coisa, mas tinha de poupar as pilhas.

Trisha apertou as fivelas antes de cair em tentação e depois tornou a abraçar a mochila. Agora que já não tinha sede, no que haveria de pensar? E soube-o logo, sem mais nem menos. Imaginou Tom Gordon ali na clareira consigo, de pé junto ao riacho. Tom Gordon com o seu uniforme; era tão branco que quase brilhava ao luar. Não estava a guardá-la porque era apenas a fingir... mas quase a guardá-la. Porque não? Era o sonho de Trisha, afinal de contas.

— O que foi aquilo nas árvores? — perguntou-lhe ela.

— Não sei — respondeu Tom. Parecia indiferente. É claro que podia dar-se ao luxo de soar indiferente, não podia? O verdadeiro Tom Gordon encontrava-se a trezentos quilômetros dali, em Boston, e provavelmente já a dormir atrás da segurança de uma porta trancada.

— Como é que consegue? — perguntou ela, de novo cheia de sono, tão cheia de sono que nem percebeu de que falara em voz alta. — Qual é o segredo?

— Que segredo?

— Da vitória — respondeu Trisha, com os olhos a fecharem-se.

Pensou que ele diria que era acreditar em Deus — afinal, não apontava para o céu de cada vez que era bem sucedido? —, ou acreditar em si próprio, ou talvez fosse tentar dar o melhor (esse era o lema do treinador de futebol de Trisha: «Dêem o seu melhor, esqueçam tudo em redor»), mas o número trinta e seis não disse nada disso ao pé do riacho.

— Tem de tentar ultrapassar o primeiro batedor —, explicou Gordon. — Tem de desafiá-lo com o primeiro lançamento, lançar uma bola em que ele não consiga acertar. Ele vai para o *plate* a pensar: «Sou melhor do que este tipo.» Tem de fazê-lo esquecer isso, e o melhor é não perder muito tempo. É melhor agir logo. Deixar claro quem é o melhor; é este o segredo da vitória.

— O que é que... — «gostaria de atirar no primeiro lançamento?», era o resto da pergunta, mas antes de a colocar Trisha adormeceu.

Em Castle View, os pais também estavam a dormir, desta vez na mesma cama estreita, após uma relação sexual súbita, agradável e completamente inesperada. «Se tivesse me dito...», foi o último pensamento de Quilla antes de adormecer. «Nunca o teria feito...», foi o de Larry.

Da família, Pete McFarland foi quem dormiu pior já perto da manhã naquele dia de fim de Primavera: encontrava-se no quarto ao lado dos pais, a gemer e a enrolar os lençóis enquanto dava voltas e mais voltas. Nos seus sonhos, ele e a mãe estavam a discutir, a avançar pela trilha e a discutir, e a certa altura ele se virara para trás já farto (ou talvez para que ela não o visse chorar) e Trisha tinha desaparecido. Naquele momento, o seu sonho como que parou; ficou imóvel na sua mente como um osso na garganta. Agitou-se de um lado para o outro na cama, tentando desvanecê-lo. A Lua espreitava-o, fazendo brilhar o suor na sua testa e nas têmporas.

Ele virara-se e ela tinha desaparecido. Virara-se e ela tinha desaparecido. Virara-se e ela tinha desaparecido... Restava apenas a trilha vazio.

— Não! — balbuciou Pete a dormir, abanando a cabeça de um lado para o outro, tentando libertar-se do sonho, soltá-lo antes que o sufocasse. Não conseguiu. Virara-se e ela tinha desaparecido. Atrás de si encontrava-se apenas a trilha vazia. Era como se nunca houvesse tido uma irmã.

QUINTO «INNING»

Quando Trisha acordou na manhã seguinte, o pescoço doía-lhe tanto que mal podia mexer a cabeça, porém, não se importou. O Sol ia alto, iluminando a clareira em forma de crescente. Era com isso que se importava. Sentia-se renascida. Lembrava-se de ter acordado de noite, cheia de coceira e com vontade de fazer xixi; lembrava-se de ter ido até ao riacho e de, ao luar, ter posto lama sobre as picadas e as ferroadas; lembrava-se de ter adormecido enquanto Tom Gordon montava guarda e lhe explicava alguns segredos do seu papel de *closer*. Também se lembrava de ter sentido um medo terrível de qualquer coisa que se encontrava na floresta, mas é claro que não houvera nada a observá-la; fora o fato de estar sozinha no escuro que a assustara, nada mais.

Algo no fundo do seu ser tentou protestar contra este pensamento, mas Trisha não o permitiu. A noite chegara ao fim. Queria tanto pensar nela como voltar ao declive e repetir a queda até à árvore com o ninho de vespas! Já era dia. Haveria equipes de salvamento e seria resgatada. Sabia-o. Merecia ser salva, depois de ter passado a noite na floresta.

Rastejou, saindo debaixo da árvore e empurrando a mochila à sua frente, levantou-se, pôs o boné e foi até ao riacho. Lavou a lama do rosto e das mãos, olhou para a nuvem de mosquitos, que voltara já a reagrupar-se junto à sua cabeça e, com relutância, cobriu-se com uma nova camada de lama. Ao fazê-lo, recordou-se das vezes em que ela e Pepsi tinham brincado aos salões de beleza, quando eram mais pequenas. Haviam feito tanta bagunça com a maquilagem de Mrs. Robichaud que a mãe de Pepsi chegara mesmo a expulsá-las de casa aos gritos, dizendo-lhes para não se preocuparem em limpar a porcaria e que saíssem da sua

frente, antes que perdesse a cabeça e lhes desse uma tareia. E elas tinham saído da casa, todas cheias de pó-de-arroz, *rouge, eyeleiner,* sombra verde e batom vermelho, parecendo provavelmente as *stripteasers* mais novas do mundo. Foram para casa de Trisha, e Quilla ficara primeiro sem fôlego e depois rira até às lágrimas. Pegara nas crianças pela mão e levara-as à casa de banho, onde lhes dera demaquilante para se limparem.

— Espalhem isso devagar, meninas — murmurou Trisha, recordando as palavras da mãe. Quando já tinha o rosto totalmente coberta, lavou as mãos no riacho e comeu o resto da sanduíche de atum e metade dos talos de aipo. Desenrolou o saco do almoço com uma sensação desagradável. O ovo já fora comido, assim como a sanduíche de atum e as batatas fritas, e o bolo também. Os seus mantimentos estavam reduzidos a meia garrafa de *Sprite* (menos, na verdade), meia garrafa de água e alguns talos de aipo.

— Não faz mal — disse ela, voltando a enfiar o saco do almoço e o resto do aipo na mochila. Juntou também a capa rasgada e suja. — Não faz mal, porque as equipes de salvamento vão aparecer. Uma delas me encontrará! Por volta do meio-dia já devo estar a almoçar num lugar qualquer. Hambúrguer, batatas fritas, leite com chocolate e torta de maçã caseira. — O seu estômago grunhiu.

Assim que enfiou as coisas na mochila, cobriu também as mãos com lama. O sol batia em cheio na clareira — o dia estava claro e prometia calor — e ela já se mexia com mais facilidade. Espreguiçou-se, deu uns saltos para bombear o sangue, e rolou a cabeça de um lado para o outro até quase toda a rigidez do pescoço ter passado. Deteve-se um pouco, tentando escutar vozes, cães, talvez o uop-uop-uop irregular das pás de um helicóptero. Ouviu apenas o pica-pau, que já martelava à procura do pão de cada dia.

«Não faz mal, há muito tempo. Estamos em Junho. São os dias mais longos do ano. Segue o riacho. Mesmo que as equipes de salvamento não te encontrem já, o riacho te levará até um local onde existam pessoas.»

Mas, à medida que a manhã ia avançando, o riacho conduzia-a apenas mais para o interior da floresta. A temperatura aumentou. Pequenos fios de suor começaram a abrir caminho através da lama. Nos sovacos da sua blusa 36 GORDON surgiram manchas maiores e escuras; outra, em forma de árvore, formou-se entre as omoplatas. O cabelo, agora tão enlameado que parecia castanho em vez de louro, pendia-lhe em volta do rosto. A esperança de Trisha começou a dissipar-se e a energia com que partira da clareira às sete da manhã já desaparecera às dez. Às onze aconteceu uma coisa que a abateu ainda mais.

Tinha chegado ao topo de um declive — este era bastante suave e coberto de árvores e agulhas de pinheiros — e parara para descansar um pouco, quando uma desconfortável sensação de alerta, que nada tinha a ver com a sua mente consciente, a fez retesar-se de novo. Estava a ser observada. Não valia a pena dizer a si mesma que não estava porque estava.

Trisha girou sobre si mesma devagar. Não viu nada, mas a floresta parecia ter-se calado de novo — não se ouviam as tâmias a agitar-se sob as folhas e a vegetação, nem os esquilos do outro lado do riacho, tão pouco os gaios desdenhosos. O pica-pau continuava a martelar, os corvos ainda crocitavam ao longe, mas, tirando isso, era apenas ela e os mosquitos.

— Quem está aí? — perguntou.

Não obteve resposta, é claro, e começou a descer o declive junto ao riacho, agarrando-se aos arbustos, porque os pés lhe escorregavam. «É apenas a minha imaginação», pensou... porém, tinha certeza de que não era.

O riacho ia-se tornando cada vez mais estreito, e isso de certeza que não era imaginação sua. Enquanto o seguia, ao longo do declive e depois através de uma zona cheia de

árvores de folha caduca — e arbustos, muitos deles cheios de espinhos —, foi estreitando progressivamente até se tornar apenas num fiozinho de água com cerca de meio metro de largura.

De súbito, desapareceu num maciço espesso de arbustos. Trisha abriu caminho através da vegetação junto ao riacho em vez de a contornar porque tinha medo de o perder. Uma parte de si sabia que perdê-lo não iria fazer qualquer diferença porque de certeza que o riacho não se dirigia para onde ela queria ir, mas essas coisas pareciam não ter importância. A verdade era que ela estabelecera uma ligação emocional com o riacho — «fundira-se com ele», como diria a mãe — e não suportava ter de abandoná-lo. Sem ele seria apenas uma criança a vaguear sem um plano pela floresta. Pensar nisso provocou-lhe um aperto na garganta e acelerou-lhe o pulsar do coração.

Saiu do meio dos arbustos e o riacho reapareceu. Trisha seguiu-o de cabeça baixa e cenho franzido, tão concentrada como Sherlock Holmes seguindo as pegadas do cão dos Baskerville. Não reparou na alteração que a vegetação sofrerá, passando de arbustos a fetos, nem no fato de muitas das árvores ao lado das quais o riacho agora seguia estarem mortas, nem que o solo ficara mais macio. Toda a sua atenção estava presa no riacho. Seguia-o de cabeça baixa, o paradigma da concentração.

O riacho começou de novo a alargar, e durante cerca de quinze minutos (já era quase meio-dia) Trisha permitiu-se pensar que, afinal de contas, ele não iria desaparecer. Depois percebeu que se tornava cada vez menos fundo; não passava de uma série de poças, cheias de espuma e de insetos. Dez minutos mais tarde, um dos tênis enterrou-se no chão, que já não era firme, mas sim uma camada de musgo enganadora sobre um lamaçal. Enterrou o pé até ao tornozelo e puxou-o com um gritinho de nojo. O puxão rápido fê-la quase descalçar o tênis. Trisha gritou de novo e agarrou-se a um tronco morto, enquanto limpava o pé com relva e voltava a calçar-se.

Depois, olhou em volta e viu que chegara a uma espécie de floresta-fantasma, onde outrora houvera um incêndio. A sua frente (e já em seu redor) havia um labirinto de árvores mortas há muito. O chão que pisava era pantanoso. Elevando-se das poças de água estagnada,

surgiam pequenos outeiros cobertos de relva e algas. O ar estava cheio de mosquitos e de libélulas. Havia mais pica-paus a martelar ao longe, dezenas, a avaliar pelo barulho que faziam. Tantas árvores mortas, tão pouco tempo...

O riacho de Trisha entrava neste atoleiro e desvanecia-se.

— O que é que eu faço agora, hum? — perguntou ela numa voz cansada e lacrimejante. — Alguém se importa de me responder?

Havia muitos locais onde podia sentar-se e pensar nisso; tocos de árvores mortas por toda a parte, muitos ainda com as marcas do fogo nos corpos pálidos. No entanto, o primeiro que experimentou cedeu sob o seu peso, atirando-a para o chão molhado. Trisha gritou quando a umidade atravessou o tecido grosso da calça e lhe molhou o traseiro — que horror, detestava molhar o traseiro daquela maneira —, e levantou-se de novo rapidamente. A árvore apodrecera devido à umidade; as extremidades estavam cheias de bichos-de-conta. Trisha observou-os, simultaneamente fascinada e enojada, e depois aproximou-se de outra árvore. Testou-a primeiro. Pareceu-lhe sólida e sentou-se, cansada, olhando para as árvores mortas, esfregando sem reparar o pescoço dorido e tentando decidir qual seria o seu próximo passo.

Embora já não conseguisse pensar com tanta clareza como de manhã, nem nada que se parecesse, parecia-lhe haver apenas duas alternativas: ficar quieta e aguardar que as equipas de salvamento aparecessem ou continuar a andar e ir ao seu encontro. Calculava que fazia sentido ficar à espera num lugar: poupava energia e tudo o resto. E, sem o riacho, iria em direção a quê? A nada certo, com certeza. Podia estar a dirigir-se para a civilização; podia também estar a afastar-se da civilização; podia até começar a andar em círculo.

Por outro lado («Há sempre o outro lado, querida», dissera-lhe o pai uma vez), ali nada havia para comer, cheirava a lama e a árvores podres e a outras coisas horrorosas, o

lugar era horrível, sem nada. Trisha pensou que, se ficasse e não aparecesse nenhuma equipa de salvamento antes do anoitecer, iria ter de dormir ali. Era uma idéia assustadora. A pequena clareira em forma de crescente da noite anterior era a Disneylândia, quando comparada com aquilo.

Levantou-se e olhou na direção do lugar onde o riacho desaparecia. Viu um emaranhado de troncos cinzentos e ramos secos protuberantes, mas achou que conseguia ver verde mais atrás. Verde a elevar-se. Talvez uma colina. E mais gaultérias. Ei!, porque não? Já passara por vários maciços cheios delas. Devia tê-las apanhado e guardado na mochila, mas estivera tão concentrada no riacho que nem se lembrara disso. Naquele momento, contudo, o riacho desaparecera e tinha de novo fome. Não estava faminta (pelo menos por enquanto), mas com fome.

Trisha avançou dois passos, testou o solo mole e viu, apreensiva, a água a subir, molhando-lhe os tênis. Então sempre ia avançar? Só por causa daquilo que julgava ter visto do outro lado?

— Pode haver areias movediças — murmurou. «Exatamente!», concordou logo a voz fria dentro de si. Parecia divertida. «Areias movediças! Crocodilos! Já para não falar dos homenzinhos cinzentos do *Arquivo-X,* com sondas para te enfiar no traseiro!»

Trisha recuou os dois passos que dera e voltou a sentar-se. Mordeu o lábio inferior sem perceber. Já não reparava nos insetos que voavam em seu redor. Ir ou ficar? Ficar ou ir?

O que a fez avançar, cerca de dez minutos mais tarde, foi a esperança... e a possibilidade de encontrar frutos. Caramba, naquele momento até já estava disposta a provar as folhas! Trisha imaginou-se a apanhar as frutas vermelho-vivas na encosta de uma colina verde, parecendo uma criança num livro escolar ilustrado (esquecera-se da lama no rosto e do

cabelo empastado). Viu-se a subir a colina e a encher a mochila de gaultérias e, finalmente, a chegar lá acima, a olhar para baixo e a ver...

«Uma estrada. Vejo uma estrada de terra com vedações de ambos os lados, cavalos a pastar e um celeiro à distância. Vermelho com uma faixa branca...»

Maluca! Era completamente doida!

Mas seria mesmo? E se se encontrasse apenas a meia hora de caminho da segurança e continuasse perdida porque tinha medo de um bocado de «nhanha»?

— *Okay* — disse Trisha, levantando-se e reajustando, nervosa, as correias da mochila. — *Okay,* vamos às frutas. Mas, se isto ficar mau, volto para trás. — Deu um puxão final às correias e começou a avançar, andando devagar no chão cada vez mais molhado, testando cada passada, contornando as árvores mortas que estavam de pé e os troncos caídos no chão.

Passado algum tempo — podia ter sido meia hora depois de começar a andar, podiam ter sido quarenta e cinco minutos... —, Trisha descobriu aquilo que milhares (talvez até milhões) de homens e mulheres antes dela tinham descoberto: quando a coisa ficou má era já demasiado tarde para voltar para trás. Saltou de um pedaço de terreno molhado, mas estável, para um outeiro que não era propriamente um outeiro, mas sim um disfarce. O seu pé enterrou-se numa substância fria e viscosa, espessa demais para ser água, porém, demasiado líquida para ser lama. Vacilou, tentando agarrar-se a um ramo morto, e gritou de medo e frustração quando este lhe escapou. Caiu sobre erva alta cheia de insetos. Conseguiu soerguer-se sobre um joelho e puxar o pé. Este soltou-se com um «plop», mas o tênis ficou submerso em algum lugar.

— Não! — gritou, suficientemente alto para assustar um grande pássaro branco que levantou voo. A ave subiu em direção ao céu com as enormes pernas penduradas. Noutro local e noutras circunstâncias, Trisha teria ficado a olhar para aquela aparição exótica, mas, naquele momento, mal reparou nela. Girou sobre os joelhos, a perna direita coberta de lama preta reluzente, e enfiou o braço no buraco cheio de água que lhe engolira temporariamente o pé. — Não podes ficar com ele! — gritou, furiosa. — É meu e você... não pode... ficar com ele!

Tateou na lama escura, os dedos abrindo caminho entre membranas de raízes e esquivando-se entre as que eram demasiado grossas para partir. Uma coisa que parecia estar viva tocou-lhe na palma da mão por um breve momento, e depois desapareceu. Logo a seguir a mão fechou-se sobre o tênis e puxou-o para fora. Trisha olhou para ele — um sapato de lama preta, mesmo indicado para a garota coberta de lama, «à moda», como teria dito Pepsi — e começou de novo a chorar. Levantou o tênis, inclinou-o e dele saiu uma torrente de lama. Isso fê-la rir. Durante cerca de um minuto, ficou sentada no outeiro de pernas cruzadas com o tênis resgatado no regaço, a rir e a chorar no centro de um universo de insetos em órbita, enquanto as árvores mortas continuavam de sentinela à sua volta e os grilos cantavam.

Por fim, o choro passou a soluços, o riso a risadas sem o mínimo humor. Arrancou tufos de erva e limpou o melhor que pôde a parte de fora do tênis. Depois abriu a mochila, rasgou o saco do almoço vazio e usou os bocados como toalhas para limpar o interior. Amassou-os e atirou-os para trás das costas com indiferença. Se alguém a quisesse prender por estar a sujar aquele lugar horrível e malcheiroso não fazia mal.

Trisha levantou-se, continuando com o tênis resgatado na mão, e olhou em frente.

— Foda-se! — exclamou.

Era a primeira vez na vida que dizia aquela palavra em voz alta (Pepsi dizia-a às vezes, mas Pepsi era Pepsi). Via agora com mais clareza o verde que confundira com uma colina. Eram outeiros, nada mais, apenas outeiros. Entre eles havia mais água estagnada e mais árvores, a maior parte morta, mas com algumas folhas verdes no cimo. Ouvia os sapos a coaxar. Nada de colinas. De lodaçal a pântano, de mal a pior.

Virou-se e olhou para trás, porém, já não conseguia ver o lugar por onde entrara naquela zona de purgatório. Se tivesse se lembrado de assinalar o local com qualquer coisa de cores vivas — digamos um pedaço da capa rasgada — poderia voltar para trás. Mas não assinalara, e agora não havia nada a fazer.

«Pode sempre voltar para trás — tem uma idéia da direção que tomou.»

Desta vez, porém, não queria seguir o raciocínio que a metera naquela enrascada.

Virou-se para os outeiros, para os reflexos de sol na água parada espumosa. Havia muitas árvores a que se podia agarrar e o pântano tinha de acabar em algum lugar, não era?

«É louca se pensa uma coisa dessas.»

Claro! Aliás, era uma situação louca.

Trisha ficou parada durante mais algum tempo, pensando agora em Tom Gordon e na sua imobilidade especial — era assim que ele estava na zona do lançador, a ver um dos apanhadores dos Red Sox, Hatteberg ou Veritek, a fazer sinais. Completamente imóvel (tal como ela agora), porém, toda essa imobilidade parecia rodopiar a partir dos seus ombros. Depois começava a mover-se.

«Tem água gelada nas veias», dissera o pai.

Trisha queria sair dali, sair daquele pântano, para começar, e depois daquela maldita floresta; queria voltar para onde havia pessoas, lojas, centros comerciais, telefones e polícias que nos ajudavam se estávamos perdidos. E achou que o conseguiria. Se tivesse coragem. Se tivesse um pouco de «água gelada» nas veias.

Quebrando a imobilidade, Trisha descalçou o outro *Reebok* e uniu os cadarços dos dois tênis. Pendurou-os no ombro como pêndulos de um relógio de cuco, hesitou em relação às meias, e decidiu mantê-las calçadas, numa espécie de compromisso («para se proteger da "nhanha"», foi o que na verdade pensou). Enrolou as calças até aos joelhos, depois inspirou e expirou lentamente.

— McFarland toma balanço, McFarland lança — disse. Ajeitou o boné dos Sox (desta vez com a pala para trás, porque dava mais estilo) e começou de novo a andar.

Saltou de outeiro em outeiro com uma determinação cuidadosa, levantando os olhos do chão por breves momentos, fixando um ponto e depois avançando na sua direção, tal como fizera na véspera. «Só que hoje não vou entrar em pânico e desatar a correr», pensou. «Hoje tenho "água gelada" nas veias.»

Passou uma hora, depois duas. Em vez de ficar firme, o terreno era cada vez mais pantanoso. Por fim, deixou de haver terreno firme, com exceção dos outeiros. Trisha saltou de um para outro, apoiando-se nos ramos e nos arbustos sempre que podia, esticando os braços para se equilibrar, como se estivesse na corda bamba e não tivesse nada a que se agarrar. Por fim, chegou a um lugar onde não havia um outeiro próximo para onde pudesse saltar. Demorou um momento a decidir e depois entrou na água estagnada, sobressaltando uma nuvem de insetos aquáticos e libertando um cheiro horrível a podridão. A água não lhe chegava bem aos joelhos. A substância onde os seus pés se enterravam parecia gelatina gelada com grumos. Na água surgiram bolhas amareladas; a rodopiar nelas havia fragmentos pretos sabe-se lá do quê.

— Que nojo! — gemeu Trisha, avançando até ao outeiro mais próximo. — Oh! que nojo! Iac!, iac!, iac! Que asco! — Avançou aos repelões, tendo de puxar os pés com força para os soltar. Tentou não pensar no que aconteceria se não conseguisse fazê-lo, se ficasse presa à matéria viscosa do fundo e começasse a afundar-se. — Iac!, iac!, iac! — Aquilo transformara-se num cântico. O suor escorria-lhe pelo rosto em gotas grossas e fazia-lhe arder os olhos. Os grilos tinham ficado sempre na mesma nota: criiiiiiiii. A sua frente, no outeiro que seria a paragem seguinte, três sapos saltaram da erva para a água, plip-plip-plop. — Lindo! — exclamou Trisha com um sorriso triste.

Havia milhares de girinos a nadar na lama amarelo-escura à sua volta. Quando baixou o olhar na sua direção, um dos pés bateu numa coisa dura e coberta de visco — talvez um tronco. Trisha conseguiu passar-lhe por cima sem cair e chegou ao outeiro. Ofegante, içou-se e olhou com ansiedade para os pés e pernas enlameados, quase à espera de ver sanguessugas ou algo ainda pior a revirar-se sobre elas. Não viu nada horrível, mas encontrava-se coberta de lama até aos joelhos. Descalçou as meias, que estavam pretas, e a pele branca por baixo assemelhava-se mais a meias do que as próprias meias. Trisha desatou a rir, nervosa. Inclinou-se para trás, sobre os cotovelos, e uivou para o céu, sem querer rir-se daquela maneira, como (os loucos) uma idiota, mas durante algum tempo não conseguiu conter-se. Quando, por fim, se acalmou, espremeu as meias, voltou a calçá-las e levantou-se. Pôs a mão sobre os olhos, como se fosse uma pala, escolheu uma árvore grande com um ramo baixo enorme partido e a tocar na água e avançou para ele.

— McFarland toma balanço, McFarland lança — repetiu, cansada, começando de novo a andar. Já não pensava nas bagas; só queria era sair dali inteira.

Há uma altura em que as pessoas que apenas dependem de si próprias deixam de viver e passam simplesmente a sobreviver. O corpo, já sem fontes de energia, recorre às calorias armazenadas. Os pensamentos tornam-se menos nítidos. A percepção começa a diminuir e a aumentar perversamente. As coisas tornam-se difusas nas extremidades. Trisha McFarland aproximou-se deste limiar entre vida e sobrevivência na segunda tarde que passava na floresta.

Não se importava muito de estar a avançar para oeste; pensou (provavelmente com razão) que avançar sempre na mesma direção era bom, o melhor que conseguia fazer. Tinha fome, mas quase não percebeu; estava demasiado concentrada em andar em linha reta. Se começasse a desviar-se para a esquerda ou para a direita, poderia ainda encontrar-se naquele esgoto quando anoitecesse, e não seria capaz de suportar uma coisa dessas. Uma vez parou para beber um gole de água e, por volta das quatro, bebeu o resto da *Sprite* quase sem perceber.

As árvores mortas começaram a assemelhar-se cada vez menos a árvores e cada vez mais a sentinelas pálidas sobre os seus pés retorcidos na água preta e parada. «Daqui a pouco estarei outra vez a imaginar que vejo caras nelas», pensou. Quando passou ao lado de uma dessas árvores (não havia outeiros em lado algum numa distância de nove metros), tropeçou noutra raiz submersa, ou num ramo, e desta vez estatelou-se, chapinhando e ofegando. Ficou com a boca cheia de água arenosa e lodosa e cuspiu-a com um grito. Viu as suas mãos na água escura. Pareciam amareladas e inchadas, como coisas há muito submersas. Tirou-as da água e ergueu-as.

— Estou bem — disse Trisha rapidamente, e quase percebeu de que atravessara uma linha vital; quase conseguia sentir-se a entrar noutro país onde a língua era diferente e o dinheiro engraçado. As coisas estavam a mudar. Porém... — Estou bem. Sim, estou bem. — A mochila continuava seca. Isso era importante, porque o seu *walkman* encontrava-se lá dentro e agora era a sua única ligação ao mundo.

Imunda e com a parte da frente do corpo encharcada, Trisha continuou a andar. O novo ponto de referência era uma árvore morta que se dividia a meio e formava um «Y» negro contra o sol-poente. Dirigiu-se para ela. Chegou perto de um outeiro, fitou-o rapidamente e decidiu continuar na água. Porquê incomodar-se? Andar na água era mais rápido A repulsa que sentia em relação à gelatina podre do fundo já esmorecera. Uma pessoa podia habituar-se a tudo, se quisesse. Trisha percebia-o agora.

Pouco depois de ter caído, Trisha começou a passar o dia com Tom Gordon. A princípio isso pareceu-lhe estranho — esquisito, mesmo —, mas, à medida que as longas horas da tarde se iam escoando, perdeu a inibição e começou a falar com toda a naturalidade, dizendo-lhe para que ponto de referência se dirigia, explicando-lhe que provavelmente fora um incêndio que criara aquele pântano, garantindo-lhe que em breve sairiam dali, que aquilo não podia continuar assim para sempre. Estava a dizer-lhe que esperava que os Red Sox fizessem vinte *runs* no jogo dessa noite, para que ele pudesse estar mais descontraído no banco, quando subitamente se calou.

— Ouviu alguma coisa? — perguntou. Não sabia se Tom ouvira, mas ela ouvira: o girar ritmado das pás dos helicópteros. Distante, mas inconfundível. Trisha estava a descansar num outeiro quando ouviu o som. Levantou-se de um pulo e girou, com a mão a fazer sombra sobre os olhos e a fitar o horizonte. Não viu nada e, passado algum tempo, o som desvaneceu-se. — Droga! — exclamou, desconsolada. Mas, pelo menos, andavam à sua procura. Esborrachou um mosquito no pescoço e meteu-se de novo a caminho.

Dez ou quinze minutos mais tarde estava de pé sobre a raiz meio submersa de uma árvore, com as meias sujas e a olhar em frente, intrigada. Para lá da linha de árvores onde se encontrava naquele momento, o pântano formava um lago. No meio havia mais outeiros, mas estes eram castanhos e pareciam feitos de ramos partidos e troncos retorcidos. Em cima deles, e a fitá-la, encontrava-se meia dúzia de animais castanhos.

As rugas na testa de Trisha suavizaram-se lentamente quando ela percebeu o que eram. Esqueceu-se que se encontrava num pântano, que estava molhada, enlameada e cansada, que estava perdida.

— Tom — murmurou, um pouco ofegante. — São castores! Castores em cima das suas casas ou açudes, ou lá como é que aquilo se chama. São, não são?

Pôs-se nas pontas dos pés, equilibrando-se no tronco, observando-os, maravilhada. Castores em cima das suas casas de paus... e, ainda por cima, a observá-la? Achou que sim, especialmente o do meio. Era maior do que os outros, e Trisha teve a sensação de que os seus olhos negros não deixavam de fitar o seu rosto. Parecia ter barba, e o pêlo era de um castanho-escuro luxuriante, com uma tonalidade quase avermelhada nas coxas roliças. Olhar para ele fê-la lembrar-se das ilustrações de *O Vento nos Salgueiros*.

Por fim, Trisha saiu da raiz e voltou a andar, a sua sombra projetando-se muito comprida. De imediato, o Castor Principal (era assim que ela o via) ergueu-se, recuou até as patas traseiras se encontrarem na água, e bateu com a cauda. O som soou demasiado alto no ar quente parado. Em seguida, os outros castores saltaram das casas, mergulhando em simultâneo. Era o mesmo que estar a olhar para uma equipe de nadadores. Trisha observava-os com as mãos unidas junto ao esterno e um grande sorriso no rosto. Era uma das coisas mais espantosas que já vira, e percebeu que nunca seria capaz de explicar por que motivo o Castor Principal lhe parecera um velho professor sábio ou algo do gênero.

— Tom, olhe! — exclamou ela, apontando. — Olhe para a água! Ali vão eles! Força, meninos!

Na água escura viam-se seis vultos em forma de «V» a afastarem-se das casas de madeira. Depois desapareceram e Trisha continuou a andar. O seu ponto de referência era

agora um outeiro enorme com fetos[4] verde-escuros a crescer como cabelo espetado. Aproximou-se dele percorrendo um arco, em vez de ir em linha reta. Fora sensacional ver os castores — «Da hora, em pepsiês» —, porém não tinha o mínimo desejo de encontrar algum que andasse a nadar debaixo de água. Já vira fotografias suficientes para saber que até os castores mais pequenos tinham dentes aguçados. Durante algum tempo, Trisha soltou gritinhos de cada vez que um pedaço de erva submerso lhe tocava, certa de que era o Castor Principal (ou um dos seus capangas) querendo expulsá-la dali.

Mantendo as casas dos castores sempre à sua direita, Trisha aproximou-se de um outeiro enorme, e, à medida que a distância diminuía, a sua esperança aumentava. «Aqueles fetos escuros não são só para enfeitar», pensou; fora apanhá-los com a mãe e a avó três Primaveras seguidas, e parecia-lhe que aquilo eram fetos comestíveis. Já não os havia em Sanford há pelo menos um mês, mas a mãe dissera-lhe que no interior a época deles era mais tarde, até Julho em zonas pantanosas. Custava-lhe a crer que aquele local malcheiroso pudesse produzir alguma coisa boa, mas, quanto mais se aproximava, maior era a sua certeza. E os fetos comestíveis não eram apenas bons; eram deliciosos. Até Pete, que não gostava de legumes (tirando ervilhas), comia fetos.

Disse a si própria para não esperar demasiado, mas cinco minutos depois de a idéia lhe ter ocorrido, já tinha a certeza. A sua frente não se encontrava um mero outeiro, mas sim a ilha dos fetos comestíveis! «Porém», pensou Trisha quando se aproximou, arrastando-se na água, que agora lhe chegava já às coxas, «ilha dos insetos seria um nome mais adequado.» Ali havia insetos imensos, claro, no entanto ela estava sempre a reforçar a sua camada protetora de lama e esquecera-se deles até àquele momento. O ar na ilha dos fetos comestíveis estava cheio deles, e não eram apenas mosquitos. Havia também um zilhão de moscas. Quando se aproximou ouviu o seu zumbido sonolento e reluzente.

Encontrava-se a meia dúzia de passos dos primeiros ramos verdes quando parou, mal percebendo dos seus pés na palha enlameada debaixo de água. A orla verde daquele lado estava rasgada; aqui e ali alguns fetos comestíveis boiavam de raízes para cima na água preta. Mais adiante viu manchas vermelhas.

— Isto não me agrada... — murmurou, e, quando tornou a avançar, dirigiu-se para a esquerda e não para a frente. Os fetos eram inofensivos, claro, mas ali havia qualquer coisa malévola. Talvez os castores lutassem entre si para acasalar, ou algo do gênero. Trisha não tinha fome suficiente para se arriscar a enfrentar um castor ferido enquanto procurava comida. Ainda podia ficar sem uma das mãos ou sem um olho...

Quando ia a contornar a ilha dos fetos, tornou a parar. Não queria olhar, mas, a princípio, não conseguiu conter-se.

— Olhe, Tom — disse, numa voz trêmula. — Oh!, que horror!

Era a cabeça amputada de um pequeno veado. Rolara, deixando um rasto de sangue que sujara os fetos. Jazia de pernas para o ar junto à água. Os seus olhos encontravam-se cobertos de lêndeas. Regimentos de moscas cobriam o toco do pescoço. Zumbiam como um pequeno motor.

— Consigo ver-lhe a língua — disse ela, e a sua voz estava sumida, parecendo distante. O reflexo do sol na água tornou-se subitamente intenso demais, e sentiu-se prestes a desmaiar. — Não — murmurou. — Não, não permita, não posso!

Desta vez, a sua voz, embora mais forte, soou mais próxima. A luz readquiriu uma tonalidade normal. Graças a Deus; a última coisa que desejava era desmaiar com água estagnada até à cintura. Não havia fetos comestíveis, mas também nada de desmaios. Era uma espécie de compromisso.

Trisha avançou, caminhando mais depressa e com menos cuidado em testar onde punha os pés antes de dar o passo seguinte. Quase girava ao andar, virando o quadril, os braços para trás e para a frente, formando pequenos arcos. Pensou que, se tivesse vestido um *maiô,* pareceria um dos convidados do programa de ginástica que havia na televisão. «Muito bem, pessoal, hoje vamos fazer uns exercícios novos. Este se chama "Fugir da cabeça decepada do veado". Mexam-me esses quadris, apertem-me esses glúteos, girem-me esses ombros!»

Trisha continuava a olhar em frente, mas era impossível não ouvir o zumbido pesado e constante das moscas. O que provocara aquilo? Não fora com certeza um castor. Os castores não arrancavam a cabeça aos veados, por muito aguçados que fossem os seus dentes.

«Sabe bem o que foi», disse a voz fria. «Foi a coisa. A coisa especial. A que está te observando neste momento.»

— Nada está me observando neste momento, isso é besteira — retorquiu ela, ofegante. Arriscou uma espiada por cima do ombro e ficou satisfeita por ver a ilha dos fetos cada vez mais distante. Mas ainda não era o suficiente. Olhou para a cabeça de veado na margem pela última vez com o seu colar preto rumorejante.

— É tudo besteira, não é, Tom?

Mas Tom não respondeu. Tom não podia responder. Naquele momento devia estar em Fenway Park, na brincadeira com os colegas e a vestir o seu equipamento branco. O Tom Gordon que caminhava ao seu lado no pântano — naquele pântano interminável — era apenas uma curazinha homeopática para a solidão. Trisha estava sozinha.

«Mas não está, querida. Não está nada sozinha!»

Trisha tinha um medo terrível de que a voz fria, embora não fosse sua amiga, estivesse a dizer a verdade. Voltara a ter a sensação de que estava a ser observada, e essa sensação era mais forte do que nunca. Tentou ignorá-la, dizendo a si própria que era apenas o nervosismo (qualquer pessoa ficava nervosa depois de ver uma cabeça decepada), e quase o conseguira, quando chegou junto de uma árvore que tinha vários cortes na diagonal na casca morta. Parecia que uma coisa muito grande e muito mal disposta a tinha arranhado ao passar por ali.

— Oh!, meu Deus! — exclamou. — São marcas de garras!

«Está ali à frente, Trisha. Ali à frente, à sua espera, com garras e tudo.»

Trisha viu mais água parada, mais outeiros, algo que parecia ser outra colina verde, mas fora assim que se deixara enganar da primeira vez. Não avistou nenhum animal... mas é claro que isso era impossível, não era verdade? O animal faria o que todos os animais fazem quando se preparam para saltar, havia uma palavra para descrever isso, mas sentia-se cansada demais, assustada e infeliz para se recordar dela...

«Eles se escondem», segredou-lhe a voz fria. «É isso que fazem, se escondem. Sim, menina. Especialmente aqueles parecidos com o seu novo amigo.»

— Emboscam-se... — repetiu Trisha. — Sim, é essa a palavra. Obrigada.

E recomeçou a andar em frente, porque era demasiado tarde para voltar para trás. Mesmo que alguma coisa estivesse à sua espera para a matar, era demasiado tarde para voltar para trás.

Desta vez, aquilo que parecia ser terreno firme era-o realmente. A princípio, Trisha não se permitiu acreditar que era verdade, mas à medida que se foi aproximando e não viu água entre os arbustos e as árvores raquíticas, começou a sentir um pouco de esperança. A água já era menos funda: chegava-lhe a meio da canela e já não aos joelhos ou às coxas. Havia mais fetos comestíveis a crescer em pelo menos dois outeiros. Não tantos como na ilha lá atrás, mas ela agarrou nos que encontrou e engoliu-os. Eram doces, e deixavam na boca um gosto intenso. «Estavam verde», pensou Trisha, e adorou-os. Se houvesse mais tê-los-ia apanhado e guardado na mochila, mas não havia. Em vez de se lamentar, alegrou-se com o que tinha com a simplicidade de uma criança. Chegava por agora; mais tarde preocupar-se-ia. Avançou para terreno firme, trincando as folhinhas enroladas e depois roendo os talos. Já nem se lembrava de que se encontrava na água suja; o seu nojo desaparecera.

Quando estendeu a mão para os últimos fetos que cresciam no segundo outeiro, parou no meio do gesto. Ouviu de novo o zumbir sonolento das moscas, desta vez muito mais intenso. Trisha devia ter-se afastado, mas não podia, porque, à medida que o pântano ia secando, enchia-se de ramos e arbustos mortos. Parecia haver um único caminho desimpedido no meio de toda aquela confusão, e ela teria de seguir por ele, a menos que quisesse passar mais algumas horas a tentar ultrapassar barreiras submersas e talvez a cortar os pés enquanto o fazia.

Mesmo naquele canal Trisha teve de passar por cima de uma árvore morta. Tombara recentemente, e «tombar» era realmente a palavra adequada. Havia mais marcas de garras na casca e, embora a extremidade do tronco se encontrasse no meio dos arbustos, percebeu que a madeira ainda estava fresca e branca. A árvore atravessara-se no caminho de qualquer coisa, e essa coisa deitara-a abaixo, arrancando-a como se se tratasse de um palito.

O zumbido era cada vez mais intenso. O resto do veado — pelo menos a maior parte — jazia junto a um maciço de fetos, perto do local onde Trisha saiu finalmente do pântano. Estava dividido em dois pedaços ligados pelo emaranhado de intestinos. Uma das patas fora arrancada e encontrava-se encostada a um tronco, como se se tratasse de uma bengala.

Trisha tapou a boca com as costas da mão direita e avançou rapidamente, emitindo uns estranhos sons, «uuc-uuc», enquanto se esforçava por não vomitar. Talvez a coisa que matara o veado queria que ela vomitasse. Seria possível? A parte racional do seu cérebro (que ainda estava bastante ativa) recusou tal idéia, mas Trisha achava que a coisa sujara de propósito os dois maiores e mais viçosos fetos do pântano com o corpo mutilado do veado. E, se o fizera, seria impossível acreditar que a desejava ver vomitar o pouco alimento que conseguira reunir?

«Sim. É. Está a ser uma idiota. Esquece. E não vomite, por amor de Deus!», pensou.

Os sons e enjôo, que pareciam soluços grandes, tornaram-se mais espaçados à medida que ela seguia para oeste (rumar a oeste era agora fácil, com o Sol baixo no horizonte) e o barulho das moscas começou a distanciar-se. Quando deixou de o ouvir, Trisha parou, descalçou as meias e voltou a calçar os tênis. Espremeu de novo as meias, ergueu-as e observou-as. Lembrava-se de as ter calçado no seu quarto em Sanford, de estar sentada na beira da cama a calçá-las enquanto cantava baixinho:

— *Put your arms around me... cuz I gotta get next to you.*

A canção era dos Boyz To Da Maxx; ela e Pepsi achavam-nos lindos, especialmente o Adam. Lembrou-se de ver a luz do sol no chão. Lembrou-se do pôster do *Titanic* que tinha na parede. A recordação que tinha de calçar as meias no quarto era bastante nítida, mas

igualmente longínqua. Calculou que era por isso que as pessoas de idade, como o avô, se recordavam de coisas que haviam acontecido na sua infância. As meias eram agora pouco mais do que buracos unidos por fios, e isso fê-la ter vontade de chorar de novo (provavelmente porque se sentia como os buracos unidos pelos fios), mas conseguiu controlar-se. Enrolou as meias e enfiou-as na mochila.

Estava a apertar as correias quando ouviu de novo o uup-uup-uup das pás de um helicóptero. Desta vez encontrava-se mais próximo. Trisha levantou-se e virou-se com as roupas a adejar. A este, negros contra o céu azul, estavam dois vultos. Fizeram-lhe lembrar as libélulas que vira no Pântano do Veado Morto... Não valia a pena acenar e gritar, os helicópteros estavam a um milhão de quilômetros, mas, mesmo assim, acenou e gritou, não conseguiu conter-se. Por fim, quando a garganta começou a doer-lhe, desistiu.

— Olhe, Tom — disse ela, seguindo-os cheia de tristeza da esquerda para a direita, de norte para sul, provavelmente. — Olha, eles andam a tentar encontrar-me. Se se chegassem um bocadinho mais perto...

Mas não chegaram. Os helicópteros distantes desapareceram atrás da floresta. Trisha ficou onde estava, não se movendo até o som dos rotores ter desaparecido sob o cantar dos grilos. Depois respirou profundamente e ajoelhou-se para apertar os cadarços. Já não sentia que alguma coisa a observava, pelo menos...

«Oh!, grande mentirosa», ralhou a voz fria. Parecia divertida. «Sua grande mentirosa!»

Porém, ela não estava a mentir, pelo menos não de propósito. Encontrava-se tão cansada e tão confusa que não sabia bem o que sentia... a não ser que tinha fome e sede. Agora que saíra da lama e do pântano (e se afastara do cadáver mutilado do veado), sentia

claramente fome e sede. Ocorreu-lhe voltar para trás e apanhar mais alguns fetos. Com certeza que poderia manter-se afastada do cadáver e dos locais mais ensangüentados.

Pensou em Pepsi, que às vezes se impacientava se ela arranhava os joelhos quando estavam a andar de patins ou se caía quando subiam nas árvores. Se via lágrimas nos olhos de Trisha, Pepsi dizia: «Não seja medrosa, McFarland.» Deus sabia que ela não podia ser medrosa por causa do veado, não numa situação daquelas, mas...

... Mas tinha medo que a coisa que matara o veado pudesse ainda estar por perto, à espreita e à espera. Na esperança de que ela voltasse.

Quanto a beber a água do pântano, isso não. Terra era uma coisa. Insetos mortos e ovos de mosquito eram outra. Seria que os ovos de mosquito podiam eclodir no estômago de uma pessoa? Provavelmente não. Seria que ela queria ter a certeza? Com certeza que não.

— Provavelmente encontrarei mais fetos — disse. — Não é, Tom? E frutos também. — Tom não respondeu, mas, antes que se arrependesse, Trisha começou de novo a andar.

Rumou a oeste durante mais três horas, a princípio avançando devagar, depois conseguindo ir mais depressa, quando entrou numa zona de floresta mais antiga. As pernas doíam-lhe e as costas latejavam, mas não lhes deu atenção. Nem sequer a fome ocupava um lugar importante nos seus pensamentos. Quando a luz do dia passou para dourado e depois para vermelho, foi a sede que começou a dominar os seus pensamentos. Tinha a garganta seca e a latejar; a língua parecia um verme cheio de pó. Amaldiçoou-se por não ter bebido do pântano quando tivera oportunidade e chegou mesmo a parar, pensando: «Que se lixe, vou voltar para trás!»

«É melhor não, querida», aconselhou a voz fria. «Não conseguiria encontrar o caminho. Mesmo que tivesse a sorte de voltar exatamente por onde veio, antes de lá chegar já seria de noite... e quem sabe o que pode estar à espera?»

— Cale-se — replicou ela, cansada —, cale-se, estúpida besta cruel!

Mas é claro que a estúpida besta cruel tinha razão. Trisha olhou para trás, na direção do Sol — que agora estava cor de laranja —, e retomou de novo a sua marcha. Começava a ficar assustada com a sede que sentia: se já era tão intensa às oito horas, como seria à meia-noite? Quanto tempo é que uma pessoa conseguia sobreviver sem água? Não se lembrava, embora tivesse lido qualquer coisa sobre isso, tinha a certeza. Não tanto tempo como sem comida. Como seria morrer de sede?

— Não vou morrer de sede nesta maldita floresta... não é, Tom? — perguntou, mas Tom não respondeu. O verdadeiro Tom devia estar naquele momento a assistir ao jogo. Tim Wakefield, o engenhoso lançador de bolas torcidas dos Boston, contra Andy Pettitte, o jovem lançador canhoto dos Yankees. A garganta de Trisha latejou. Custava-lhe a engolir. Lembrou-se de como chovera (e, tal como a recordação de se sentar na beira da cama a calçar as meias, esta parecia também muito longínqua) e desejou que chovesse outra vez. Dançaria na chuva com o rosto virado para o céu, os braços abertos e a boca escancarada; dançaria como o Snoopy em cima da casinha.

Avançou a custo entre pinheiros e espruces mais altos e mais espaçados à medida que se embrenhava naquela zona mais antiga da floresta. A luz do sol poente chegava-lhe oblíqua por entre as árvores, em faixas empoeiradas de uma cor cada vez mais escura. Teria achado bonitas as árvores e a luz laranja-avermelhada se não fosse a sede... e parte da sua mente notou essa beleza, mesmo apesar do mal-estar físico. Contudo, a luz era demasiado intensa. As suas têmporas latejavam devido a uma dor de cabeça e a garganta parecia um buraco apertado.

Naquele estado, Trisha considerou, a princípio, o som de água corrente uma alucinação auditiva. Mesmo assim, virou-se na sua direção, caminhando para sudoeste em vez de para oeste, baixando-se para passar sob os ramos e saltando sobre os troncos como uma pessoa hipnotizada. Quando o som se tornou mais intenso — demasiado intenso para poder ser confundido com qualquer outra coisa — Trisha começou a correr. Escorregou duas vezes no tapete de agulhas de pinheiro e uma vez correu por entre um maciço de urtigas que lhe abriu golpes nos antebraços e nas costas das mãos, mas nem reparou. Dez minutos depois de ter ouvido pela primeira vez o barulho da água, chegou a uma zona íngreme onde as pedras emergiam do solo fino e do tapete de agulhas numa série de nós pedregosos cinzentos. Abaixo deles saltitava um riacho que fazia o anterior parecer apenas um fio de água a correr de uma mangueira com a torneira fechada.

Trisha caminhou ao longo da margem íngreme sem consciência do que fazia, embora um passo em falso a tivesse feito cair de uma altura de, pelo menos, sete metros e provavelmente a matasse. Uma caminhada de cinco minutos riacho acima levou-a de uma espécie de sulco na orla da floresta até à vala onde o riacho corria. Era uma calha natural, atapetada com folhas e agulhas de pinheiro.

Trisha sentou-se e impulsionou-se para a frente com os pés até chegar ao topo da vala, como uma criança sentada no topo de um escorregador. Começou a descer, ainda sentada, arrastando as mãos e usando os pés como freios. No meio da descida começou a derrapar. Em vez de tentar parar — isso tê-la-ia feito rebolar —, deitou-se, uniu as mãos atrás do pescoço, fechou os olhos e rezou para que tudo corresse bem.

A viagem até lá abaixo foi curta e violenta. Trisha bateu numa rocha saliente com a coxa direita e com os dedos entrelaçados com força suficiente para eles ficarem dormentes. Se não tivesse posto as mãos em cima da cabeça, a segunda pedra ter-lhe-ia aberto o escalpe, pensou ela mais tarde. Ou pior. «Não se descuide do pescoço», diziam os adultos, em especial a avó McFarland.

Chegou ao fundo com um baque de quebrar ossos e os tênis encheram-se subitamente de água gelada. Descalçou-os, deitou-se sobre a barriga e bebeu até sentir a testa a doer, como acontecia quando tinha calor e fome e comia o gelado demasiado depressa. Ergueu o rosto molhado e enlameado da água fria borbulhante e olhou para o céu cada vez mais escuro, sem fôlego e a sorrir. Alguma vez provara água tão boa? Não. Alguma vez provara alguma coisa tão boa? Claro que não. Aquilo era único. Voltou a enfiar a cabeça na água e a beber. Por fim, ajoelhou-se, soltou um grande arroto e uma risada trêmula. Sentia o estômago inchado, retesado como um tambor. Pelo menos por enquanto nem sequer tinha fome.

A vala era íngreme demais e escorregadia para voltar a subir; talvez conseguisse chegar no meio, ou até quase ao topo, antes de voltar a escorregar até ao fundo. No entanto, do outro lado do rio a subida parecia ser mais fácil — a margem era íngreme e estava cheia de árvores, mas tinha poucos arbustos e havia muitas pedras que podia utilizar como degraus. Talvez conseguisse subir um pouco antes que escurecesse demasiado. Porque não? Agora que enchera a barriga de água sentia-se de novo forte, maravilhosamente forte. E confiante. O pântano ficara para trás e ela encontrara outro riacho. Um bom riacho.

«Sim, mas... e a coisa especial?», perguntou a voz fria. Trisha voltou a assustar-se com a voz. As coisas que ela dizia eram desagradáveis; e o fato de ter descoberto uma garota tão cruel dentro de si era ainda pior. «Já se esqueceu da coisa especial?»

— Se chegou a haver uma coisa especial — retorquiu Trisha —, já foi embora. Talvez voltou para junto do veado.

Era verdade, ou pelo menos parecia. A sensação de estar a ser vigiada, ou perseguida, desaparecera. A voz fria percebeu e calou-se. Trisha imaginou como seria a dona da voz, uma miudinha com uma boca desdenhosa ligeiramente parecida, por mera coincidência, com a própria Trisha (talvez como uma prima em segundo grau). Afastava-se naquele momento com os ombros muito direitos e os punhos cerrados, cheia de ressentimento.

— Sim, vá embora e não volte — disse Trisha.

— Não me mete medo. — E depois de uma hesitação:

— Vai se foder! — Lá tornou a sair da sua boca aquilo a que Pepsi chamava «o palavrão terrível», mas Trisha não ligou. Até se imaginava a repeti-lo a Pete, se este começasse com aquela conversa besta sobre Malden quando fossem para casa, depois das aulas. Malden isto e Malden aquilo, o pai isto e o pai aquilo; e se ela lhe dissesse apenas «olha, Pete, vai se foder», em vez de ficar calada ou tentar mudar alegremente de assunto? Só «olha, Pete, vai- se foder», sem mais nem menos? Trisha imaginou o irmão — viu-o a olhar para ela de boca escancarada e a imagem fê-la rir-se.

Levantou-se, aproximou-se da água, escolheu quatro pedras sobre as quais podia atravessar o riacho e saltou. Do outro lado, começou a subir a margem.

O declive era mais íngreme e o riacho cada vez mais ruidoso, borbulhando no seu leito de pedras. Quando chegou a uma clareira onde o chão era relativamente plano, decidiu passar ali a noite. O ar enchera-se de sombras e não corria uma aragem; se tentasse descer o declive, arriscar-se-ia a cair. Para além do mais, o lugar não era assim tão mau; pelo menos conseguia ver o céu.

— Mas os insetos são muitos — resmungou, enxotando os mosquitos que voavam junto à seu rosto e esmagando mais alguns pousados no pescoço. Voltou ao riacho para ir buscar mais lama, mas... ah!, ah!, esta era boa, não havia lama! Muitas pedras, mas nada de lama. Trisha endireitou-se enquanto os mosquitos faziam acrobacias complicadas junto aos seus olhos, a meditar, e depois assentiu. Afastou algumas agulhas do chão, escavou um buraco não muito grande na terra macia e, com a garrafa, encheu-o de água. Fez lama com os dedos,

cheia de satisfação (pensava na avó Andersen, a fazer pão na sua cozinha aos sábados de manhã, a amassar em cima de um banco, porque a bancada era demasiado alta). Depois de obter uma quantidade razoável de lama, esfregou-a no rosto. Quando terminou era quase noite.

Levantou-se, espalhando lama também nos braços, e olhou em volta. Não havia nenhuma árvore caída ajeitada sob a qual pudesse dormir, mas, a cerca de vinte metros, avistou alguns ramos de pinheiro. Levou-os para junto de um dos abetos altos perto da água e dispô-los em forma de leque invertido contra o tronco da árvore, deixando uma abertura por onde podia entrar... como se se tratasse de uma tenda. Se o vento não fizesse tombar os ramos, ficaria relativamente bem instalada.

Quando transportava os dois últimos ramos, sentiu uma dor na barriga e os intestinos em convulsão. Parou com um ramo em cada mão, aguardando, para ver o que vinha a seguir. A dor passou e a convulsão também, mas, mesmo assim não se sentia ainda bem. Estava trêmula. «Tremulante», como dizia a avó Andersen, só que a empregava no sentido de nervosismo, e Trisha não estava propriamente nervosa. Não percebia bem o que sentia.

«Foi da água», disse a voz fria. «Foi qualquer coisa na água. Foi envenenada, querida. Talvez de manhã esteja morta.»

— Se assim for, então estarei — retorquiu Trisha, juntando os dois últimos ramos ao seu abrigo. — Tinha tanta sede! Tive de beber.

Não houve qualquer resposta. Talvez até a voz fria, por muito traidora que fosse, tivesse percebido isso — ela tivera de beber, tivera!

Tirou a mochila das costas, abriu-a e, com uma expressão de reverência, pegou no *walkman.* Enfiou os fones nas orelhas e carregou no botão. Ainda conseguia apanhar a WCAS, mas com menos nitidez do que na noite anterior. Sentiu-se mal ao pensar que já saíra da zona de emissão da estação, como costuma acontecer quando se faz uma viagem longa de carro. Sentiu-se esquisita, bastante esquisita. Em especial na barriga.

— Muito bem — disse Joe Castiglione. A sua voz parecia soar muito ao longe. — Mo prepara-se e estamos prontos para o fim do quarto *inning.*

De súbito, Trisha sentiu os tremores na garganta e na barriga e os soluços — urc-urc, urc-urc — recomeçaram. Saiu do abrigo, ajoelhou-se e vomitou nas sombras entre duas árvores, apoiando-se a uma com a mão esquerda e apertando a barriga com a direita.

Ficou onde estava, lutando por inspirar algum ar e cuspindo o gosto a fetos — um gosto amargo e ácido —, enquanto Mo acertava em três bolas. Seguiu-se Troy O'Leary.

— Bem, os Red Sox já têm o caminho facilitado — observou Troop. — Ganham por sete a um no fim do quarto *inning* e Andy Pettitte vai lançar uma bela bola.

— Oh!, caraças! — exclamou Trisha, tornando a vomitar. Não conseguia ver o que saía da sua boca, pois estava demasiado escuro, e ainda bem, mas parecia ser uma coisa líquida, mais semelhante a sopa do que a «vomitado». Pensar na palavra vomitado fez com que o seu estômago começasse de novo à embrulhar. Afastou-se das árvores, ainda de joelhos, e as suas entranhas entraram de novo em convulsão, desta vez com mais força. — Oh!, caraças! — gemeu Trisha, abrindo rapidamente a braguilha. Tinha certeza de que não iria conseguir despir as calças a tempo, a certeza absoluta, mas por fim conseguiu baixá-las e afastá-las. Lá de baixo saiu um jato quente. Trisha gritou e um pássaro respondeu-lhe do escuro, como se estivesse a gozar com ela. Quando o mal-estar acalmou e tentou levantar-se,

sentiu muitas tonturas. Desequilibrou-se e caiu sentada em cima do que acabara de fazer. — Estou perdida e sentada na minha merda — disse. Começou de novo a chorar e depois a rir, quando percebeu do cômico da situação. «Perdida e sentada na minha merda, realmente», pensou. Levantou-se a custo, rindo e chorando ao mesmo tempo, com a calça jeans e a calcinha nos tornozelos (a calça estavam rasgada nos joelhos e tesas por causa da lama, mas, pelo menos, conseguira evitar sujá-las ainda mais... pelo menos por enquanto). Tirou a calça e foi até ao rio, nua da cintura para baixo, com o *walkman* numa das mãos. Troy O'Leary já dera a volta na altura em que ela se desequilibrara e caíra em cima da porcaria; e quando entrou descalça na torrente de água fria Jim Leyritz tirara de campo dois defesas. Fenomenal!

Dobrando-se e salpicando-se de água com a mão, Trisha disse:

— Foi a água, Tom, foi a maldita água, mas o que podia eu fazer? Limitar-me a olhar para ela?

Quando saiu da água tinha os pés completamente dormentes; o traseiro também mas, pelo menos, estava lavado. Vestiu a calcinha e a calça e estava acabando de apertar o botão do cós quando o estômago começou de novo embrulhar. Trisha chegou juntos às árvores em duas grandes passadas, apoiou-se e tornou a vomitar. Desta vez parecia não haver nada de sólido; era como expelir duas canecas de água quente. Inclinou-se para a frente e encostou a testa na casca pegajosa do pinheiro. Por momentos, imaginou ali um letreiro, semelhante àqueles que as pessoas costumam pendurar nas portas das casas de campo: «Vomitório de Trisha». Isto fê-la rir de novo, mas era um riso triste. E, através do ar de floresta, ouvia-se de novo aquele *jingle,* o que dizia «1 -800-54-GIANT». Logo a seguir a sua barriga começou a roncar.

— Não! — exclamou Trisha, com a testa ainda encostada à árvore e os olhos fechados. — Mais não, por favor! Ajude-me, meu Deus! Mais não, por favor!

«Não gaste o fôlego», disse a voz fria. «Não vale a pena rezar ao Subaudível.»

A barriga acalmou. Trisha voltou lentamente à tenda e as suas pernas tremiam. Doíam-lhe as costas do esforço que fizera para vomitar; os músculos da barriga também estavam tensos. E a pele quente. Pensou que talvez tivesse febre.

Derek Lowe foi lançar a bola para os Red Sox. Jorge Posada atirou-a para o canto direito. Trisha rastejou para dentro da tenda, tendo o cuidado de não tocar nos ramos com o braço ou com o quadril. Se o fizesse, aquilo devia cair tudo. Se fosse de novo «aliviar as tripas» (como a mãe dizia; Pepsi chamava-lhe «arrear o calhau[5]»), deitaria a tenda abaixo. Mas, entretanto, estava lá dentro.

Chuck Knoblauch acertou naquilo a que Troop chamou «uma bola bem alta». Darren Bragg apanhou-a, mas Posada marcou pontos. Oito a um a favor dos Yankees. Naquela noite Trisha estava com pouca sorte, disso não havia dúvidas.

— A quem telefona quando o seu pára-brisas se parte? — cantarolou ela enquanto se deitava sobre as agulhas de pinheiro. — 1-800-54-GI...

De súbito foi acometida de um acesso de arrepios; em vez de quente e febril, sentiu-se gelada. Agarrou os braços com os dedos enlameados e ficou assim, esperando que os ramos que empilhara com tanto cuidado não lhe caíssem em cima.

— A água — gemeu. — Foi a água, a maldita água, nada mais.

Mas sabia que não era bem assim, e não precisava que a voz fria lhe dissesse nada. Tinha de novo sede, os vômitos e o gosto acre dos fetos haviam aumentado ainda mais a sua sede, e dali a pouco iria de novo até ao riacho.

Ficou a ouvir o jogo. Os Red Sox animaram-se no oitavo *inning,* marcando quatro *runs*. Quando os Yankees atiraram a bola a Dennis Eckersley, no começo do nono (ao «Eck», como lhe chamaram Joe e Troop), Trisha cedeu — não suportava continuar a ouvir o cantarolar do riacho. Mesmo com o som do *walkman* bem alto, a língua e a garganta imploravam-lhe por água. Saiu de ré da tenda com muito cuidado, foi ao riacho e tornou a beber. A água estava fria e deliciosa e não tinha gosto de veneno, mas sim ao néctar dos deuses. Voltou à tenda, sentindo-se alternadamente quente e fria, transpirada e gelada, e, quando se voltou a deitar, pensou: «Provavelmente de manhã estou morta. Morta ou tão doente que desejarei estar morta!»

Os Red Sox, que venciam agora por oito a cinco, marcaram mais um ponto no fim do nono *inning*. Nomar Garciaparra atirou a bola para o centro. Se ela tivesse caído fora, os Sox teriam ganho por nove a oito. Em vez disso, Bernie Williams saltou junto à linha exterior e agarrou a bola de Garciaparra. Ganharam uma corrida justa, mas mais nada. O'Leary avançou e marcou contra Mariano Rivera, terminando a noite e o jogo. Trisha desligou o *walkman,* para poupar as pilhas. Depois começou a chorar baixinho, muito triste, com a cabeça apoiada nos braços cruzados. Estava maldisposta e sentia a barriga embrulhada; os Sox tinham perdido; Tom Gordon não chegara a entrar no estúpido jogo. A vida era uma merda. Ainda chorava quando adormeceu.

* * *

A esquadra da polícia em Castle Rock recebeu um telefonema na precisa altura em que Trisha decidia, contra vontade, beber a água do riacho pela segunda vez. Quem ligou deixou este recado à telefonista e ao gravador, que registrava todos os telefonemas recebidos.

Chamada recebida às vinte e uma horas e quarenta e seis minutos.

Desconhecido. A garota que procuram foi desviada da trilha por Francis Raymond Mazzerole, escreve-se com «M», como microscópio. Tem trinta e seis anos, usa óculos e tem cabelo curto pintado de louro. Entedeu?

Telefonista: Meu caro senhor, posso pedir-lhe que...

Desconhecido: Cale-se, cale-se e ouça. O Mazzerole tem uma caminhonete *Ford* azul, e acho que o modelo é o *Econoline*. Neste momento já deve estar no Connecticut. É um patife

reles. Leia a ficha dele e verá. Há de fodê-la durante alguns dias se ela não lhe causar problemas, vocês podiam ter alguns dias, mas depois a matará. Já o fez antes.

Telefonista: Pode dizer-me qual a matrícula?

Desconhecido: Dei-lhe o nome dele e a marca do carro. Dei-lhe tudo aquilo de que precisa. Ele já fez isto antes.

Telefonista: Desculpe...

Desconhecido: Espero que o matem.

A chamada terminou às vinte e uma horas e quarenta e oito minutos.

Descobriram que o telefonema tinha sido feito de uma cabine em Old Orchard Beach. Mas por aí não iam longe.

* * *

Por volta das duas da manhã — três horas depois de a polícia de Massachusetts, Connecticut, Nova Iorque e Nova Jérsei terem começado a procurar uma caminhonete *Ford* azul conduzida por um homem de cabelo louro curto com óculos — Trisha acordou já sem náuseas ou má-disposição. Derrubou a tenda quando saiu dela de ré, baixou a calça e a calcinha e libertou aquilo que pareceu ser uma grande quantidade de ácido fraco. Sentiu um ardor e muita coceira.

Quando terminou, voltou ao Vomitório de Trisha e apoiou-se à mesma árvore. A sua pele estava quente e o cabelo suado; tremia da cabeça aos pés e batia os dentes.

«Não posso vomitar mais. Por favor, meu Deus, não posso vomitar mais! Morro se continuar a vomitar.»

Foi então que viu Tom Gordon pela primeira vez. Encontrava-se a pouco mais de cem metros, com o equipamento branco a brilhar ao luar que jorrava por entre as árvores. Trazia a luva. Tinha a mão direita atrás das costas e Trisha sabia que ela segurava uma bola. Tom devia tê-la encostada à palma da mão e depois havia de a fazer rolar entre os dedos compridos, sentindo as costuras passar, parando só quando elas se encontrassem exatamente onde ele queria.

— Tom — murmurou Trisha. — Esta noite não te deram nenhuma oportunidade, não

é?

Tom não lhe ligou. Estava à espera do sinal. A calma parecia jorrar-lhe dos ombros, envolvendo-o. Ali estava ao luar, tão nítido como os golpes que Trisha tinha nos braços, tão real como a náusea na sua garganta e na sua barriga, como todas aquelas tremuras horríveis. Não estava perfeitamente imóvel, a mão atrás das costas fazia girar a bola, girar a bola, à procura do melhor lado, mas, de resto, nada mais se mexia; sim, pá, imóvel à espera do sinal! Trisha perguntou a si mesma se seria capaz disso — deixar que os arrepios «escorressem» de si como água escorre pelas costas de um pato e ficar quieta, ocultando a má-disposição.

Apoiou-se a uma árvore e tentou. Aquilo não aconteceu logo de imediato (as coisas boas nunca acontecem, dizia o pai), mas aconteceu: calma interior, imobilidade. Ficou assim durante muito tempo. Seria que o batedor queria sair porque achava que ela demorava demasiado tempo entre os lançamentos? Muito bem. Estava pouco se importando. Encontrava-se imóvel, imóvel a aguardar o sinal e à procura do melhor lado da bola. A calma jorrava-lhe dos ombros, partia dali e acalmava-a.

Os tremores diminuíram, pararam por completo. A dada altura, Trisha percebeu que a barriga também se acalmara. Continuava a doer-lhe, mas não tanto como dantes. A Lua estava baixa. Tom Gordon desaparecera. Claro que nunca ali tinha estado realmente, ela sabia isso, mas...

— Desta vez parecia bem real — disse. — Realíssimo. Uau!

Levantou-se e voltou devagar à árvore onde estivera o seu abrigo. Embora só quisesse se deitar no chão e dormir, voltou a endireitar os ramos e entrou lá para dentro. Cinco minutos mais tarde estava morta para o mundo. Enquanto dormia, uma coisa aproximou-se e ficou a observá-la. Observou-a durante bastante tempo. Só quando a luz começou a surgir no

horizonte é que ela se afastou... mas não para muito longe.

SEXTO «INNING»

Quando Trisha acordou os pássaros chilreavam alegremente. A luz era forte e intensa, como se já estivesse na metade da manhã. Podia ter dormido mais, mas a fome não lhe permitiu. Resmungou, sentindo um grande vazio desde a garganta até aos joelhos. E no meio doía-lhe muito, muito *mesmo*. Era como se a estivessem a beliscar por dentro. Isso assustou-a. Já sentira fome noutras alturas, mas nunca tanta ao ponto de lhe provocar aquele tipo de dor.

Recuou para fora do abrigo, deitando-o de novo abaixo, levantou-se e foi até ao riacho com as mãos nas costas. Devia parecer a avó de Pepsi Robichaud, aquela que era surda e tinha tanta artrite que só conseguia andar com uma bengala. Avó Grunt, chamava-lhe Pepsi.

Trisha ajoelhou-se, pôs as mãos no chão e bebeu como um cavalo num bebedouro. Se a água a pusesse de novo mal disposta, e provavelmente poria, que se lixasse. Tinha de meter qualquer coisa no estômago.

Levantou-se, olhando em volta, puxou a calça para cima (serviam-lhe na perfeição quando as vestira, há muito tempo e muito longe dali, no seu quarto em Sanford, mas naquele momento estavam-lhe largas), depois olhou colina abaixo para o curso do riacho. Já não tinha esperança de que ele a conduzisse dali para fora, mas, pelo menos, poderia distanciar-se um pouco do Vomitório de Trisha; podia, ao menos, fazer isso.

Dera talvez cem passos quando a garota corajosa falou. «Não está se esquecendo de nada, menina?» Naquele dia a garota corajosa parecia estar ficando cansada, mas a sua voz continuava fria e irônica como sempre. Já para não dizer correta. Trisha parou por um momento, de cabeça baixa e cabelo caído, depois deu meia volta e subiu até ao seu pequeno acampamento da noite anterior. Teve de parar duas vezes, para que o seu coração pudesse acalmar-se, e ficou assustada ao constatar que lhe restavam tão poucas energias.

Encheu a garrafa de água, enfiou-a, bem como a capa de chuva rasgada, na mochila, suspirando ante o seu peso quando a levantou (a maldita mochila estava quase vazia, por amor de Deus!), e pôs-se de novo a caminho. Avançou devagar, a custo, e, embora estivesse a descer, tinha de parar e descansar quase de quinze em quinze minutos. A sua cabeça latejava. As cores pareciam demasiado intensas e, quando o gaio piou num ramo, o som pareceu perfurar-lhe os tímpanos. Fingiu que Tom Gordon estava consigo, a fazer-lhe companhia, e passado algum tempo deixou de ter de fingir. Ele caminhava ao seu lado, e, embora Trisha soubesse que era apenas uma alucinação, ele pareceu-lhe tão real à luz do dia como parecera ao luar.

Por volta do meio-dia, Trisha tropeçou numa pedra e caiu esparramada sobre uns arbustos espinhosos. Ficou ali estatelada sem fôlego e com o coração a bater tão depressa que via luzes brancas. Da primeira vez que tentou levantar-se não conseguiu. Esperou, descansou, tentou acalmar-se de olhos fechados e experimentou de novo. Desta vez conseguiu libertar-se dos arbustos, mas, quando tentou pôr-se de pé, as pernas não aguentaram o seu peso. Também não era de admirar, realmente. Durante as últimas quarenta e oito horas comera apenas um ovo cozido, um sanduíche de atum, um chocolate e alguns fetos. Também tivera diarréia e vomitara.

— Vou morrer, não vou, Tom? — perguntou. A sua voz era calma, lúcida.

Não obteve resposta. Trisha levantou a cabeça e olhou em volta. O número trinta e seis desaparecera. Trisha arrastou-se até ao riacho e bebeu. A água parecia já não perturbar a sua barriga. Não sabia se isso significava que estava a habituar-se a ela ou se o seu corpo desistira de tentar livrar-se de substâncias nocivas, de impurezas.

Sentou-se, limpou a boca e olhou para noroeste, para o curso do riacho. O terreno em frente era relativamente plano, e a velha floresta parecia estar de novo a transformar-se, os abetos dando lugar a árvores mais pequenas e mais jovens — as coisas normais de uma floresta, por assim dizer, com arbustos a tapar tudo. Não sabia por quanto tempo poderia ainda seguir naquela direção. E, se tentasse ir pelo riacho, calculou que a corrente acabaria por derrubá-la. Não havia helicópteros nem cães a ladrar. Imaginava que conseguiria ouvir esses sons se quisesse, tal como conseguia ver Tom Gordon se quisesse, pelo que era melhor não pensar nisso. Se fosse surpreendida por alguns sons, eles poderiam ser reais.

Porém, achou que nenhum som a surpreenderia.

— Vou morrer na floresta. Desta vez não era uma pergunta.

O seu rosto contorceu-se num esgar, mas não chorou. Estendeu as mãos e olhou para elas. Estavam a tremer. Por fim, levantou-se e começou de novo a andar.

* * *

Enquanto descia lentamente a colina, agarrando-se aos troncos e aos ramos para não escorregar, dois detetives que trabalhavam para o secretário de Estado da Justiça estavam a interrogar a mãe e o irmão. Mais tarde, um psiquiatra tentou hipnotizá-los, e conseguiu-o com Pete. As suas perguntas centraram-se no momento em que entraram no parque de estacionamento, no sábado de manhã, e se prepararam para a caminhada. «Tinham visto alguma caminhonete azul?» «Tinham visto um homem louro de óculos?»

— Deus do Céu! — exclamou Quilla, cedendo finalmente às lágrimas que reprimira até ali. — Deus do Céu, pensam que a minha filha foi raptada, não pensam? Que foi apanhada quando estávamos a discutir, não é?

Ao ouvir isto, Pete começou também a chorar.

Na TR-90, TR-100 e TR-110 continuava-se à procura de Trisha, mas o perímetro das buscas fora encurtado e as equipes de salvamento receberam ordens para se concentrarem na zona onde a garota fora vista pela última vez. Procuravam mais os objetos que ela pudesse ter deixado do que a própria garota: a mochila, a capa, peças de roupa. Mas não a calcinha; os detetives do secretário de Estado da Justiça e os da polícia tinham certeza de que ninguém as encontraria. Os tipos como Mazzerole ficavam normalmente com a roupa interior das vítimas, mesmo muito depois de os seus corpos terem sido atirados para valas ou enfiados em canos.

Trisha McFarland, que nunca vira Francis Raymond Mazzerole na vida, encontrava-se naquele momento cinquenta quilômetros a nordeste da zona de busca. Os guias do Maine e os guardas-florestais teriam dificuldade em acreditar nisso mesmo sem o telefonema falso, mas era verdade. Ela já não estava no Maine; por volta das três da tarde de segunda-feira entrou em New Hampshire.

Foi cerca de uma hora depois que Trisha viu os arbustos junto a algumas faias perto do riacho. Avançou para eles, sem ousar acreditar, mesmo quando os seus olhos viram as bagas vermelho-vivas — não acabara de dizer a si própria que era capaz de ver e ouvir coisas se o desejasse?

Era verdade... mas também dissera a si própria que, se fosse surpreendida, as coisas que via e ouvia podiam ser reais. Mais quatro passos convenceram-na de que os arbustos eram reais. Os arbustos... e as gaultérias de cor viva pendentes como maçãs minúsculas.

— Bagas! — gritou com voz áspera e rouca, e as últimas dúvidas dissiparam-se quando dois corvos que tinham estado a banquetear-se com fruta caída um pouco mais adiante levantaram voo, grasnando em tom reprovador.

Trisha queria andar, mas, em vez disso, deu consigo a correr. Quando chegou perto dos arbustos parou, respirando a custo, as faces ruborizadas. Estendeu as mãos sujas, depois recolheu-as, ainda convencida de que quando tentasse tocar nos frutos, os seus dedos os atravessariam. Os arbustos brilhariam como efeitos especiais num filme (os dos «morfos», tão do agrado de Pete) e mostrariam aquilo que eram realmente: ramos castanhos emaranhados, prontos para beber o seu sangue enquanto ele estava quente e a jorrar.

— Não — exclamou, esticando os braços. Durante um momento continuou a ter

dúvidas, mas depois... oh!, depois...

As gaultérias eram pequenas e macias. Trisha esmagou a primeira que apanhou; pequenas gotas de sumo vermelho salpicaram-lhe a pele e recordou-se de uma vez que vira o pai fazer a barba e cortar-se.

Levou o dedo com as gotas de sumo (e um pedaço de casca) à boca, entre os lábios. O sabor era agridoce e fez-lhe lembrar um dos sumos que costumava haver na geladeira lá de casa. A recordação fê-la chorar, mas Trisha nem percebeu as lágrimas que lhe escorriam pelo rosto. Já estava a apanhar mais bagas, arrancando-as dos arbustos em punhados, pegajosas e vermelhas, enfiando-as na boca e mal as mastigando, apenas engolindo e apanhando mais.

O seu corpo abriu-se para as bagas, regozijou-se com o seu aparecimento açucarado. Trisha sentiu isso acontecer. Os seus pensamentos pareciam distantes, a observar tudo. Apanhou as bagas dos ramos, fechando a mão em volta de uma quantidade razoável e puxando. Os dedos estavam vermelhos, as palmas das mãos, bem como, pouco tempo depois, a boca. Ao embrenhar-se mais nos arbustos, começou a assemelhar-se a uma garota que sofrerá um acidente e precisava de ser assistida nas urgências mais próximas.

Comeu também algumas das folhas, e afinal a mãe tinha razão: elas eram boas mesmo para quem não fosse um pica-pau. A combinação dos dois sabores fê-la recordar-se da compota que a avó McFarland servia com o frango assado

Podia ter continuado a comer enquanto avançava para sul, mas as bagas chegaram abruptamente ao fim. Trisha saiu do meio dos últimos arbustos e deu consigo a olhar para o focinho perplexo e para os olhos castanho-escuros de um veado relativamente grande. Deixou cair um punhado de bagas e gritou através do que parecia ser uma aplicação exagerada de batom.

O veado não se incomodou com o progresso ruidoso de Trisha através dos arbustos e o seu grito só o aborreceu ligeiramente; mais tarde Trisha lembrou-se que aquele veado teria sorte se chegasse com vida ao fim da época de caça, no Outono. O animal limitou-se a abanar as orelhas e a dar dois passos — pareceram mais dois saltos, realmente — na direção de uma clareira iluminada por raios antagônicos de luz verde e dourada.

Atrás dele, observando a cena com temor, encontravam-se duas corças de pernas compridas e desajeitadas. O veado olhou de novo para Trisha e aproximou-se dos filhos com o seu passo ligeiro. Observando-os tão maravilhada como quando encontrara os castores, Trisha achou que o veado se movia como se tivesse sob os pés um pouco de «Flubber».

Os três veados continuaram na clareira, quase como se estivessem a posar para um retrato de família. Depois o veado tocou com o focinho num dos filhotes e os três puseram-se a caminho. Trisha viu a ponta branca das suas caudas afastar-se colina abaixo e ficou com a clareira só para si.

— Adeus! — exclamou. — Obrigada por terem vin...

Calou-se ao perceber o que os veados haviam estado ali a fazer. O chão encontrava-se coberto de frutos de faia. Conhecia-os da aula de Ciências e não porque a mãe lhe tivesse mostrado. Havia quinze minutos estava faminta; agora estava em meio ao jantar do Dia de Ação de Graças... de uma sua versão vegetariana, está bem, mas... e depois?

Trisha ajoelhou-se, pegou num dos frutos e enfiou o que lhe restava das unhas no meio da casca. Não esperava conseguir grande coisa, mas ele abriu-se quase tão facilmente como

uma noz. A casca era do tamanho de um nó do dedo e o recheio pouco maior do que uma semente de girassol. Experimentou-o, um pouco a medo, mas gostou. De certa maneira, era tão bom como as gaultérias, e o seu corpo parecia exigi-lo de uma forma diferente.

O grosso da fome fora saciado com as bagas; não fazia idéia de quantas emborcara (já para não falar nas folhas; os seus dentes deviam estar tão verdes como os de Arthur Rhodes, aquele miúdo pavoroso que vivia na rua de Pepsi). Para além disso, o seu estômago devia ter encolhido. O que devia fazer naquele momento era...

— Guardar comida — murmurou. — Sim, é isso, guardar muita comida.

Tirou a mochila das costas, percebendo como o seu nível de energia já aumentara — era mais do que espetacular, era mesmo fabuloso —, e desapertou as correias. Foi gatinhando ao longo da clareira, apanhando frutos com as mãos sujas. O cabelo caía-lhe à frente dos olhos, a blusa imunda adejava e, de vez em quando, Trisha puxava as calças para cima, que lhe tinham servido na perfeição quando as vestira havia uma eternidade, mas que agora teimavam em cair. Enquanto apanhava os frutos cantarolava baixinho o *jingle* do pára-brisas — 1-800-54-GIANT. Depois de recolher frutos suficientes para taparem o fundo da mochila, voltou devagar ao maciço de gaultérias e pôs-se a apanhar bagas e a enfiá-las na mochila (quando não as enfiava na boca...), por cima dos frutos.

Quando chegou ao lugar onde estivera antes, a tentar reunir coragem para tocar no que via, sentia-se quase normal. Não completamente, mas quase. «Inteira» foi a palavra que lhe ocorreu, e gostou tanto dela que a disse em voz alta, não uma, mas duas vezes.

Foi até ao riacho, arrastando a mochila atrás de si, e sentou-se debaixo de uma árvore. Na água, qual bom presságio, viu um pequeno peixe pintalgado a descer a corrente: talvez uma truta bebê.

Deixou-se ficar ali algum tempo, de olhos fechados e de rosto virado para o sol. Depois pôs a mochila no regaço e enfiou a mão lá dentro, misturando as bagas e os frutos. Esse gesto fê-la recordar o Tio Patinhas a brincar na caixa-forte, e riu-se com gosto. A imagem era simultaneamente absurda e perfeita.

Descascou meia dúzia de frutos de faia, misturou-os com igual número de bagas (desta vez usando os dedos tingidos para retirar os caules com todo o cuidado) e enfiou a combinação resultante na boca em três punhados: a sobremesa. O gosto era delicioso — semelhante ao dos cereais que a mãe costumava comer —, e quando acabou de mastigar o último punhado percebeu que não estava apenas cheia, mas sim empanturrada. Não sabia durante quanto tempo a sensação iria perdurar — provavelmente os frutos da faia e as bagas eram como a comida chinesa; a pessoa fica cheia, mas uma hora depois já está novamente com fome —, porém, a sua barriga parecia um peru recheado. Era maravilhoso sentir-se cheia. Vivera nove anos sem se aperceber disso e esperava não voltar a esquecer-se: era maravilhoso sentir-se cheia.

Trisha encostou-se à árvore e olhou para a mochila com um ar feliz e grato. Se não estivesse tão cheia («demasiado empanturrada para saltar», pensou), teria enfiado a cabeça na mochila como um cavalo a enfia no alforje para sentir o delicioso cheiro combinado das gaultérias e dos frutos da faia.

— Vocês salvaram-me a vida — murmurou, agradecida. — Salvaram a minha vida!

Do outro lado do riacho havia uma pequena clareira atapetada com agulhas de pinheiro. O sol batia nela em barras amarelo-vivas cheias de pólen e de pó. As borboletas também adejavam nesta luz, subindo e descendo. Trisha cruzou as mãos sobre a barriga, que agora já não roncava, e observou as borboletas. Nesse momento não sentia saudades da mãe, do pai, do irmão ou da melhor amiga. Nesse momento nem sequer queria ir para casa, embora

lhe doesse o corpo todo e traseiro lhe ardesse e provocasse comichão cada vez que andava. Nesse momento sentia-se em paz, mais do que em paz. «Se chegar a ver-me livre disto, nunca serei capaz de lhes contar», pensou. Observou as borboletas do outro lado do riacho, com as pálpebras a semicerrarem-se. Havia duas brancas; a terceira era escura e aveludada, castanha ou talvez preta.

«Contar-lhes o quê, querida?» Era a menina corajosa, mas naquele momento não parecia fria, apenas curiosa.

«Ao que tudo se resume. Como é simples. Apenas comer... ora, ter apenas qualquer coisa para comer e ficar cheia, depois...»

— O Subaudível — disse Trisha. Olhou para as borboletas. Duas brancas e uma escura, subindo e descendo à luz do sol da tarde. Pensou no Little Black Sambo em cima das árvores, os tigres a correrem cá em baixo envergando as suas roupas novas, a correrem e a correrem até se derreterem e transformarem em manteiga. Naquilo a que o pai chamava «banha de manteiga».

A mão direita libertou-se da esquerda, rolou e pousou no chão com a palma virada para cima. Dava muito trabalho levantá-la, pelo que Trisha a deixou ficar onde estava.

«O Subaudível o quê, querida? O que é que ele tem?»

— Bem — replicou Trisha com voz de sono, pensativa —, ele deve ser alguma coisa, não é?

A miúda corajosa não respondeu. Trisha ficou satisfeita. Tinha tanto sono, estava tão cheia, sentia-se tão bem... No entanto, não adormeceu; mesmo depois, quando percebeu que devia ter adormecido, pareceu-lhe que não dormira. Recordava-se de pensar no jardim do pai, na parte de trás da pequena casa nova, em como a relva precisava de ser aparada, no ar matreiro dos anões de barro — como se soubessem algo que nós desconhecêssemos — e em como o pai tinha um ar triste e velho, com aquele cheiro a cerveja sempre a sair-lhe dos poros. Parecia-lhe que a vida podia ser bastante triste, e, essencialmente, não passava disso. As pessoas fingiam que não e mentiam aos filhos (nenhum filme nem outro programa qualquer a preparara para a possibilidade de ela perder o equilíbrio e cair em cima da própria merda, por exemplo) para não os assustar ou perturbar, mas sim, podia ser bastante triste. O mundo tinha dentes e podia morder-nos sempre que quisesse. Agora ela sabia isso. Tinha apenas nove anos, mas sabia-o, e achava que era capaz de aceitá-lo. Afinal de contas, tinha quase dez anos e era grande para a idade.

«Não sei porque é que nós temos de pagar pelos seus erros!» Fora a última coisa que ouvira Pete dizer, e Trisha julgava agora saber a resposta. Era uma resposta difícil, mas provavelmente verdadeira: porque sim. E se não era do nosso agrado, azar.

Trisha calculou que, naquele momento, devia ser mais adulta que o irmão em muitas coisas.

Olhou para o riacho e viu outro a desaguar nele a cerca de quarenta metros do local onde estava sentada; caía pela margem numa pequena queda d'água. Ótimo. Era assim que as coisas deviam funcionar. Este segundo riacho que descobrira iria ficar cada vez maior, iria levá-la à civilização. Iria...

Olhou na direção da pequena clareira do outro lado do riacho e viu três pessoas a olhar para ela. Pelo menos achou que estivessem a olhar para ela; Trisha não conseguia ver-

lhes o rosto. Nem os pés. Vestiam túnicas compridas como os padres nos filmes antigos. As bainhas das túnicas roçavam no tapete de agulhas da clareira. Tinham os capuzes na cabeça a ocultar-lhes o rosto. Trisha observou-os um pouco admirada, mas sem medo, pelo menos naquele momento. Duas das túnicas eram brancas. A do vulto do meio era preta.

— Quem são vocês? — perguntou Trisha. Tentou endireitar-se um pouco, mas não foi capaz. Estava tão cheia! Pela primeira vez na vida teve a sensação de ter sido drogada com comida. — Podem ajudar-me? Estou perdida. Perdi-me há... — Não se lembrava. Seria há dois dias ou três? — muito tempo. Importam-se de me ajudar?

Não responderam, limitando-se a fitá-la (pelo menos foi isso que lhe pareceu), e nessa altura Trisha começou a sentir medo. Os vultos tinham os braços cruzados sobre o peito e não se viam as mãos, tapadas pelas compridas mangas.

— Quem são vocês? Digam-me quem são!

O vulto da esquerda avançou e, quando levantou as mãos para o capuz, as mangas brancas desvendaram dedos brancos compridos. Empurrou o capuz, revelando uma cara inteligente (mas parecida com a de um cavalo) com um queixo pequeno. Era parecido com Mr. Bork, o professor de Ciências da escola de Sanford, que lhes falava das plantas e dos animais do Norte da Nova Inglaterra... incluindo, é claro, o famoso fruto da faia. A maior parte dos rapazes e algumas garotas (Pepsi Robichaud, por exemplo) chamavam-lhe *Paspalho.* Ele olhou para ela do outro lado do riacho e de trás dos seus óculos de aros dourados.

— Venho da parte do Deus de Tom Gordon — disse. — Daquele que aponta para o céu quando marca um ponto.

— Verdade? — retorquiu Trisha. Não sabia se havia de confiar naquele tipo. Se ele tivesse dito que era o Deus de Tom Gordon, estava certa de que não teria confiado nele. Podia acreditar em muitas coisas, mas não que Deus fosse parecido com o seu professor de Ciências. — Isso é... muito interessante.

— Não podemos lhe ajudar — disse o *Paspalho.* — Hoje passou-se muita coisa. Houve um terremoto no Japão, por exemplo, muito grave. Regra geral, também não interferimos nos assuntos humanos, embora eu tenha de admitir que ele adora esporte. Mas não adora os Red Sox.

Recuou e levantou o capuz. Passado algum tempo, a outra túnica branca, a da direita, avançou... tal como Trisha esperava. Aquelas coisas costumavam acontecer sempre da mesma maneira — três desejos, três subidas pelo feijoeiro, três irmãs, três possibilidades para adivinhar o nome do anão cruel. Já para não falar nos três veados da floresta, a comer frutos de faia.

«Estarei a sonhar?», perguntou a si própria, estendendo a mão para tocar na ferroada que tinha na face esquerda. Estava lá, e embora o inchaço já tivesse diminuído, continuava a doer-lhe. Não era um sonho. Mas quando a personagem da segunda túnica tirou o capuz e ela viu um homem parecido com o pai — não exatamente, mas tão parecido com Larry McFarland como o vulto da primeira túnica branca se parecera com Mr. Bork — achou que só podia ser um sonho.

— Não me diga — começou Trisha. — Você vem do Subaudível, não é?

— Por acaso, eu sou o Subaudível — disse, atrapalhado, o homem parecido com o pai. — Tive de tomar a forma de uma pessoa sua conhecida para poder aparecer, porque, na

verdade, sou bastante fraco. Não posso fazer nada por você, Trisha. Desculpe.

— Está com os copos? — perguntou Trisha, subitamente irritada. — Está, não está? Daqui consigo sentir o cheiro. Caramba!

O Subaudível esboçou um pequeno sorriso envergonhado, não respondeu e recuou, pondo o capuz.

O vulto de preto avançou. Trisha ficou apavorada.

— Não — gritou ela. — Você não. — Tentou levantar-se, mas, mesmo assim, não conseguiu mexer-se. — Você não, vá embora, deixe-me em paz!

Mas os braços com as mangas pretas levantaram-se, revelando garras amarelo-esbranquiçadas... as garras que tinham deixado as marcas nas árvores, as garras que tinham arrancado a cabeça ao veado e rasgado o seu corpo.

— Não — murmurou Trisha. — Não, por favor. Não quero ver.

O vulto da túnica preta não lhe ligou. Baixou o capuz. Ali não havia rosto, apenas uma cabeça malformada feita de vespas que rastejavam umas sobre as outras, zumbindo. Quando elas se moviam, Trisha via partes de feições humanas: um olho morto, uma boca sorridente. A

cabeça zumbia como as moscas tinham zumbido no pescoço cortado do veado; zumbiam como se a criatura de túnica preta tivesse um motor no lugar do cérebro.

— Eu venho da parte da coisa da floresta — disse o vulto da túnica preta numa voz sibilante, inumana. Soou a Trisha como aquele tipo da rádio que dizia às pessoas para não fumarem, aquele que perdera as cordas vocais quando fora operado a um cancro e só conseguia falar se encostasse um aparelho ao pescoço. — Venho da parte do Deus dos Perdidos. Ele tem te observado. Tem estado à sua espera. É o seu milagre, e você é o dele.

— Vá embora! — tentou Trisha gritar, mas as palavras saíram-lhe num murmúrio.

— O mundo é um cenário cruel e tudo aquilo que sente é verdade — continuou a voz de vespa. As suas garras arranharam o rosto, penetrando na sua carne de inseto e revelando os ossos. — A pele do mundo é feita de ferrões, como já te deve ter percebido. Por baixo só há osso e o Deus que partilhamos. Isto é um fator persuasivo, não concorda?

Apavorada e a chorar, Trisha desviou o olhar, pousando-o no riacho. Percebeu que, quando não estava a fitar o horrendo sacerdote-vespa, conseguia mexer-se um pouco. Levou as mãos à cara, limpou as lágrimas e voltou a olhar para ele.

— Não acredito em você! Não...

O sacerdote-vespa desaparecera. Todos tinham desaparecido. Havia apenas borboletas a dançar no ar do outro lado do riacho, oito ou nove em vez de três, todas de cores diferentes em vez de apenas pretas e brancas. E a luz estava diferente, adquirira uma

tonalidade alaranjada e dourada. Tinham decorrido, no mínimo, duas horas, talvez três. Pelos vistos dormira. «Não passou de um sonho», como diziam nas histórias... mas, por muito que tentasse, não se lembrava de ter adormecido, não se lembrava de ter perdido a consciência. E aquilo não parecera nada um sonho.

Ocorreu-lhe então uma idéia, simultaneamente assustadora e reconfortante: talvez os frutos e as bagas a tivessem drogado e não apenas alimentado. Trisha sabia que alguns cogumelos podiam drogar uma pessoa, que às vezes os meninos os comiam para ficar "alto", e se os cogumelos tinham essa capacidade, porque não as gaultérias?

— Ou as folhas — disse ela. — Talvez tenham sido as folhas. Aposto que sim.

Muito bem, não ia comer mais.

Trisha levantou-se, fez uma careta ao sentir uma cólica e dobrou-se. Libertou alguns gases e sentiu-se melhor. Depois foi até ao riacho, viu algumas pedras grandes a saírem da água e usou-as para passar para a outra margem. De certa forma, sentia-se uma garota diferente, lúcida e cheia de energia, mas a imagem do sacerdote-vespa continuava a atormentá-la e sabia que a sua inquietação iria aumentar depois do pôr do Sol. Se não tivesse cuidado, entraria em pânico. Mas, se fosse capaz de provar a si própria que aquilo não passava de um sonho resultante do fato de ter comido folhas de gaultéria ou de ter bebido água a que o seu corpo ainda não se habituara...

Sentiu-se nervosa ali na clareira, como uma personagem num filme água com açúcar, como a garota estúpida que vai a casa do assassino perguntar: «Tem alguém aí?» Olhou para a outra margem, sentiu alguma coisa atrás de si a observá-la e virou-se tão depressa que quase caiu. Não viu nada. Não havia ali nada, tanto quanto percebesse.

— Tolinha — disse em voz baixa, mas a sensação de estar a ser observada voltou, e em cheio. «O Deus dos Perdidos», dissera o sacerdote-vespa. «Ele tem lhe observado. Tem estado à sua espera.» O sacerdote-vespa dissera também outras coisas, mas ela só se recordava daquilo: «Tem lhe observado. Tem estado à sua espera.»

Trisha foi até ao local onde sabia ter visto os três vultos com túnicas e procurou vestígios deles. Não viu nada. Baixou-se sobre um joelho para poder ver melhor e não encontrou nada, nem sequer algumas agulhas de pinheiro remexidas, que a sua mente assustada podia ter interpretado como uma pegada. Ergueu-se, virou-se para atravessar o riacho e, ao fazê-lo, o seu olhar captou qualquer coisa à direita.

Caminhou nessa direção, depois parou a olhar para a escuridão, onde as árvores mais jovens, com os seus troncos delgados, cresciam muito juntas, lutando por espaço e por luz, sem dúvida disputando com os arbustos um pouco de umidade e espaço para as suas raízes. Aqui e ali, no verde-escuro, erguiam-se algumas bétulas, quais fantasmas. Na casca de uma delas encontrava-se uma mancha. Trisha olhou, nervosa, por cima do ombro e abriu caminho em direção à bétula. O coração batia com toda a força no seu peito e a mente gritava-lhe para parar com aquilo, para não ser tão idiota, tão parva, tão estúpida, porém, ela continuou.

No chão, junto à bétula, encontrava-se um novelo de intestinos em sangue tão frescos que ainda não tinham atraído muitas moscas. Na véspera, uma visão daquelas teria exigido que Trisha reunisse todas as suas forças para não vomitar, mas naquele dia a vida parecia diferente; as coisas tinham mudado. Não sentiu tremedeiras, nem teve soluços, nem nenhuma vontade súbita de fugir, ou, pelo menos, de desviar o olhar. Em vez disso, sentiu uma frieza que, de certa forma, era muito pior. Era como estar a afogar-se, só que ao contrário.

De um dos lados do intestino, preso aos arbustos, encontrava-se um pouco de pêlo castanho com manchas brancas. Eram os restos mortais de uma corça, com certeza um dos que ela vira quando chegara à clareira. Mais adiante, onde já havia só quase escuridão, avistou um

amieiro com a marca das garras na casca. Estavam a uma altura considerável e só um homem alto ali poderia ter chegado, apesar de Trisha não acreditar que fora um homem que fizera aquelas marcas.

«Ele tem lhe observado.» Sim, e estava a observá-la de novo naquele momento. Trisha sentia olhos a rastejar na sua pele tal como sentira os pequenos insetos, os mosquitos a rastejar nela. Podia ter sonhado com os três sacerdotes, ou ter tido uma alucinação, mas os intestinos e a marca de garras na árvore não eram uma alucinação. E a sensação dos olhos pousados em si também não era uma alucinação.

Respirando a custo, os seus olhos girando de um lado para o outro nas órbitas, Trisha recuou na direção do som do riacho, esperando vê-lo no meio das árvores, ver o Deus dos Perdidos. Soltou-se dos arbustos e, agarrando-se a alguns ramos pequenos, foi às recuando até à água. Virou-se, saltou sobre as pedras, parcialmente convencida de que a coisa vinha atrás de si, com as suas garras, as suas presas, os seus ferrões. Escorregou na segunda pedra, quase caiu à água, conseguiu não se desequilibrar e cambaleou até à outra margem. Virou-se e olhou para trás. Não viu nada. Até as borboletas tinham quase todas desaparecido já, embora uma ou duas ainda esvoaçassem, relutantes em dar o dia por terminado.

Aquele seria provavelmente um bom lugar para passar a noite, perto das gaultérias e da clareira com frutos de faia, mas Trisha não podia ficar no lugar onde vira os sacerdotes. Provavelmente não passavam de personagens de um sonho, mas o da túnica preta era mesmo horrível. E, para além disso, havia ainda a corça. Assim que as moscas chegassem em força, ela ouviria o seu zumbido.

Trisha abriu a mochila, tirou de lá um punhado de bagas e hesitou.

— Obrigada — disse-lhes. — Vocês são a melhor coisa que eu já comi, sabiam?

Começou a andar riacho abaixo, descascando e mastigando alguns frutos de faia. Passado um tempo começou a cantar, primeiro por medo e depois com um entusiasmo surpreendente, à medida que o dia dava lugar à noite: — *Put your arms around me... cuz I gotta get next to you... ali your love forever... you make me feel br and new...*

Pois...

INÍCIO DO SÉTIMO «INNING»

Quando o crepúsculo se transformou em noite, Trisha chegou a um espaço aberto cheio de rochas que dava para um pequeno vale repleto de sombras azuladas. Perscrutou-o com ansiedade e viu várias saliências rochosas com agulhas de pinheiros entre elas, semelhantes a outeiros. Pousou a mochila em cima de uma delas, foi até aos pinheiros mais próximos e partiu ramos suficientes para fazer um colchão. Não seria o mesmo que dormir numa cama, mas serviria perfeitamente. A escuridão crescente trouxera a já familiar solidão e as saudades de casa, mas parte do pânico desaparecera. Já não sentia que estava a ser observada. Se realmente havia qualquer coisa na floresta, já se afastara e deixara-a sozinha.

Trisha foi até ao riacho, ajoelhou-se e bebeu. Tivera cólicas durante todo o dia, mas parecia-lhe que o seu corpo começava a habituar-se à água.

— Também não há problema com os frutos e as bagas — disse ela, sorrindo. — Tirando alguns pesadelos.

Voltou para junto da mochila e da cama, pegou no *walkman* e enfiou os fones nos ouvidos. Soprou uma ligeira brisa, suficientemente fria para arrefecer a sua pele transpirada e fazê-la estremecer. Trisha pegou nos restos da capa e cobriu-se com o plástico azul sujo como se ele fosse um cobertor. Não que a fosse aquecer muito, mas (como dizia a mãe) o que conta

é a intenção.

Ligou o *walkman,* porém, embora não tivesse rodado o botão de sintonia, só ouviu estática. Perdera a WCAS.

Trisha rodou o botão do FM. Apanhou um pouco de música clássica perto do 95 e um pastor a falar aos gritos sobre a salvação no 99. Trisha estava bastante interessada na salvação, mas não naquela em que o tipo da rádio falava; a única ajuda que queria do Senhor naquele momento era um helicóptero cheio de pessoas sorridentes a acenarem-lhe. Continuou a rodar o botão, apanhou muito bem Celine Dion no 104, hesitou, e continuou à procura. Naquela noite queria os Red Sox — Joe e Troop, não Celine a cantar a música do *Titanic.*

No FM não havia baseball, nem mais nada. Trisha mudou para a onda média e rodou o botão para os 850, o posto da WEEI em Boston, que era a estação dos Red Sox. Não esperava ouvir na perfeição, mas tinha esperança de escutar qualquer coisa. À noite, apanhavam-se muitas coisas em onda média e a WEEI tinha um sinal forte. Provavelmente viria às ondas, porém, Trisha já estava por tudo. Não tinha muito mais coisas para fazer nessa noite, nenhum encontro escaldante nem nada do gênero.

Apanhou bem a WEEI — perfeitamente, na verdade —, mas Joe e Troop não entravam na emissão. No seu lugar estava um daqueles tipos a que o pai chamava «idiotas dos *talk-shows».* Aquele era um idiota de um *talk-show* desportivo. Estaria chovendo em Boston? Teria o jogo sido cancelado, encontrar-se-iam as cadeiras vazias, o relvado coberto? Trisha olhou para o céu com uma expressão de dúvida e viu as primeiras estrelas a brilharem como lentejoulas sobre veludo azul-escuro.

Daí a pouco haveria zilhões delas; não se avistava uma única nuvem. É claro que estava a duzentos e cinquenta quilômetros de Boston, talvez até mais, mas...

O idiota do *talk-show* estava ao telefone com Walt, de Framingham. Walt ligara do celular. Quando o idiota do *talk-show* perguntou a Walt, de Framingham, onde é que se encontrava, este respondeu: «Algures em Danvers, Mike», pronunciando o nome da cidade como todas as pessoas do Massachusetts — «Danvizz», fazendo-o parecer o nome de um medicamento para as cólicas intestinais. «Está perdido na floresta? Bebeu do riacho e ficou com diarréia? Tome uma colher de *Danvizz* e ficará bom em pouco tempo!»

Walt, de Framingham, queria saber por que motivo Tom Gordon apontava para o céu sempre que marcava um ponto («Sabe, Mike, aquela coisa de apontar...»), e Mike, o idiota do *talk-show* desportivo, explicou que era a forma que o número trinta e seis tinha de agradecer a Deus.

— Ele devia era apontar para o Joe Kerrigan — retorquiu Walt, de Framingham. — Foi o Kerrigan que teve a idéia de o transformar em *closer.* Como *starter* ele não valia nada, sabia?

— Talvez Deus tenha dado a idéia a Kerrigan. Já tinha pensado nisso, Walt? — perguntou o idiota do *talk-show.* — Joe Kerrigan é o treinador dos lançadores dos Red Sox, para quem não sabe.

— Eu sabia, parvalhão — murmurou Trisha, impaciente.

— Estamos a falar dos Sox e eles esta noite têm uma das suas raras folgas — continuou Mike, o idiota dos *talk-shows.* — Amanhã irão disputar com o Oakland o primeiro de três jogos... sim, costa oeste, aqui vamos nós! Poderão seguir tudo aqui na WEEI... mas hoje

não há jogos.

Não havia jogos; isso explicava tudo. Trisha foi invadida por uma grande tristeza e nos seus olhos surgiram algumas lágrimas. Chorava com tanta facilidade, chorava por tudo e por nada... Ansiara tanto pelo jogo, caramba! Não percebera que dependia tanto das vozes de Joe Castigliano e de Jerry Trupiano até descobrir que não iria ouvi-las.

— Temos várias linhas abertas — disse o idiota dos *talk-shows* —, por isso toca a ocupá-las. Algum dos ouvintes acha que Mo Vaughn devia deixar de se portar como um garoto e limitar-se a assinar os cheques? De quanto mais dinheiro é que este tipo precisa ainda? É uma boa pergunta, não acham?

— É uma pergunta estúpida, paspalho — respondeu Trisha, irritada. — Se acertasse na bola como o Mo, também haveria de pedir uma penca de dinheiro.

— Querem falar sobre o fabuloso Pedro Martinez? Sobre Darren Lewis? Sobre o surpreendente banco dos Sox? Uma surpresa agradável dos Sox, mal dá para acreditar, hein? Telefonem-me, digam-me o que pensam. Volto já a seguir.

Uma voz alegre começou a cantarolar um *jingle* familiar:

— A quem telefona quando o seu pára-brisas se parte?

— 1-800-54-GIANT — disse Trisha, mudando de posto. Talvez conseguisse encontrar outro jogo. Até um dos odiados Yankees serviria. Porém, antes de descobrir algum jogo, ficou perplexa ao ouvir o seu próprio nome.

— ... está a escassear para Patrícia McFarland, de nove anos, que desapareceu no sábado de manhã. — A voz do homem que lia as notícias ouvia-se mal, devido à interferência da estática. Trisha inclinou-se para a frente, pressionando os minúsculos fones. — As forças policiais do Connecticut prenderam hoje, com base num telefonema feito à polícia do Maine, Francis Raymond Mazzerole, de Weymouth, Massachusetts, e interrogaram-no durante seis horas sobre o desaparecimento da pequena Patrícia. Mazzerole, empregado da construção civil, presentemente a trabalhar no projeto da ponte de Hartford, foi condenado duas vezes por coação sexual de menores e aguarda extradição do Maine também por causa de crimes de natureza sexual. No entanto, parece que desconhece o paradeiro de Patrícia McFarland. Uma fonte segura diz que Mazzerole afirmou ter estado em Hartford no passado fim-de-semana e várias testemunhas corroboraram...

A voz deixou de se ouvir. Trisha desligou o *walkman* e tirou os fones dos ouvidos. Ainda andavam à procura dela? Provavelmente sim, mas tinham perdido a maior parte do dia a interrogar Mazzerole.

— Que grandes paspalhos — resmungou, desconsolada, voltando a guardar o *walkman* na mochila. Deitou-se sobre os ramos de pinheiro, cobriu-se com a capa, depois mexeu os ombros e o quadril até arranjar uma posição confortável. Soprou uma rajada de vento e Trisha sentiu-se satisfeita por se encontrar protegida pelas rochas. A noite estava fria e a temperatura devia ainda baixar antes do nascer do Sol.

Lá em cima havia um zilhão de estrelas, tal como previra. Precisamente um zilhão. O seu brilho haveria de diminuir um pouco quando surgisse a Lua, mas naquele momento emitiam luz suficiente para iluminar o seu rosto de prateado. Como sempre, Trisha perguntou a si mesma se alguma daquelas luzes estaria a iluminar outros seres vivos. Haveria selvas povoadas com fabulosos animais estranhos? Pirâmides? Reis e gigantes? Possivelmente até com outra versão do baseball?

— A quem telefona quando o seu pára-brisas se parte? — cantou Trisha baixinho. — «1-800-54...

Interrompeu-se, soprando para o lábio inferior, como se este lhe doesse. Um fogo branco riscou o céu quando uma das estrelas caiu. O rasto de luz percorreu metade da abóbada escura e depois esmoreceu. Não era uma estrela, claro, não uma verdadeira estrela, mas sim um meteoro.

Houve outro, e depois outro. Trisha sentou-se, os farrapos da capa caindo-lhe no colo, os olhos muito abertos. Viu um quarto e um quinto, estes seguindo em diferentes direções. Não era apenas um meteoro, mas sim uma chuva de meteoros.

Como se alguma coisa tivesse apenas estado à espera que ela percebesse isso, o céu iluminou-se numa tempestade silenciosa de meteoros com cauda. Trisha observava, de pescoço esticado e olhos muito abertos, os braços cruzados sobre o peito sem fôlego, as mãos a apertarem os ombros com as unhas roídas do nervosismo. Nunca tinha visto nada assim, nunca sonhara que podia haver uma coisa assim.

— Oh!, Tom — murmurou, com voz trêmula. — Oh!, Tom, olha para isto. Está vendo?

A maior parte eram clarões brancos momentâneos, finos e direitos, que desapareciam tão depressa que teriam parecido alucinações se não houvessem tantos. Alguns, contudo — cinco, talvez oito —, iluminaram o céu como fogos de artifício silencioso, riscas brilhantes que pareciam ser cor de laranja nas extremidades. Aquela cor laranja podia ser apenas uma ilusão de óptica, mas Trisha achava que não.

Por fim a chuva de meteoros começou a abrandar. Trisha voltou a deitar-se, ajeitando o corpo dolorido até encontrar de novo uma posição confortável... pelo menos o mais confortável possível. Enquanto isso, viu ainda mais alguns clarões quando outros pedaços de rocha longínquos caíram no poço de gravidade da Terra, ficando primeiro vermelhos, à medida que a atmosfera se adensava, e depois esmorecendo. Trisha continuava a olhar para eles quando adormeceu.

Os seus sonhos foram nítidos, mas momentâneos: uma espécie de chuva de meteoros mental. O único de que se recordou com clareza foi aquele que estava a ter quando acordou no meio da noite, a tossir e cheia de frio, deitada de lado com os joelhos puxados até o queixo e a tremer.

Neste sonho ela e Tom Gordon encontravam-se num velho prado que dava lugar a arbustos e árvores jovens, na maior parte bétulas. Tom estava junto a um poste lascado que lhe dava pela cintura. Em cima dele havia uma velha cavilha com uma argola na ponta, vermelha de ferrugem. Tom virava-a entre os dedos. Tinha vestido o blusão por cima do equipamento. O equipamento cinzento. Nessa noite ia jogar em Oakland. Ela perguntara a Tom o que era «aquela coisa de apontar». Claro que já sabia a resposta, mas mesmo assim perguntou. Talvez porque Walt, de Framingham, quisera saber, e um paspalhão como Walt não iria acreditar numa garota perdida na floresta; Walt queria ouvir a resposta da boca do jogador.

— Eu aponto porque faz parte da natureza de Deus aparecer no fim do nono *inning* — respondeu Tom. Girou o cavilha em cima do poste entre os dedos. Girou e girou... «A quem telefona quando a sua cavilha se parte? 1 -800-54-CAVILHA, claro.» — Especialmente quando as bases estão ocupadas e houve apenas uma bola fora. — Na floresta ouviu-se qualquer coisa a bater, talvez a escarnecer daquelas palavras. A batida tornou-se cada vez mais forte, até que Trisha abriu os olhos no escuro e percebeu que o som era provocado pelos seus dentes.

Levantou-se devagar, fazendo caretas de dor. As pernas eram o pior, e logo a seguir as costas. Uma rajada de vento atingiu-a — desta vez não era uma brisa, mas sim uma rajada —, quase a deitando ao chão. Perguntou a si mesma quanto peso teria perdido. «Uma semana disto e podem amarrar-me um fio à cintura e pôr-me a voar como um papagaio de papel», pensou. Soltou uma gargalhada, mas o riso transformou-se num acesso de tosse. Apoiou as mãos nas pernas, acima dos joelhos, a cabeça baixa, a tossir. A tosse vinha-lhe do fundo do peito e saía pela boca numa série de latidos ásperos. Bestial! Mesmo bestial. Encostou o interior do pulso à testa e não conseguiu perceber se tinha febre ou não.

Caminhando devagar, com as pernas afastadas — o traseiro ardia-lhe menos quando andava assim —, Trisha foi até aos pinheiros e partiu mais ramos, desta vez pretendendo pô-los em cima de si a fazer de cobertores. Levou uma braçada até à cama, depois uma segunda, e parou no meio do caminho entre as árvores e o recanto onde escolhera dormir. Devagar, deu uma volta de trezentos e sessenta graus sob a luz das estrelas às quatro da manhã.

— Deixe-me em paz, está bem? — gritou, começando de novo a tossir. Quando conseguiu acalmar a tosse, voltou a falar, mas mais baixo. — Não é capaz de desistir? Não pode deixar-me em paz?

Nada. Não ouviu nenhum som, a não ser o do vento a soprar através dos pinheiros... e depois um grunhido. Baixo e suave e nem sequer remotamente humano. Trisha ficou onde estava com a braçada perfumada de ramos. Os seus pelos eriçaram-se. De onde tinha vindo aquele grunhido? Deste lado do riacho? Do outro? Dos pinheiros? Tinha a idéia, uma idéia horrível que era quase uma certeza, de que o som viera dos pinheiros. Quando partira os ramos, o focinho daquilo devia ter estado apenas a centímetros do seu rosto; as suas garras, aquelas que tinham marcado as árvores e estraçalhado o veado, deviam ter estado só a centímetros das suas próprias mãos quando agitara os ramos, lascando-os primeiro e depois partindo-os.

Trisha recomeçou a tossir, e isso fê-la pôr-se a andar. Largou os ramos numa pilha desordenada e rastejou por entre eles, sem tentar pôr ordem no seu caos. Fez um esgar de dor e gemeu quando um se lhe espetou no quadril, no lugar onde fora picada, depois ficou quieta.

Pressentiu a aproximação daquilo, afastando-se dos pinheiros e vindo na sua direção. A coisa especial da menina corajosa, o Deus dos Perdidos do sacerdote-vespa. Podia se chamar como que quisesse — senhor das trevas, imperador das profundezas, pior pesadelo das crianças. Fosse o que fosse, decidira não a provocar mais; pusera fim aos joguinhos. Limitar-se-ia a afastar os ramos sob os quais ela se escondia e a comê-la viva.

Tossindo e estremecendo, tendo perdido toda a noção de realidade e racionalidade — estando momentaneamente louca, de fato —, Trisha pôs os braços atrás da cabeça e ficou à espera de ser rasgada pelas garras da coisa e enfiada na sua boca cheia de presas. Adormeceu assim, e quando acordou com a primeira luz, na manhã de terça-feira, tinha os braços dormentes dos cotovelos para baixo e a princípio não conseguia mexer o pescoço; teve de caminhar com a cabeça inclinada um pouco para o lado.

«Acho que não vou precisar perguntar à avó como é ser velho», pensou ela quando se agachou para fazer xixi. «Acho que já sei.»

Quando voltou para junto da pilha de ramos onde dormira («como uma tâmia[6] numa toca», pensou com amargura), viu que um dos outros outeiros — o mais próximo do dela, na verdade — parecia ter sido remexido. Num dos lugares, as agulhas de pinheiro haviam sido afastadas, revelando a terra. Pelos vistos ela não enlouquecera de madrugada. Ou não enlouquecera completamente, porque mais tarde, depois de ter adormecido, alguma coisa aparecera. Estivera ao seu lado, talvez a vê-la dormir. Perguntando a si mesmo se deveria matá-la naquele momento e decidindo não o fazer, decidindo deixá-la amadurecer pelo menos mais um dia. Deixá-la ficar mais doce, como uma gaultéria.

Trisha deu uma volta de trezentos e sessenta graus, com a sensação de já ter vivido aquilo, mas sem se lembrar de que fizera exatamente a mesma coisa havia algumas horas. Parou quando voltou ao ponto de partida, tossindo nervosamente. A tosse fazia-lhe doer o peito, era uma dor que vinha mesmo de dentro. Trisha não se importou — pelo menos a dor era quente, e o resto do seu corpo estava gelado naquela manhã.

— Foi-se embora, Tom — disse. — A tal coisa foi-se de novo embora. Pelo menos por enquanto.

— Sim — concordou Tom. — Mas vai voltar. E mais cedo ou mais tarde terá de enfrentá-la.

— Que até lá não me doa a cabeça — respondeu Trisha. Era uma das frases que a avó McFarland costumava dizer. Não percebia bem o seu significado, mas adivinhava, e achou-a indicada para a ocasião.

Sentou-se numa rocha ao lado do outeiro e engoliu três punhados de bagas e frutos, dizendo a si própria que estava comendo *muesli*. As bagas já não estavam tão saborosas — haviam secado um pouco — e Trisha calculou que à hora do almoço estivessem ainda pior. Mesmo assim, obrigou-se a engolir os três punhados e a seguir foi ao riacho beber. Vislumbrou outra truta pequena, e, embora as que vira até ali não fossem maiores do que sardinhas grandes, decidiu tentar apanhar uma. Começava a sentir o corpo menos rígido, o dia estava ficando mais quente à medida que o Sol subia, e sentia-se melhor. Quase com esperança. Talvez até com sorte. A tosse também diminuíra.

Trisha voltou à cama de ramos, tirou de lá os restos da capa e estendeu-o sobre uma rocha. Procurou uma pedra afiada e encontrou-a perto do local onde o riacho caía da extremidade arredondada do penhasco para o vale, lá em baixo. A encosta era tão íngreme como aquela por onde Trisha deslizara no dia em que se perdera (esse dia parecia ter sido há já cinco anos), porém, pareceu que a descida seria mais fácil. Havia imensas árvores onde podia agarrar-se.

Trisha levou a ferramenta improvisada para junto da capa (estendido na rocha, parecia uma enorme boneca de papel) e cortou o capuz pela zona dos ombros. Duvidava ser capaz de apanhar um peixe com o capuz, mas seria divertido tentar e não queria descer a encosta antes de procurar arranjar mais comida ali. Cantarolou baixinho enquanto trabalhava, primeiro a canção dos Boyz To Da Maxx, que ainda não lhe saíra da cabeça, depois a *MMMBop,* dos Hansons, e a seguir um excerto de *Take Me Out to the Ballgame.* Mas durante a maior parte do tempo cantarolou aquela que era *A quem telefona quando o seu pára-brisas se parte?*

A brisa gelada da noite anterior mantivera afastada a maior parte dos insetos, mas, à medida que o dia ia aquecendo, a habitual nuvem de aviadores minúsculos foi ficando cada vez maior em torno da cabeça de Trisha. Ela mal reparou neles, e agitava a mão de vez em quando com impaciência, quando se aproximavam demasiado dos seus olhos.

Depois de ter cortado o capuz da capa, segurou-o de pernas para o ar, abanando-o e estudando-o com um ar crítico. Interessante. Sem dúvida estúpido demais para funcionar, mas ainda assim interessante.

— A quem telefona, a quem telefona quando a porcaria da coisa se parte, *oh, yeah* — cantarolou Trisha num murmúrio, dirigindo-se ao riacho. Firmou os pés em duas pedras que se erguiam lado a lado na água. Olhou para a água entre as pernas abertas. O leito pedregoso do riacho era límpido. Não havia ali peixes naquele momento, mas que interessava isso? Se queria ser pescadora, tinha de ser paciente.

— *Put your arms around me... cause I gotta munch on you* — cantou Trisha, soltando uma gargalhada. Que tolices! Segurando o capuz ao contrário pelo lado rasgado, dobrou-se e mergulhou a armadilha improvisada na água.

A corrente puxou o capuz, mas ele manteve-se aberto, por isso não havia problema. O problema era a posição dela — dobrada, de traseiro para o céu, a cabeça ao nível da cintura. Não seria capaz de ficar assim muito tempo, e, se tentasse se acocorar nas pedras, as suas pernas doloridas e trêmulas poderiam traí-la e fazê-la cair no riacho. Um mergulho não seria nada bom para a sua tosse.

Quando as têmporas começaram a latejar, Trisha optou por dobrar os joelhos e levantar o tronco. Como a cabeça ficou mais alta, viu três clarões prateados — eram peixes, sem dúvida — a vir na sua direção. Se tivesse tido tempo para reagir, Trisha teria esticado os braços e apanhado um deles. Como isso não sucedeu, teve apenas tempo para um único pensamento — «parecem estrelas-cadentes debaixo de água») —, e os clarões prateados passaram entre as pedras onde ela estava. Um deles falhou o capuz, mas os outros dois nadaram direitos a ele.

— Caramba! — gritou Trisha.

Depois do grito — que era simultaneamente de desalento, choque e alegria —, Trisha dobrou-se de novo para a frente, agarrando a ponta mais baixa do capuz. Quase se desequilibrou, caindo no rio, mas conseguiu ficar de pé. Levantou o capuz, cheio de água e com os lados pendentes, com as duas mãos. Quando recuou para a margem, alguma da água começou a cair pelos lados, encharcando-lhe a perna esquerda da calça jeans do quadril ao tornozelo. Uma das pequenas trutas caiu também, agitando a cauda no ar, depois batendo na água e afastando-se a nadar.

— Bolas! — gritou Trisha, embora estivesse também a rir. Quando subiu para a margem, continuando a segurar o capuz à sua frente, começou a tossir.

Ao chegar a uma zona plana, olhou para dentro do capuz, certa de que não iria ver

nada; devia ter perdido também o outro peixe, as garotas não apanham trutas, nem sequer das pequenas, com os capuzes das capas de chuva, ela não dera pela sua fuga. Mas a truta ainda estava ali, nadando em círculos como um peixinho vermelho num aquário.

— Meu Deus, o que é que eu faço agora? — perguntou Trisha. Era uma prece genuína, simultaneamente aflita e perplexa.

Foi o seu corpo que respondeu, não o seu espírito. Tinha visto vários desenhos animados em que o Coiote olhava para o Papa-Léguas e o via transformar-se no jantar do dia de Ação de Graças. Ela rira-se, Pete rira-se e até a mãe se rira se por acaso também estava a assistir. Naquele momento Trisha não se riu. As bagas e os frutos de faia do tamanho de sementes de girassol não constituíam problema, mas não bastavam. Mesmo quando os misturava e os comia, dizendo a si própria que eram os cereais do café d manhã, continuavam a não bastar. A reação do seu corpo à truta de dez centímetros que nadava no capuz azul foi radicalmente diferente, não propriamente fome, mas sim uma espécie de aperto, uma cãibra centrada no seu estômago mas que provinha de todos os lados, um grito não articulado (dê-me isso!), que pouco tinha a ver com o seu cérebro. Era uma truta, uma truta pequena deamis para poder ser pescada dentro da legalidade, mas, fosse o que fosse que os seus olhos viam, o seu corpo considerava-o uma refeição. Uma verdadeira refeição.

Trisha só pensava numa coisa quando levou o capuz até ao que restava da capa, que continuava aberto em cima da pedra (era agora uma boneca de papel sem cabeça): «Vou comê-lo mas nunca direi nada. Se me encontrarem, se me salvarem, contarei tudo, menos que caí na minha merda... e isto.»

Não agiu de forma premeditada; o seu corpo tomou as rédeas. Trisha verteu o conteúdo do capuz para o chão coberto de agulhas de pinheiro e ficou a ver o pequeno peixe aos saltos, agitando-se no ar. Quando ficou quieto pegou-lhe, colocou-o no capuz e abriu-lhe a barriga com a pedra com que cortara o capuz. Saiu de lá um fluido não muito espesso, mais semelhante a ranho do que a sangue. Trisha viu as pequenas tripas vermelhas dentro do peixe. Levantou-as com uma unha suja. Atrás delas estava a espinha. Tentou arrancá-la e conseguiu puxar metade. Enquanto isso, a sua mente tentou retomar o comando apenas uma vez. «Não

pode comer a cabeça», disse a mente num tom razoável, que não conseguiu ocultar o horror e o nojo. «Quero dizer... os olhos, Trisha!» Os olhos! Depois o seu corpo afastou de novo a mente, desta vez com mais brusquidão. «Quando quiser a sua opinião, bato nas grades da sua jaula», dizia Pepsi às vezes.

Trisha pegou na truta pela cauda, levou-a até ao riacho e mergulhou-a na água, para limpar as agulhas e a terra. Inclinou a cabeça para trás, abriu a boca e engoliu metade da truta. Os dentes trincaram algumas espinhas pequenas; a mente tentou mostrar-lhe os olhos da truta a saírem da cabeça para a sua língua, semelhantes a gelatina. Viu fugazmente essa imagem e o seu corpo tornou de novo a expulsar a mente, desta vez com brusquidão. A mente poderia voltar quando fosse necessária; a imaginação poderia voltar quando fosse necessária. Naquele momento o corpo estava no comando, e o corpo via o jantar, o seu jantar, podia ser de manhã, mas o jantar estava servido e naquela manhã comia-se peixe fresco.

A metade superior da truta desceu pela sua garganta como um grande gole de óleo cheio de grumos. O gosto era simultaneamente horrível e delicioso. O gosto da vida. Trisha segurou a parte inferior da truta junto à cara, detendo-se apenas o tempo suficiente para tirar mais uma espinha e murmurar:

— 1-800-54-PEIXE FRESCO...

Comeu o resto da truta, com cauda e tudo.

Quando acabou de a engolir, levantou-se e olhou para o outro lado do riacho, limpando a boca e perguntando a si mesma se iria vomitar. Tinha comido peixe cru, e, embora ainda sentisse o seu gosto na garganta, mal podia acreditar. O estômago roncou e Trisha pensou: «É agora.» Depois arrotou e o estômago voltou a acalmar-se. Retirou a mão da boca e viu algumas escamas na palma da mão. Limpou-as às calças com uma careta, depois voltou

para junto da mochila. Enfiou nela os restos da capa e o capuz (que acabara por funcionar lindamente, pelo menos com peixes novos e estúpidos) por cima da comida e pô-la às costas. Sentia-se forte, envergonhada e também orgulhosa do que fizera, febril e um pouco louca.

«Não vou falar do assunto, pronto, não tenho de falar no assunto e não vou fazê-lo. Mesmo que saia daqui.»

— E mereço sair — disse ela, confiante. — Uma pessoa que come peixe cru merece sair.

«Os Japoneses passam a vida a fazer isso», disse a menina corajosa quando Trisha recomeçou a andar junto ao riacho.

— Então posso contar-lhes — retorquiu Trisha. — Se lá chegar vou contar-lhes.

Daquela vez a menina corajosa pareceu não ter resposta. Trisha ficou radiante.

Desceu com cuidado a encosta, chegando ao vale onde o riacho avançava por entre uma floresta de abetos e árvores de folha caduca. Cresciam muito juntas, mas havia menos arbustos e silvas[7], e Trisha avançou um grande bocado naquela manhã. Não tinha a sensação de estar a ser observada e o peixe revigorara-a. Fingiu que Tom Gordon caminhava ao seu lado, e tiveram uma conversa longa e interessante, essencialmente sobre Trisha. Tom queria saber tudo a seu respeito, segundo parecia — as disciplinas preferidas, por que motivo considerava Mr. Hall cruel por lhes dar trabalhos de casa à sexta-feira, as coisas terríveis que Debra Gilhooly fazia, como ela e Pepsi tinham planeado mascarar-se de Spice Girls na última

Noite das Bruxas e a mãe dela tinha dito que a mãe de Pepsi podia fazer o que bem quisesse, mas que a sua filha de nove anos não ia sair à noite de mini-saia, sapatos de salto alto e *top.* Tom achou que o embaraço de Trisha era justificado.

Estava a contar-lhe que ela e Pete tencionavam dar ao pai nos anos um *puzzle* feito por encomenda numa firma de Vermont (ou, se fosse muito caro, um cortador de relva) quando parou subitamente. Parou de andar. Parou de falar.

Observou o riacho durante quase um minuto, os cantos da boca pendentes, uma das mãos afastando automaticamente a nuvem de insetos em volta da cabeça. Começara a surgir vegetação entre as árvores; estas eram mais atrofiadas, a luz mais intensa. Os grilos cantavam.

— Não — murmurou Trisha. — Não, hum, hum! Nem pensar. Outra vez não.

O silêncio do riacho fora o que primeiro a intrigara, fazendo-a alhear-se da sua fascinante conversa com Tom Gordon (as pessoas a fingir eram tão boas ouvintes...). O riacho deixara de cantarolar. Isso devia-se ao fato de a velocidade da corrente ter abrandado. O seu leito tinha mais ervas do que antes de chegar ao vale. Começava a alargar.

— Se isto der noutro pântano, mato-me, Tom.

Uma hora mais tarde Trisha abria caminho por entre uma mistura de choupos e bétulas, esmagou com a palma da mão um mosquito incomodativo que lhe rondava a testa e deixou a mão ficar ali, na testa, transformando-se na imagem de todos os seres humanos na história que estão exaustos e não sabem o que fazer nem para onde se virar.

A certa altura o riacho transbordara, alagando uma zona bastante grande e criando um pântano de juncos e tábuas. Entre a vegetação, o sol brilhava na água parada com grande intensidade. Os grilos cantavam; as rãs coaxavam; lá em cima, dois falcões pairavam de asas abertas; algures crocitava um corvo. O pântano não parecia mau, como o pântano de outeiros e madeira submersa que ela atravessara, mas estendia-se pelo menos por dois quilômetros (talvez mais) antes de chegar a uma crista baixa e coberta de pinheiros. E o riacho, claro, desaparecera.

Trisha sentou-se no chão, começou a dizer qualquer coisa a Tom Gordon, e percebeu como era uma estupidez estar a fingir quando era evidente — e cada vez mais evidente, à medida que as horas passavam — que ia morrer. Não importava que falasse muito e que apanhasse peixes e os comesse. Começou a chorar. Tapou o rosto com as mãos, soluçando cada vez com mais força.

— Quero a minha mãe! — gritou ao dia indiferente. Os falcões tinham desaparecido, mas lá em cima na crista cheia de árvores o corvo continuava a crocitar. — Quero a minha mãe, quero o meu irmão, quero a minha boneca, quero ir para casa! — As rãs limitaram-se a coaxar, fazendo-a recordar a história que o pai lhe lera quando era criança — um carro atolado na lama e as rãs a coaxar «‘tá fundo, ‘tá fundo». Como isso a tinha assustado!

Chorou com mais força, e a certa altura as lágrimas — todas aquelas lágrimas, todas aquelas malditas lágrimas... — irritaram-na. Olhou para cima, com os insetos a voarem à sua volta, as odiosas lágrimas a escorrerem pelo seu rosto sujo.

— Quero a minha mãe! Quero o meu irmão! Quero sair daqui, estão a ouvir? — Esperneou para cima e para baixo, esperneou tanto que um dos tênis voou, disparado. Trisha sabia que estava a fazer uma birra, a primeira desde os cinco ou seis anos de idade, mas não se importou. Deitou-se de costas, esmurrou o ar, depois abriu os punhos para poder agarrar

em punhados de erva e atirá-los ao ar. — Quero sair daqui! Porque é que não me encontram, seus estupores de merda? Porque é que não me encontram? Quero... ir... para... casa!

Ficou deitada a olhar para o céu e a ofegar. Tinha dores de estômago e a garganta também lhe doía de tanto gritar, mas sentiu-se melhor, como tivesse se livrado de uma coisa perigosa. Tapou o rosto com um braço e adormeceu, ainda a soluçar.

Quando acordou, o Sol encontrava-se sobre a crista no lado mais afastado do pântano. Já era de tarde, novamente. «Diga-me, Johnny, o que temos para os nossos concorrentes? Bem, Bob, temos outra tarde. Não é um grande prêmio, mas é o melhor que uns estupores de merda como nós conseguem arranjar.»

Trisha sentiu tonturas quando se sentou; um esquadrão de traças pretas grandes abriu as asas e voou preguiçosamente no seu campo de visão. Durante um momento, teve certeza de que iria desmaiar. A sensação passou, mas a garganta doeu-lhe quando engoliu e a sua cabeça estava quente. «Não devia ter adormecido ao sol», pensou, só que não se sentia assim por ter dormido ao sol. Sentia-se assim porque estava a ficar doente.

Calçou o tênis que voara durante a birra, depois comeu um punhado de bagas e bebeu alguns goles de água da garrafa. Aproximou-se de um maciço de fetos comestíveis que crescia junto ao pântano e comeu-os também. Estavam já a murchar e eram duros e pouco saborosos, mas obrigou-se a engoli-los. Depois do lanche, levantou-se e olhou de novo para o outro lado do pântano, protegendo os olhos do sol. Passado um momento, abanou a cabeça devagar e com esforço — era o gesto de uma mulher e não o de uma criança, e de uma mulher de idade. Via perfeitamente a crista e tinha certeza de que o chão ali estava seco, mas não conseguia imaginar-se a atravessar outro atoleiro com os *Reebok* ao ombro. Mesmo que este fosse menos fundo e menos viscoso; nem por todos os fetos serôdios do mundo! Porque haveria de fazê-lo, sem ter um riacho para seguir? Estava pronta a procurar ajuda — ou outro riacho — noutra direção mais fácil.

Seguindo essa linha de pensamento, Trisha virou-se para norte, caminhando no lado este do pântano, que se estendia pela maior parte do vale. Fizera muitas coisas certas desde que se perdera — mais do que poderia ter imaginado —, porém, aquela decisão foi errada, a pior que tomara desde que decidira deixar a trilha. Se tivesse atravessado o pântano e subido a crista, teria se deparado com lago Devlin, nos arredores de Green Mount, em New Hampshire. O lago era pequeno, mas havia casebres na sua extremidade sul e uma estrada de terra que ia dar à Estrada 52 de New Hampshire.

Num sábado ou num domingo, Trisha teria ouvido o ronronar dos motores dos barcos no lago, a puxar crianças nos esquis aquáticos; a seguir ao 4 de Julho haveria ali barcos a motor todos os dias da semana, e às vezes tantos que tinham de se desviar abruptamente para não colidir uns com os outros. Contudo, estava-se em meados de uma semana no princípio de Junho, não havia ninguém no lago a não ser alguns pescadores com pequenos barcos a motor de vinte cavalos, pelo que Trisha ouviu apenas as aves, as rãs e os insetos. Em vez de ir na direção do lago, rumou à fronteira com o Canadá e embrenhou-se na floresta. Estava a cerca de seiscentos quilômetros de Montreal. Não era muito.

PROLONGAMENTO DO SÉTIMO «INNING»

No ano anterior à separação e ao divórcio, os McFarland tinham ido passar uma semana à Florida, durante as férias escolares de Fevereiro. Havia sido uma semana pouco agradável, com as crianças a apanharem conchas com ar carrancudo na praia, enquanto os pais discutiam na pequena casa que tinham alugado (ele bebia demais, ela gastava demais, prometeu-me que..., porque é que não..., blá, blá, blá...). Quando apanharam o avião de volta, Trisha conseguiu ficar com o lugar ao lado da janela. O avião atravessara as nuvens quando descera para o Aeroporto Logan, movendo-se com o cuidado de uma senhora de idade a andar numa calçada cheia de gelo. Trisha observara, fascinada, com a cabeça encostada à janela. Iria se deparar com um mundo branco perfeito... veria um pedaço do chão ou da água cinzenta do porto de Boston lá em baixo... mais branco... depois outro vislumbre de chão ou de água.

Os quatro dias que se seguiram à sua tomada de decisão de virar para norte foram como essa descida; um manto de nuvens. Trisha não confiava em algumas das recordações que tinha; na noite de terça-feira, a fronteira entre realidade e ficção começara a desaparecer. No sábado de manhã, depois de uma semana inteira na floresta (não que Trisha se tivesse percebido que o sábado chegara; nessa altura já tinha perdido a conta aos dias), Tom Gordon acompanhava-a sempre, e já não era a fingir, mas sim aceito como real. Pepsi Robichaud caminhou também a seu lado durante algum tempo; cantaram as suas canções preferidas dos Boyz e das Spice Girls e depois Pepsi passou por trás de uma árvore e não apareceu do outro lado. Trisha deu a volta à árvore, viu que Pepsi não estava lá e percebeu, após alguns minutos de concentração, que ela nunca ali estivera. Então sentou-se e chorou.

Enquanto atravessava uma vasta clareira cheia de penedos, um grande helicóptero preto — o tipo de helicóptero que os sinistros tipos do Governo usavam no filme *Arquivo-X* — surgiu no céu e pairou sobre a cabeça de Trisha. Não emitia nenhum som, com exceção do pulsar tênue dos rotores. Ela acenou e gritou por ajuda, e, embora os ocupantes no seu interior a devessem ter visto, o helicóptero preto voou para longe e não voltou. Trisha chegou a um velho pinhal; e os raios de sol atravessavam os pinheiros obliquamente, parecendo que entravam pelos vitrais de uma catedral. Isso talvez tenha sido na quinta-feira. Das árvores pendia o toco mutilado de mil veados, um exército de veados chacinado cheio de moscas e larvas. Trisha fechou os olhos e quando os tornou a abrir os veados tinham desaparecido. Encontrou um riacho e avançou ao seu lado durante algum tempo, até que o riacho a abandonou ou ela se afastou dele. Porém, antes de isso acontecer, olhou lá para dentro e viu um enorme rosto no fundo, afogado mas mesmo assim vivo, que a fitava e falava sem emitir qualquer som. Passou por uma grande árvore cinzenta oca semelhante a uma mão retorcida; uma voz vinda lá de dentro chamou-a pelo nome. Uma noite, Trisha acordou sentindo uma grande pressão sobre o peito e pensou que a coisa da floresta tinha finalmente vindo buscá-la, mas quando estendeu a mão, não encontrou nada e conseguiu respirar novamente. Ouviu várias vezes pessoas a chamá-la, mas quando lhes gritava não obtinha resposta.

Entre estas nuvens de ilusão surgiam visões nítidas de realidade semelhantes à visão fugaz do chão visto do avião. Lembrava-se de ter descoberto outro maciço de bagas, enorme e espalhado pela encosta de uma colina, e de ter voltado a encher a mochila enquanto cantava: — A quem telefona quando o seu pára-brisas se parte? Recordava-se de ter enchido a garrafa de água e a garrafa de *Sprite* numa nascente. Lembrava-se também de ter tropeçado numa raiz e de ter caído no fundo de um pequeno declive úmido, onde cresciam as flores mais bonitas que já vira — brancas e perfumadas, graciosas como campainhas. Lembrava-se perfeitamente de ter se deparado com o corpo sem cabeça de uma raposa; ao contrário do exército chacinado de veados pendurados nas árvores, este cadáver não desapareceu quando ela fechou os olhos e contou até vinte. Tinha certeza de ter visto um corvo pendurado de pernas para o ar num ramo e a grasnar-lhe, e, embora isso fosse provavelmente impossível, a recordação possuía uma qualidade que muitas outras (como a do helicóptero preto, por exemplo) não possuíam: textura e clareza. Lembrava-se de ter pescado com o capuz no riacho onde mais tarde viu o rosto submerso. Não havia trutas, mas conseguiu apanhar alguns girinos. Comeu-os inteiros, certificando-se de que estavam mortos antes de os engolir. Atormentava-a a idéia de eles poderem viver no seu estômago e de aí se transformarem em rãs.

Estava doente, quanto a isso não se enganara, mas o seu corpo combateu a infecção na garganta, peito e nariz com uma tenacidade surpreendente. Trisha sentia-se por vezes febril durante várias horas e quase perdia a consciência. A luz, mesmo quando era tênue e filtrada

pela folhagem das árvores, feria-lhe os olhos, e ela falava sem parar — principalmente com Tom Gordon, mas também com a mãe, o irmão, o pai, Pepsi e com todos os professores que tivera, até Mrs. Garmond, do jardim-escola. Acordava de noite, deitada de lado com os joelhos junto ao peito, a tremer de febre e a tossir com tanta força que receava romper alguma coisa dentro de si. Então, em vez de piorar, a febre baixava ou desaparecia completamente, e as dores de cabeça que a acompanhavam seguiam o mesmo caminho. Houve uma noite (na quinta-feira, embora Trisha não o soubesse) em que dormiu bem e acordou quase fresca. Se tossira durante a noite, não fora com força suficiente para a acordar. Tirou um pedaço de sumagre venenoso do antebraço esquerdo, mas percebeu o que era e besuntou o braço com lama. A inflamação não alastrou.

As recordações mais nítidas eram as de estar deitada sob ramos a ouvir os Red Sox enquanto as estrelas brilhavam friamente lá em cima. Venceram dois dos três jogos em Oakland e Tom Gordon conseguiu marcar pontos nas duas vitórias. Mo Vaughn obteve dois *home runs* e Troy O'Leary (um jogador muito engraçado, na modesta opinião de Trisha) fez um ponto. Os jogos chegavam-lhe através da WEEI, e, embora a recepção piorasse a cada noite que passava, as pilhas aguentaram-se bem. Lembrava-se de ter pensado que, se chegasse a sair dali, iria escrever uma carta elogiosa ao coelhinho das pilhas *Energizer.* Nunca se esqueceu de desligar o rádio quando começava a sentir sono. Nem sequer adormeceu com ele ligado na noite de sexta, quando estava cheia de arrepios, de febre e com a barriga embrulhada. O rádio era a sua ligação com o mundo dos vivos, os jogos o seu salva-vidas. Se não ansiasse pela chegada do seguinte, já há muito que teria desistido de viver.

A garota que chegara à floresta (com quase dez anos e crescida para a idade) pesava quarenta e três quilos. A garota que, sete dias depois, subiu a custo, meio cega, uma encosta cheia de pinheiros e encontrou uma clareira não pesava mais de trinta e cinco. Tinha o rosto inchado das picadas dos mosquitos e no lado esquerdo da boca aparecera uma grande inflamação. Os braços pareciam palitos. Passava o tempo a puxar o cós largo das calças sem perceber. Cantarolava baixinho uma canção — *Put your arms around me... cuz I gotta get next to you* — e parecia uma das mais jovens viciadas em heroína do mundo. Fora desenrascada, tivera sorte com o tempo (temperaturas moderadas, pouca chuva desde que se perdera) e descobrira dentro de si uma grande e inesperada reserva de força. Agora essa reserva estava já quase a chegar ao fim e uma parte do seu cérebro exausto tinha consciência disso. A garota que avançava a custo pela clareira no topo da encosta estava quase arrumada.

No mundo que deixara para trás continuavam as buscas, embora com menor intensidade, e as pessoas que a procuravam consideravam-na já morta. Os pais tinham começado a discutir, como dois idiotas, se deviam mandar dizer uma missa ou esperar que o corpo fosse encontrado. E se decidissem esperar, quanto tempo o deveriam fazer? Às vezes os corpos das pessoas que se perdiam não chegavam a ser encontrados. Pete quase não falava e o seu olhar perdera o brilho. Levou *Moanie Balogna* para o seu quarto e colocou-a num canto de onde ela podia ver a sua cama. Quando viu a mãe a olhar para a boneca, disse:

— Não lhe toque! Não se atreva!

Nesse mundo de luzes, carros e estradas alcatroadas ela estava morta. Neste — no que existia fora da trilha, naquele em que às vezes os corvos se balançavam de pernas para o ar nos ramos — estava quase. Mas continuava a marchar (esta frase era do pai). Às vezes desviava-se um pouco para oeste ou para este, mas não muito, nem muitas vezes. A sua capacidade de seguir sempre numa determinada direção era quase tão espantosa como a recusa do seu corpo em sucumbir à infecção no peito e na garganta. Mas não ajudava tanto. O caminho que seguia afastava-a das vilas e das aldeias e conduzia-a cada vez mais para o

interior de New Hampshire.

A coisa na floresta, fosse ela o que fosse, acompanhou-a durante a viagem. Embora Trisha ignorasse grande parte do que sentia e do que julgava que via, não ignorava aquilo a que o sacerdote-vespa chamara o Deus dos Perdidos; não considerava as árvores com marcas de garras (ou a raposa sem cabeça) uma mera alucinação. Quando sentia essa coisa (ou a ouvia — ouvia muitas vezes ramos a partirem-se na floresta quando a coisa a acompanhava e ouviu duas vezes o seu grunhido inumano), não questionava a sua presença. Quando a sensação a abandonava, não questionava o seu afastamento. Ela e a coisa estavam agora unidas; e iriam continuar assim até ela morrer. Trisha achava que já não devia faltar muito. «Está mesmo ali na esquina», teria dito a mãe, só que na floresta não havia esquinas. Havia insetos, pântanos e declives abruptos, mas não esquinas. Não era justo que ela morresse depois de ter lutado tanto para continuar viva, porém, a injustiça já não a irritava tanto. Era preciso energia para se irritar. Vitalidade. Trisha já quase não tinha nada de ambas.

No meio desta nova clareira, que não diferia muito de dezenas de outras que ela atravessara, Trisha começou a tossir. A tosse fez-lhe doer o peito, fê-la sentir que tinha ali uma espécie de gancho. Dobrou-se ao meio, agarrou-se a um tronco e tossiu até lhe virem lágrimas aos olhos e ver tudo a dobrar. Quando a tosse abrandou e, por fim, parou, continuou dobrada, à espera que o coração acalmasse a sua batida e que aquelas borboletas pretas em frente dos seus olhos encolhessem as asas e voltassem para onde tinham vindo. Ainda bem que encontrara aquele tronco para se agarrar, se não teria caído, com certeza.

O seu olhar pousou sobre o tronco e os seus pensamentos interromperam-se abruptamente. O primeiro a surgir foi: «Não estou a ver aquilo que penso. É outra visão, outra alucinação.» Fechou os olhos e contou até vinte. Quando os abriu, as borboletas pretas tinham desaparecido, mas o resto continuava inalterado. O tronco não era um tronco. Era um poste. Por cima, aparafusado à madeira cinzenta e velha, encontrava-se uma cavilha com uma argola vermelha e enferrujada.

Trisha apertou-a, sentindo a sua realidade ferrosa. Afastou a mão e olhou para as marcas de ferrugem nos dedos. Tornou a apertá-la, abanando-a. Experimentou de novo a

sensação de *déjà vu* que tivera quando descrevera um círculo, só que desta vez era mais forte e estava, de certa forma, associada a Tom Gordon. O que...?

— Você sonhou com isto — disse Tom. Encontrava-se a cinquenta metros dela de braços cruzados e encostado a um bordo, envergando o equipamento cinzento. — Sonhou que estivemos aqui.

— Sonhei?

— Claro, não se lembra? Foi na noite de folga da equipe. Na noite em que ouviu o Walt.

— O Walt...? — O nome era apenas vagamente familiar e não tinha qualquer significado.

— O Walt, de Framingham. O paspalhão do celular.

Ela começou a recordar-se.

— E depois as estrelas caíram.

Tom assentiu.

Trisha caminhou devagar à volta do poste sem tirar os olhos da cavilha com a argola. Observou com cuidado o que a rodeava e percebeu que não estava numa clareira. Havia erva demais — erva alta, daquela que se via nos campos ou nos prados. Aquilo era um prado, ou fora, há muito tempo. Se se ignorassem as bétulas e os arbustos e se se visse tudo numa perspectiva global, não havia possibilidade de confusão. Aquilo era um prado. E as pessoas faziam prados, tal como enterravam postes no chão, postes com cavilhas e argolas.

Trisha baixou-se sobre um joelho e passou a mão pelo poste, devagar, por causa das lascas. Mais ou menos no meio descobriu dois buracos e um pedaço de metal retorcido. Apalpou a erva, não encontrando nada a princípio, e escavou um pouco. Ali em baixo, no meio do feno velho e da erva, encontrou outra coisa. Teve de usar as duas mãos para a libertar. Era uma dobradiça ferrugenta. Ergueu-a no ar. Um raio de luz da grossura de um lápis atravessou um dos orifícios dos pregos, indo bater numa das faces de Trisha.

— Tom — disse ela. Olhou para o local onde Tom estivera, encostado ao bordo de braços cruzados, julgando que ele tornara a desaparecer. Contudo ainda estava ali e, embora não sorrisse, Trisha julgou ver resquícios de um sorriso nos seus olhos e na sua boca. — Tom, olha! — Levantou a dobradiça.

— Era um portão — observou Tom.

— Um portão! — repetiu ela, delirante. — Um portão! — Por outras palavras: uma coisa feita por seres humanos. Pessoas do maravilhoso mundo das luzes, dos aparelhos e dos repelentes de insetos.

— Esta é a sua última oportunidade, sabe?

— O quê? — perguntou ela, pouco à vontade.

— Estamos nos últimos *innings*. Não cometa nenhum erro, Trisha.

— Tom, você...

Mas não havia ali ninguém. Tom fora-se embora. Não que o tivesse visto propriamente desaparecer, porque ele nunca chegara a estar ali. Só na sua imaginação.

«Qual é o segredo de um *closer»,* perguntara ela, não se recordava exatamente quando.

«Deixar bem claro quem é melhor», respondera Tom. A mente de Trisha devia estar a reciclar o comentário de algum jornalista ou talvez uma entrevista feita a qualquer jogador depois de um jogo a que assistira com o pai, o braço dele sobre os seus ombros, a cabeça dela encostada a ele. «É melhor fazê-lo logo.»

«A sua última oportunidade. Nos últimos *innings*. Não cometa nenhum erro.»

«Como é que posso fazer isso se nem sequer sei o que estou a fazer?»

Não houve qualquer resposta, pelo que Trisha começou de novo a andar em volta do poste com a mão na cavilha, lentamente e com o cuidado de uma garota da Saxônia num ritual antigo. A floresta que envolvia o prado rodopiou, tal como sucede quando se anda num carrossel em Revere Beach ou em Old Orchard. Não parecia ser diferente dos quilômetros de floresta que ela já atravessara, e para que lado? Para que lado era o caminho certo? Aquele poste não tinha nenhuma placa.

— Um poste sem placa — murmurou, caminhando um pouco mais depressa. — Como é que ele me pode dizer alguma coisa se não tem placa? Como é que uma idiota como eu...

Então teve uma idéia e ajoelhou-se. Bateu com um tornozelo numa pedra e começou a deitar sangue, mas nem reparou. Talvez tivesse uma placa. Talvez... Porque fizera parte de um portão.

Trisha encontrou de novo os buracos, os do lugar onde as dobradiças tinham estado. Colocou-se à frente deles e afastou-se em linha reta. Um joelho para a frente... depois o outro... novamente o primeiro...

— Ai! — gritou, levantando a mão do chão. Aquilo doera mais do que esfolar o tornozelo. Olhou para a palma da mão e viu pequenas gotas de sangue entre a terra. Trisha inclinou-se para a frente, desviando a erva, sabendo onde é que batera, mas querendo ver

melhor, de qualquer maneira.

Era o toco de outro poste e fora uma sorte não ter se machucado mais; algumas das lascas tinham quase dez centímetros e pareciam tão afiadas como agulhas. Um bocadinho à frente do toco, enterrado na relva velha e seca sob o verde agressivo daquele mês de Junho, encontrava-se o resto do poste.

«Ultima oportunidade. Últimos *innings.»*

— Sim, e talvez se espere demais de uma criança — disse ela. Tirou a mochila das costas, abriu-a, procurou os restos da capa de chuva e rasgou uma tira. Atou-a ao toco do poste, tossindo nervosamente. O suor escorria-lhe pelo rosto. Os mosquitos vieram bebê-lo; alguns afogaram-se; Trisha nem reparou.

— Aqui era onde estava o portão — refletiu. — Aqui mesmo. — Olhou em frente, para noroeste. Depois olhou para sudeste. — Não sei porque é que alguém pôs aqui um portão, mas sei que ninguém se daria a esse trabalho se não houvesse aqui um caminho, ou uma trilha, ou qualquer coisa parecida. Quero... — Estava à beira das lágrimas. Deteve-se, reprimiu-as e recomeçou. — Quero encontrar o caminho. Qualquer caminho. Onde é que ele está? Ajude-me, Tom.

O número trinta e seis não respondeu. Um gaio troçou dela e na floresta alguma coisa se mexeu (não a coisa, apenas um animal, talvez um veado — vira muitos nos últimos três ou quatro dias —, mas mais nada). A sua frente, à sua volta, encontrava-se um prado tão antigo que, se não se olhasse com atenção, passaria agora apenas por mais uma clareira. À frente Trisha viu mais floresta, mais grupos de árvores desconhecidas, mas não avistou nenhum caminho.

«Esta é a sua última oportunidade, sabe?»

Trisha virou-se, caminhou para noroeste, atravessando a clareira, e olhou para trás, a fim de se certificar de que andara em linha reta. Andara, e virou-se de novo para a frente. Os ramos agitavam-se com a brisa, lançando sombra nas zonas banhadas pela luz, quase criando o efeito de uma bola de espelhos. Trisha viu um tronco velho caído e aproximou-se, esgueirando-se por entre as árvores e baixando-se sob os ramos entrelaçados, na esperança... mas era um tronco, apenas um tronco e não outro poste. Olhou para diante e não viu mais nada. Com o coração a bater, a respirar em pequenas golfadas cheias de expectativa, voltou a custo à clareira e ao lugar onde tinha estado o portão. Desta vez virou-se para sudeste e aproximou-se das árvores.

«Bem, aqui vamos nós», costumava dizer Troop, «estamos nos *innings* finais e os Red Sox precisam de defesas que corram.»

Árvores. Só árvores. Nem sequer uma trilha de animais — pelo menos que Trisha visse —, quanto mais um caminho. Andou um pouco mais, continuando a tentar não chorar, embora sabendo que daí a pouco não o conseguiria evitar. Porque tinha o vento de estar a soprar? Como é que uma pessoa conseguia ver alguma coisa com aqueles pontos de luz idiotas a rodopiar? Parecia um planetário, ou uma coisa parecida.

— O que é aquilo? — perguntou Tom atrás dela.

— O quê? — Não se deu ao trabalho de se virar. As aparições de Tom já não lhe pareciam miraculosas. — Não vejo nada.

— A sua esquerda. Só mais um pouquinho. — O dedo dele apontou por cima do ombro de Trisha.

— É só um tronco velho — respondeu ela. Mas seria? Ou estaria ela com medo de acreditar que era um...

— Não me parece — retorquiu o número trinta e seis, e é claro que ele tinha olhos de jogador de baseball. — Acho que é outro poste, menina.

Trisha avançou a custo na sua direção (foi mesmo a custo; as árvores estavam muito juntas, os arbustos eram densos, o chão traiçoeiro), e sim, era outro poste. Aquele tinha restos enferrujados de arame farpado semelhantes a pequenos laços.

Trisha pousou uma das mãos em cima dele e observou a floresta. Recordava-se vagamente de estar sentada no quarto num dia chuvoso a completar o livro de atividades que a mãe lhe comprara. Havia um desenho, um desenho muito confuso, e nele tinham de encontrar-se dez objetos escondidos: um cachimbo, um palhaço, um anel de diamantes, coisas do gênero.

Naquele momento ela tinha de encontrar o caminho. «Por favor, meu Deus, ajude-me a encontrar o caminho», rezou ela, fechando os olhos. Rezava ao Deus de Tom Gordon, não ao Subaudível do pai. Naquele momento não se encontrava em Malden, nem em Sanford, e precisava de um Tom Gordon que estivesse realmente ali, para o qual se pudesse apontar quando se... se marcasse um ponto. «Por favor, meu Deus, por favor. Ajude-me nos últimos *innings.»*

Abriu os olhos o máximo que conseguiu e olhou sem ver. Passaram cinco segundos, quinze, trinta. E de repente ali estava. Trisha não fazia idéia do que via — talvez apenas uma zona onde houvesse menos árvores e mais luz, talvez apenas sombras a apontarem na mesma direção —, mas sabia o que era: os restos de um caminho.

«Vou conseguir manter-me nele, desde que não pense demais», disse Trisha a si própria, começando a andar. Chegou junto de outro poste, que se encontrava bastante inclinado; mais um Inverno gelado, mais uma Primavera de degelo, e ele haveria de cair e ser engolido pela relva do Verão seguinte. «Se pensar demais ou olhar com muita atenção, perco-o.»

Tendo isto em mente, Trisha começou a seguir os poucos postes que restavam e que haviam sido ali postos por um agricultor chamado Elias McCorkle em 1905; os postes assinalavam uma trilha para transporte de madeira que ele fizera quando era novo, antes de a bebida o ter afetado e de ter perdido toda a ambição. Trisha avançava de olhos muito abertos, sem nunca hesitar (se o fizesse, começaria a pensar e seria incapaz de continuar). Às vezes havia zonas onde não se via qualquer poste, porém, não se detinha para procurar os seus restos na erva; deixava que a luz, as sombras e o instinto a conduzissem. Continuou a caminhar, decidida, até ao fim do dia, avançando por entre as árvores muito juntas e os silvados com os olhos sempre postos no que restava do caminho. Andou durante cerca de sete horas e, quando pensou que iria dormir de novo sob a capa de chuva para manter afastada a maior parte dos insetos, chegou a outra clareira. Três postes, cada um inclinado para seu lado. Trisha foi até o meio da clareira. Dos postes pendiam os restos de um segundo portão, suspenso essencialmente pela relva espessa que crescia à volta das suas traves inferiores. Depois dele, dois sulcos tênues cobertos de erva e margaridas seguiam para sul, voltando a entrar na floresta. Era um caminho antigo utilizado pelos lenhadores.

Trisha passou devagar pelo portão chegando ao local onde o caminho parecia começar («ou terminar; tudo dependia», pensou ela, «do lado para onde se estivesse virado»). Ficou quieta durante algum tempo, depois ajoelhou-se e avançou sobre um dos sulcos. Ao fazê-lo começou de novo a chorar. Rastejou sobre o sulco da trilha, coberto de erva, deixando que a erva alta lhe fizesse cócegas no queixo, e depois passou para o outro sulco, continuando

de quatro. Avançava como um cego, falando por entre as lágrimas.

— Um caminho! É um caminho! Encontrei um caminho! Obrigada, meu Deus! Obrigada por este caminho!

Por fim parou, tirou a mochila e deitou-se. «Isto foi feito por rodas», pensou, rindo-se através das lágrimas. Passado um tempo, virou-se de barriga para cima e olhou para o céu.

OITAVO «INNING»

Trisha levantou-se minutos mais tarde. Caminhou durante mais uma hora, até ao crepúsculo. A oeste, pela primeira vez desde o dia em que se perdera, ouviu trovões. Tencionava abrigar-se sob o maciço de arbustos mais denso que encontrasse, mas se chovesse com força, mesmo assim haveria de ficar encharcada. No seu atual estado de espírito, porém, não se importava com isso.

Parou entre as marcas deixadas pelas rodas e estava a tirar a mochila quando viu algo mais à frente. Algo do mundo das pessoas; uma coisa com esquinas. Voltou a pôr a mochila às costas e avançou pelo lado direito do caminho, semicerrando os olhos como uma pessoa míope vaidosa demais para usar óculos. A oeste, os trovões ribombaram com mais força.

Era um caminhão, ou melhor, o que restava da cabine, entre as ervas. O capo era comprido e encontrava-se quase oculto pela vegetação. Estava aberto e Trisha reparou que o motor desaparecera; no seu lugar cresciam abetos. A cabine estava vermelha da ferrugem e inclinada para um lado. O pára-brisas também desaparecera, mas ainda havia um banco. A maior parte do estofo tinha apodrecido ou fora mordida por animais pequenos.

Mais trovões, e desta vez Trisha viu os relâmpagos por entre as nuvens, que avançavam rapidamente, engolindo as primeiras estrelas.

Partiu um ramo, enfiou-o pela abertura do pára-brisas e bateu no banco com quanta força tinha. Foi espantosa a quantidade de pó que se levantou, saindo a pairar pela abertura do pára-brisas e das janelas como uma névoa. Mais espantoso ainda foi o número de tâmias que se ergueu do chão a guinchar e saiu pela janela de trás, em forma de losango.

— Abandonar o navio! — exclamou Trisha. — Batemos num iceberg! Mulheres e tâmias prim... — Engoliu uma golfada de pó. O resultante ataque de tosse fê-la sentar-se pesadamente com o ramo no colo, a ofegar por ar puro a custo. Decidiu que, afinal, não iria passar a noite na cabine do caminhão. Não tinha medo das tâmias que ficaram, nem sequer das cobras (se houvesse ali cobras, já há muito que as tâmias se teriam ido embora), mas não queria passar oito horas a respirar pó e a tossir até ficar sem ar. Seria muito bom dormir de novo sob um teto, mas o preço a pagar era demasiado elevado.

Trisha abriu caminho por entre os arbustos junto ao caminhão e depois embrenhou-se um pouco mais na floresta. Sentou-se sob um espruce de tamanho razoável, comeu alguns frutos e bebeu um pouco de água. Estava a ficar de novo sem comida e sem bebida, mas naquela noite sentia-se cansada demais para pensar nisso. Encontrara um caminho e isso era o principal. Era velho e havia muito que não era utilizado, mas poderia levá-la a algum lado. É claro que também podia acabar por desaparecer, tal como sucedera com os riachos, mas não quis pensar nisso naquele momento. Só se permitiu esperar que o caminho a levasse onde os riachos não a tinham levado.

A noite estava quente e abafada, resultante do Verão curto mas intenso da Nova Inglaterra. Trisha abanou a gola da blusa junto ao pescoço sujo, soprou para a testa, afastando a franja, depois voltou a pôr o boné e encostou-se à mochila. Pensou em pegar no *walkman,* mas decidiu não o fazer. Se tentasse ouvir um jogo de baseball naquela noite, adormeceria com certeza e gastaria o que restava das pilhas.

Recostou-se mais para trás, transformando a mochila em almofada, sentindo uma satisfação que há muito não sentia e que, por isso, pareceu quase miraculosa.

— Obrigada, meu Deus — murmurou.

Minutos depois estava dormindo.

Acordou talvez duas horas mais tarde, quando as primeiras gotas do dilúvio atravessaram a copa das árvores e caíram no seu rosto. Um trovão pareceu fender o mundo e ela sentou-se, a ofegar. As árvores estalavam e agitavam-se devido ao vento forte, quase um tufão, e um relâmpago iluminou-as como se fosse o *flash* de uma máquina fotográfica.

Trisha levantou-se a custo, afastando o cabelo dos olhos e encolhendo-se quando o trovão seguinte ribombou... só que pareceu mais o estalar de um chicote do que um ribombar. A tempestade encontrava-se praticamente por cima de si. Dali a pouco Trisha estaria ensopada, mesmo sob as árvores. Agarrou na mochila e voltou para junto da cabine do caminhão. Deu três passos e parou, inspirando o ar úmido e expelindo-o a tossir, mal sentindo as folhas e os pequenos ramos que lhe açoitavam o pescoço e os braços. Em algum lugar na floresta uma árvore caiu com um estalido.

Aquilo estava ali, e muito perto.

O vento mudou de direção, a chuva bateu-lhe em cheio no rosto e ela sentiu-lhe o cheiro — um odor selvagem semelhante ao das jaulas do jardim zoológico. Só que a coisa que andava ali não se encontrava numa jaula.

Trisha recomeçou a andar na direção da cabine com uma das mãos levantada à frente do rosto, para se proteger dos ramos, e a outra a segurar o boné dos Red Sox. Os espinhos arranharam-lhe os tornozelos e a barriga das pernas e quando saiu do meio das árvores protetoras e se aproximou do seu caminho (era assim que o considerava, «o seu caminho»), ficou imediatamente encharcada.

Ao chegar junto à porta do condutor, que pendia aberta e coberta de heras, outro relâmpago brilhou, emprestando ao mundo uma tonalidade púrpura. Nessa luz Trisha viu uma coisa com os ombros curvados do outro lado do caminho, uma coisa com olhos negros e grandes orelhas semelhantes a chifres. Talvez fossem mesmo chifres. Não era humana nem parecia ser um animal. Era um deus. Era o deus dela, o deus-vespa, parado ali à chuva.

— Não! — gritou, enfiando-se no caminhão e ignorando a nuvem de pó que a envolveu e o cheiro de podre dos bancos. — Não! Vá embora! Vá embora e deixe-me em paz!

Foi o trovão que lhe respondeu. E a chuva, batendo na cabine enferrujada. Trisha escondeu a cabeça sob os braços e pôs-se de lado, a tossir e a tremer. Ainda estava à espera que a coisa se aproximasse quando tornou a adormecer.

Este sono foi profundo e, tanto quanto se lembrava, sem sonhos. Quando acordou era de novo dia. Estava calor e o sol brilhava, as árvores pareciam mais verdes do que no dia anterior, a erva mais luxuriante e os pássaros chilreavam entre as árvores, satisfeitos. Das folhas e dos ramos pingavam ainda algumas gotas de chuva; quando Trisha levantou a cabeça e olhou através do retângulo onde havia estado o pára-brisas do caminhão, a primeira coisa que viu foi a luz do Sol refletida numa poça que se formara numa das concavidades do caminho. A luz era tão intensa que teve de proteger os olhos com as mãos. Ficou a ver o clarão durante muito tempo, mesmo com os olhos fechados: o reflexo do céu, primeiro azul, depois de um verde-pálido.

A cabine mantivera-a relativamente seca, mesmo apesar de não ter vidros. No chão havia uma poça, perto dos pedais, e o braço esquerdo de Trisha ficara molhado, mas mais nada. Se tossira durante o sono, não fora com força suficiente para acordar. Tinha a garganta um pouco inflamada e o nariz entupido, mas isso poderia melhorar assim que saísse do meio daquele maldito pó.

«Aquilo esteve aqui ontem à noite. Você viu.»

Mas teria visto? Teria visto mesmo?

«Veio por sua causa, para te buscar. Quando entrou na cabine, decidiu deixar-te em paz. Não sei porquê, mas foi isso que aconteceu.»

Mas talvez não. Talvez tudo não tivesse passado de uma espécie de sonho, daqueles que se têm quando se está meio a dormir e meio acordado. Algo resultante do fato de se acordar no meio de uma enorme tempestade com relâmpagos e vento muito forte. Numa situação daquelas, qualquer pessoa podia ver coisas.

Trisha agarrou numa das alças ligeiramente a desfiar da mochila e saiu de costas da cabine pela porta do condutor, levantando mais pó e tentando não o respirar. Quando se viu do lado de fora, afastou-se (ainda molhada, a superfície da cabine vermelha de ferrugem ficara da cor de ameixas) e começou a pôr a mochila nas costas. Depois estacou. O dia estava luminoso e quente, a chuva parara, havia um caminho a seguir... mas de súbito sentiu-se velha e cansada e sem forças. As pessoas podiam imaginar coisas quando acordavam de repente, especialmente se isso sucedia no meio de uma grande tempestade. Claro que podiam. Porém,

ela não estava a imaginar o que viu naquele momento.

Enquanto dormia, alguma coisa escavara um círculo através das folhas, das agulhas de pinheiro e da vegetação que rodeava a cabine abandonada. O círculo era bem visível à luz do dia, uma linha curva de terra negra molhada no meio do verde. Os arbustos e as pequenas árvores que estavam no caminho haviam sido arrancados pela raiz e atirados para o lado, depois de partidos. O Deus dos Perdidos aparecera e desenhara um círculo em volta dela como se dissesse: «Mantenham-se à distância; ela é minha.»

INÍCIO DO NONO «INNING»

Trisha caminhou todo o domingo sob o calor intenso. De manhã, a vegetação libertara vapor ao secar, mas no princípio da tarde já estava tudo seco. O calor era abrasador. Ainda estava contente por ter encontrado aquele caminho, mas agora desejava também pôr-se à sombra. Sentia-se de novo febril e completamente exausta. A coisa continuava a observá-la, seguindo-a por entre as árvores. Daquela vez essa sensação não a abandonou, porque a coisa também não a abandonou. Encontrava-se no meio das árvores à sua direita. Trisha julgou avistá-la algumas vezes, mas talvez fosse apenas o sol entre os ramos. Não queria vê-la; já vira o suficiente à luz dos relâmpagos na noite anterior. O pelo, as enormes orelhas inclinadas, o seu volume.

E os olhos. Aqueles olhos pretos, grandes e inumanos. Vidrados, mas atentos. Atentos a ela.

«Não se afastará até ter certeza de que não consigo sair daqui», pensou Trisha, cansada. «Não vai permitir que isso aconteça. Não vai me deixar fugir.»

Pouco depois do meio-dia Trisha viu que as poças no caminho começavam a secar e decidiu reforçar a sua reserva de água enquanto podia, filtrando-a com o boné para o capuz da capa e depois vertendo-a para as garrafas de plástico. A água continuava com um aspecto um

pouco turvo, mas isso já não a incomodava muito. Pensou que, se a água da floresta a pudesse matar, teria já morrido quando a bebera pela primeira vez e ficara com diarréia. O que a preocupava era a falta de comida. Quase acabou com os frutos e as bagas depois de encher as garrafas; no café da manhã do dia seguinte teria de raspar o fundo da mochila, como fizera para comer o que restara das batatas fritas. Talvez encontrasse mais comida à beira do caminho, mas não tinha muitas esperanças.

A trilha parecia não ter fim, por vezes tornando-se mais tênue e outras vezes mais nítido. Nalgumas zonas cresciam arbustos na zona elevada entre os sulcos. A princípio Trisha pensou que fossem amoreiras, eram parecidos com aqueles onde ela e a mãe tinham apanhado cestos de amoras na floresta de brincar junto a Sanford, mas só dali a um mês é que haveria amoras. Também viu cogumelos, mas não se atreveu a comê-los. Não eram a especialidade da mãe e Trisha também não os estudara na escola. Na escola tinham estudado frutos silvestres e aprendido a não aceitar carona de desconhecidos (porque alguns eram malucos), mas nada de cogumelos. E ignorá-los não era um sacrifício assim tão grande. Trisha tinha pouco apetite e a garganta muito inflamada.

Por volta das quatro da tarde tropeçou num tronco, caiu de lado, tentou levantar-se e percebeu que não era capaz. As pernas tremiam e pareciam ter perdido a força. Tentou tirar a mochila das costas e, depois de muito esforço, finalmente conseguiu-o. Comeu os frutos de faia, deixando apenas dois ou três, quase se engasgando com o último. Lá o engoliu a custo, esticando o pescoço como uma ave bebê. Empurrou-o com um gole de água quente e suja e rezou para não vomitar.

— Está na hora dos Red Sox — murmurou, tirando o *walkman* da mochila. Duvidava que conseguisse apanhar alguma coisa no rádio, mas não fazia mal tentar; na costa oeste devia ser cerca da uma da tarde e o jogo estaria prestes a começar.

Em FM não apanhou nada, nem sequer um sussurro de música. Em onda média ouviu um homem a falar muito depressa em francês (dava risinhos enquanto o fazia, o que se tornava irritante), e depois, perto dos 1600, na extremidade do rádio, um milagre: débil, mas audível, a voz de Joe Castiglione.

— Muito bem, Valentin afasta-se da segunda — disse. — Vai atirar... e Garciaparra manda-a bem alta para o centro! Voltou... desapareceu! Os Red Sox ganham por dois a zero.

— É assim mesmo, Nomar — disse Trisha com uma voz áspera e rouca, que nem parecia a sua, apontando para o céu com um gesto fraco. O'Leary bateu a bola para fora e o primeiro *inning* chegou ao fim.

— A quem telefona quando o seu pára-brisas se parte? — cantaram vozes de um mundo distante, um mundo onde haviam caminhos para todo o lado e os deuses nunca apareciam em cena.

— 1-800 — começou Trisha. — 54...

Interrompeu-se antes de conseguir terminar. À medida que ia ficando mais fraca, virava-se cada vez mais para a direita, tossindo de vez em quando. A tosse tinha um som cavernoso e cheio de expectoração. Durante o quinto *inning* algo se aproximou do caminho e olhou para ela. As moscas e os mosquitos formavam uma nuvem em torno do seu rosto rudimentar. No brilho enganador dos seus olhos não se lia nada. Ficou ali durante bastante tempo. Por fim apontou para ela com uma pata cheia de garras afiadas — «ela é minha» — e recuou de novo para o meio das árvores.

FIM DO NONO «INNING»

A certa altura, quase no fim do jogo, Trisha teve a sensação de que acordou. Jerry Trupiano anunciava — pelo menos parecia a voz de Troop a dizer que os Seattle Monsters tinham as bases ocupadas e que Gordon tentava vencer o jogo.

— Aquele homem no *plate* é um perigo — disse Troop —, e Gordon parece estar com medo pela primeira vez este ano. Onde está Deus quando precisamos dele, Joe?

— Em Danvizz — respondeu Joe Castiglione. Aquilo era com certeza um sonho, devia ter sido — um sonho que podia ou não ter à mistura um pouco de realidade. A única coisa de que Trisha teve a certeza foi que quando acordou o Sol já quase se pusera, ela tinha febre, a garganta doía-lhe de cada vez que engolia e o rádio estava ameaçadoramente silencioso.

— Adormeceu com ele ligado, sua estúpida — disse ela na sua nova voz rouca. — Sua grande idiota. — Olhou para o *walkman,* esperando ver a luzinha encarnada, esperando ter dessintonizado o rádio por acaso quando tombara para o lado direito (acordara com a cabeça encostada a um ombro e o pescoço muito dolorido), mas sabendo que tal não iria acontecer.

Tentou convencer-se de que as pilhas não teriam durado muito, de qualquer maneira, mas isso não a ajudou em nada e chorou mais um pouco. Entristecia-a saber que o rádio estava mudo, entristecia-a muito. Era como perder o último amigo. Com gestos lentos e custosos, Trisha enfiou o rádio na mochila, apertou as fivelas e pôs a mochila às costas. Estava quase vazia, mas parecia pesar uma tonelada. Como era isso possível?

«Pelo menos estou num caminho», recordou a si própria. «Estou num caminho.» Porém, naquele momento, com a luz de mais um dia a desaparecer do céu, nem isso pareceu ajudá-la. «Um caminho uma ova», pensou. Esse fato parecia troçar dela, começava a parecer uma oportunidade desperdiçada — como quando uma equipe estava apenas a um ou dois lançamentos de ganhar um jogo e a cobertura do estádio desabava. O estúpido caminho podia continuar durante mais cerca de duzentos quilômetros e no fim não haver nada; apenas outro maciço de arbustos ou outro maldito pântano.

Mesmo assim, Trisha recomeçou a andar, devagar e a custo, de cabeça baixa e ombros tão curvados que as alças estavam sempre a escorregar como as alças de uma blusa demasiado grande. Só que com as alças de uma blusa era apenas necessário puxá-las para cima. Com as da mochila, era necessário pegar-lhes e depois levantá-las.

Cerca de meia hora antes de escurecer, uma das alças escorregou completamente e a mochila ficou de lado. Trisha ainda pensou em deixar a maldita coisa cair e continuar sem ela. Podia tê-lo feito se lá dentro houvesse apenas um último punhado de bagas. Mas havia a água e esta, embora estivesse suja, acalmava-lhe a garganta. Em vez disso, Trisha decidiu parar.

Ajoelhou-se no meio do caminho, tirou a mochila das costas com um suspiro de alívio e deitou a cabeça nela. Olhou para a floresta à sua direita.

— Mantenha-se bem longe — disse com quanta clareza foi capaz. — Mantenha-se bem longe, senão marco o 1-800 e peço socorro. Entendeu?

Alguma coisa ouviu o que ela disse. Podia ter entendido ou não e não respondeu, mas estava ali. Trisha pressentia-o. Continuaria à espera que ela amadurecesse? Alimentar-se-ia do seu medo antes de decidir devorá-la? Se assim era, o jogo estava quase no fim. Trisha estava prestes a deixar de sentir medo. Pensou de novo em gritar-lhe, em dizer-lhe que não falara a sério, que podia vir buscá-la, se quisesse. Mas não o fez. Teve medo que a tomasse a sério.

Bebeu um pouco de água e olhou para o céu. Lembrou-se de o *Paspalho,* Mr. Bork, dizer que o Deus de Tom Gordon estava pouco ligando para ela, que tinha outras coisas com que se preocupar. Trisha duvidava que as coisas fossem bem assim... porém, Ele não estava ali, disso tinha quase a certeza. Talvez não se preocupasse por não poder. O *Paspalho* dissera também: «Tenho de admitir que ele adora esporte. Mas não adora os Red Sox.»

Trisha tirou o boné dos Red Sox — muito velho, manchado de suor e cheio de nódoas da floresta — e passou um dedo pela pala curva. Era a melhor coisa que possuía. O pai conseguira que Tom Gordon o autografasse, enviara-o para Fenway com uma carta que explicava que Tom era o jogador preferido da filha, e Tom (ou o seu representante oficial) devolvera-o no envelope selado e endereçado que o pai também enviara, com um autógrafo na aba. Trisha pensou que o boné continuava a ser a melhor coisa que possuía. Sem contar com um pouco de água suja, um punhado de bagas secas e insípidas e as suas roupas, era praticamente a única coisa. E agora o autógrafo desaparecera, era apenas um borrão preto por causa da chuva e das suas mãos transpiradas. Mas estivera ali, e ainda ali estava — pelo menos por enquanto.

Trisha passou a noite a acordar, a tremer de frio, a adormecer e a acordar de novo, certa de que a coisa estava ali consigo, de que a viera finalmente buscar. Tom Gordon falou com ela; e o pai também, uma vez. Estava atrás dela, a perguntar-lhe se queria bolinhos de amêndoa, porém, quando se virou não viu ninguém. No céu surgiram mais meteoros, mas Trisha não sabia se os viu mesmo ou se estava apenas a sonhar. Pegou no rádio, esperando em

vão que as pilhas tivessem recarregado um pouco — às vezes isso acontecia depois de algum tempo de repouso —, mas deixou-o cair na relva antes de o poder verificar e não o conseguiu encontrar, por muito que tateasse. Os seus dedos acabaram por voltar para junto da mochila e apalpar as alças, que continuavam fechadas. Trisha percebeu que não tinha chegado a tirar o rádio lá de dentro, porque não seria capaz de apertar as fivelas no escuro. Teve um acesso de tosse que lhe fez doer o peito. A certa altura, levantou-se para fazer xixi, e o líquido que saiu estava tão quente que parecia que a queimava e a fez morder os lábios.

A noite passou como passam as noites de doença; o tempo perdeu os seus contornos. Quando finalmente as aves começaram a chilrear e Trisha viu a luz surgir por entre as árvores, mal conseguiu acreditar. Também mal conseguia acreditar que estava viva, mas parecia que sim.

Não se levantou até haver claridade suficiente para ver a eterna nuvem de insetos em volta da sua cabeça. Depois ergueu-se devagar e ficou à espera de ver se as pernas aguentariam o seu peso ou se cederiam, atirando-a ao chão.

«Se cederem, terei de rastejar», pensou, mas não foi preciso, pelo menos por enquanto; as pernas aguentaram. Trisha dobrou-se e passou uma das mãos por baixo das alças da mochila. Quando se endireitou, sentiu-se muito tonta e um esquadrão de borboletas de asas pretas tapou-lhe a visão. Por fim lá desapareceram e ela conseguiu pôr a mochila nas costas.

Depois surgiu outro problema: para que lado é que deveria seguir? Já não sabia ao certo e o caminho parecia idêntico de ambos os lados. Afastou-se do tronco, observando-o com uma expressão de dúvida. Pisou qualquer coisa. Era o *walkman,* envolto no fio e coberto de orvalho. Afinal parecia que realmente o tinha tirado da mochila. Dobrou-se, apanhou-o e observou-o, perplexa. Deveria tirar a mochila das costas, abri-la e meter o *walkman* lá dentro? Isso parecia-lhe muito trabalhoso, tanto quanto deslocar uma montanha. Por outro lado, jogá-lo fora era uma estupidez, tal como admitir que desistira.

Trisha ficou onde estava durante três minutos, ou mais, fitando o *walkman* com olhos brilhantes de febre. Jogá-lo fora ou guardá-lo? Jogá-lo fora ou guardá-lo? «A decisão é sua, Patrícia, quer ficar com os tachos de cozimento a vapor ou tentar o carro, o *vison* e a viagem ao Rio de Janeiro?» Pensou que, se fosse o *Mac Powerbook* do irmão, estaria naquele momento a dar mensagens de erro. Desatou a rir.

Depois o riso deu lugar à tosse. Foi o pior acesso que a acometera até aí, e teve de se dobrar ao meio. Pouco depois latia como um cão, com as mãos um pouco acima dos joelhos e o cabelo a balançar como uma cortina imunda. Conseguiu manter-se de pé, recusando-se a ceder e a cair, e quando o acesso de tosse começou a diminuir, Trisha lembrou-se que podia prender o *walkman* ao cós das calças. Era para isso que existia aquele gancho na parte de trás, não era? Claro que sim. Que idiota ela era!

Abriu a boca para dizer «elementar, meu caro Watson» — às vezes ela e Pepsi diziam isso uma à outra — e, quando o fez, uma coisa molhada e quente pingou-lhe do lábio inferior. Limpou-a com a mão e viu que era sangue. Fitou-o, estupefata.

«Devo ter mordido qualquer coisa quando estava a tossir», pensou, mas percebeu logo o que acontecera. O sangue viera da garganta. A idéia assustou-a e o medo fê-la concentrar-se. Conseguiu de novo pensar. Pigarreou (devagar; se o fizesse com força doía-lhe) e cuspiu. Vermelho. Bolas! Contudo, nada podia fazer naquele momento, e pelo menos estava suficientemente lúcida para perceber por que direção devia seguir. O Sol pusera-se à sua direita. Trisha virou-se até o Sol nascente ficar à sua esquerda e percebeu de imediato que estava voltada na direção certa. Não sabia como é que podia ter feito confusão com uma coisa tão simples.

Devagar, com cuidado, como uma pessoa a andar num chão de mosaicos molhados, Trisha recomeçou a andar. «E agora», pensou. «Hoje é a minha última oportunidade, talvez a manhã seja a minha última oportunidade. A tarde posso já estar fraca demais ou doente demais para andar, e se for capaz de me pôr de pé depois de outra noite passada ao relento é um

verdadeiro milagre.»

«Verdadeiro milagre.» Seria uma expressão do pai ou da mãe?

— Que é que isso interessa? — grasnou Trisha. — Se conseguir sair daqui, irei também inventar umas expressões e uns ditados.

Cento e cinquenta metros a norte do local onde passara aquela interminável noite de domingo, percebeu que ainda tinha o *walkman* na mão direita. Parou e procedeu à tarefa morosa e difícil de prendê-lo ao cós da calça. Esta estava muito larga e os ossos do quadril eram bem visíveis. «Se perder mais uns quilinhos, poderei desfilar a última moda em Paris», pensou. Estava a perguntar-se o que deveria fazer com o fio dos fones quando o crepitar de explosões distantes ecoou no ar da manhã — parecia gasosa a ser chupada por uma palhinha gigante.

Trisha soltou um grito, e não foi a única a assustar-se; um bando de corvos crocitou e um faisão levantou vôo, indignado.

Trisha parou, de olhos muito abertos, os fones pendurados no fim do fio junto ao tornozelo esquerdo, magro e sujo. Conhecia aquele som: era o som de um escape, ou de estalinhos de uma criança. Devia estar perto de uma estrada. Uma estrada, não um caminho.

Queria correr, mas sabia que não o devia fazer, pois gastaria as suas energias num ápice. E isso seria terrível. Desmaiar e talvez morrer de cansaço perto de uma estrada seria como desperdiçar a última jogada contra a equipe adversária no derradeiro minuto. Essas

abominações aconteciam, mas Trisha não ia permitir que acontecessem consigo.

Em vez disso, começou a andar, obrigando-se a avançar devagar, tentando ouvir outro escape, ou um motor ao longe, ou uma buzina. Não ouviu nada, nada, e após uma hora de caminhada começou a achar que tudo fora fruto da sua imaginação. Aquilo não lhe parecera uma alucinação, mas...

Chegou a uma pequena elevação e olhou para baixo. Tossiu de novo e da sua boca saiu mais sangue, de um tom vivo, porém Trisha não reparou — nem sequer levantou a mão. Lá em baixo o caminho por onde ela seguia terminava, desembocando numa estrada de terra.

Trisha desceu e parou na estrada. Não viu marcas de pneus — era terra dura —, mas ali havia verdadeiros sulcos, sem erva no meio. A estrada virava em ângulo reto dos dois lados, sensivelmente para este e para oeste. E aqui, finalmente, tomou a decisão acertada. Primeiro não virou para oeste, simplesmente porque a cabeça lhe começara de novo a doer e não queria caminhar virada para o sol... mas, por fim, acabou mesmo por virar para oeste. A seis quilômetros de onde se encontrava, a Estrada 96 de New Hampshire, uma via estreita de alcatrão, seguia no meio da floresta. Era uma estrada utilizada por alguns carros e muitas camionetas; fora o escape velho de uma destas que Trisha ouvira quando o condutor metera a mudança para descer Kemongus Hill. O som percorrera mais de catorze quilômetros no ar calmo da manhã.

Trisha recomeçou a andar com redobrada energia. Tinham passado cerca de quarenta e cinco minutos quando ouviu qualquer coisa, distante mas inconfundível.

«Não seja estúpida, chegou a um lugar onde tudo é confundível.» Talvez, mas...

Inclinou a cabeça como o cão dos velhos discos da avó McFarland, aqueles que ela tinha guardados no sótão. Susteve a respiração. Ouviu o sangue a latejar nas têmporas, o silvar da respiração na garganta inflamada, o piar das aves, a brisa. Ouviu o zumbido dos mosquitos junto às suas orelhas... e outro zumbido. O de pneus no asfalto. Muito ao longe, mas perceptível.

Trisha começou a chorar.

— Por favor, não permita que eu esteja a imaginar isto tudo — implorou numa voz rouca, que pouco mais era que um murmúrio. — Meu Deus, por favor, não permita que eu esteja a imaginar is...

Atrás dela ouviu-se o som de folhas a mexer; desta vez não era a brisa. E mesmo que tivesse sido capaz de se convencer (durante uns meros segundos) de que era, o que dizer do som de ramos a partir-se? E depois o estalido de alguma coisa a cair — provavelmente uma árvore pequena que estava no caminho. No caminho Dele. Deixara-a chegar tão perto da salvação, permitira que Trisha conseguisse ouvir os sons vindos da trilha que perdera de forma tão descuidada... Observara o seu avanço penoso, talvez divertido, talvez com uma compaixão divina demasiado terrível para ser imaginada. Agora deixara de observar, deixara de esperar.

Lentamente, com medo e com uma espécie de inevitabilidade calma, Trisha virou-se para enfrentar o Deus dos Perdidos.

SALVA-SE O RESULTADO

Ele saiu das árvores do lado esquerdo da estrada e o primeiro pensamento de Trisha foi: «É só isto? Não passava disto?» Um homem adulto teria desatado a correr ao ver o *Ursus americanus* que apareceu entre as árvores — era um urso preto adulto, pesando talvez cento e oitenta quilos —, porém, Trisha estava preparada para algo bem mais terrível e medonho.

No seu pelo brilhante viam-se folhas, e numa das patas — sim, era uma pata com garras — um ramo já sem a maior parte da casca. Segurava-o como uma espécie de cetro ou bastão de madeira. O urso foi até no meio da estrada, parecendo um pouco trôpego. Ficou um momento sobre as quatro patas e depois, com um grunhido, elevou-se sobre as patas traseiras. Foi então que Trisha viu que não era nada um urso preto. Tivera razão. Parecia-se ligeiramente com um urso, mas era, na verdade, o Deus dos Perdidos, e viera buscá-la.

Observou-a com olhos pretos que não eram olhos, mas sim órbitas. O focinho castanho inspirou o ar e depois a pata levou o ramo à boca. O focinho enrugou-se, revelando enormes dentes manchados de verde. Chupou a ponta do ramo, e Trisha achou-o parecido com uma criança a comer um chupa-chupa. Depois, abriu a bocarra e os dentes partiram o ramo ao meio. A floresta ficara silenciosa e Trisha ouviu claramente o barulho que os dentes da coisa faziam, semelhante ao de osso a partir. Era o barulho que o seu braço faria se a coisa o mordesse. Quando o mordesse.

Esticou o pescoço, espetando as orelhas, e Trisha reparou que ele também tinha a sua própria pequena galáxia escura de mosquitos. A sua sombra, comprida à luz da manhã, chegava quase aos tênis de Trisha. Estavam a cerca de vinte metros um do outro. Ele viera buscá-la.

«Foge», pareceu dizer o Deus dos Perdidos. «Foge de mim em direção à estrada. Este corpo de urso é lento, neste Verão ainda comeu pouco; tem encontrado pouco alimento. Foge. Talvez te deixe viver.»

«Sim, foge!», pensou ela, e logo a seguir ouviu a voz fria da menina corajosa: «Não pode correr. Mal se aguenta de pé, querida...»

A coisa que não era um urso ficou a olhar para ela, agitando as orelhas por causa dos insetos, que esvoaçavam em torno da sua enorme cabeça triangular coberta de pelo reluzente. Segurava na pata o coto do tronco. As suas mandíbulas moviam-se com um ruminar vagaroso e por entre os dentes pendiam pedacinhos de madeira. Alguns ficaram presos ao pelo, outros caíram ao chão. Os seus olhos eram órbitas cobertas de vida minúscula — minhocas e moscas bebê, larvas de mosquitos e sabia Deus que mais, uma sopa viva que fez Trisha recordar-se do pântano que atravessara.

«Matei o veado, observei-te e apertei o cerco à sua volta. Foge de mim. Adore-me, e talvez te deixe viver.»

A floresta estava mergulhada em silêncio, libertando o cheiro acre da vegetação. A respiração de Trisha entrava e saía devagar pela sua garganta inflamada. A coisa que parecia um urso mirou-a lá de cima dos seus dois metros de altura. A sua cabeça encontrava-se no céu e as suas patas seguravam a terra. Trisha observou-o e compreendeu o que tinha a fazer.

Tinha de aproximar-se.

«Faz parte da natureza de Deus aparecer no fim do nono *inning»,* dissera Tom. E qual era o segredo do fim de um jogo? Deixar claro quem era melhor. Podíamos ser vencidos... mas não por nós próprios.

Contudo, a princípio era necessário encontrar a tal calma. Aquela que vinha dos ombros e se espalhava pelo corpo, envolvendo-nos como um casulo. Podíamos ser vencidos, mas não por nós próprios. Não podíamos fazer um bom lançamento nem fugir.

— Água gelada — disse ela, e a coisa no meio da estrada de terra inclinou a cabeça, tal como um enorme cão. As suas orelhas inclinaram-se para a frente. Trisha levantou a mão, virou o boné na direção correta, baixando a aba sobre os olhos. Tal como Tom Gordon. Virou o corpo de modo a ficar de frente para o lado direito da estrada e deu um passo, afastando as pernas, a esquerda a apontar para a coisa-urso. O seu rosto manteve-se virado para o animal; fixou o olhar nas órbitas, vendo através da nuvem dançante de insetos.

«Tudo se resume a isto», dissera Joe Castiglione. «Apertem os cintos de segurança.»

— Ande, se é que quer vir — desafiou Trisha. Desprendeu o *walkman* do cós das calças, soltou o fio com um puxão e os fones caíram no chão. Pôs a mão que segurava o *walkman* atrás das costas e começou a virar o aparelho, à procura da posição mais cômoda para o agarrar.

— Tenho água gelada nas veias e espero que fique congelado com a primeira dentada. Ande, patife! Avance!

A coisa-urso largou o ramo e baixou-se sobre as quatro patas. Raspou na superfície de terra dura da estrada como um touro inquieto, levantando pedaços de terra com as garras, e avançou para Trisha com uma velocidade surpreendente. Tinha as orelhas encostadas ao crânio. O focinho estava enrugado e de dentro da sua boca Trisha ouviu um som que reconheceu de imediato: não eram abelhas, mas sim vespas. Por fora tomara a forma de um urso, mas o seu interior era mais verdadeiro; o seu interior estava cheio de vespas. Claro que estava. O vulto da túnica preta junto ao riacho não havia sido o seu profeta?

«Foge!», disse ele quando se aproximou, com os quartos traseiros a bambolearem. Era estranhamente gracioso, e deixava atrás de si pegadas e fezes. «Foge, é a sua última oportunidade!»

Mas a última oportunidade de Trisha era a calma. A calma e talvez uma boa bola curva.

Trisha juntou as mãos, preparando-se. O *walkman* já não parecia um *walkman;* parecia uma bola de baseball. Os fãs dos Red Sox não estavam ali a pôr-se de pé na Catedral do Baseball de Boston; não batiam palmas; não havia juízes. Só ela, a calma verde, o sol quente da manhã e uma coisa que parecia um urso por fora e que estava cheia de vespas por dentro. Só a calma, e naquele momento Trisha compreendeu o que Tom Gordon sentia, preparando-se para lançar a bola no silêncio do centro do ciclone, onde a pressão é zero, não se ouve nada e tudo se resume a isto: apertem os cintos de segurança.

Trisha colocou-se em posição e deixou que a calma rodopiasse à sua volta. Sim, ela

vinha dos ombros. Aquilo que a comesse; aquilo que a vencesse. Podia fazer ambas as coisas. Porém, Trisha não queria se autoderrotar.

«E não vou fugir», pensou.

Parou à frente dela e esticou o pescoço de modo que o seu focinho se aproximasse do rosto dela, como se a fosse beijar. Não tinha olhos, só dois círculos escuros, universos cavernosos cheios de insetos. Estes retorciam-se e competiam uns com os outros por uma boa posição nos túneis que conduziam ao inimaginável cérebro do deus. A sua boca abriu-se e ela viu que a coisa tinha a garganta coberta de vespas, fábricas de veneno que andavam sobre restos do ramo mastigado e sobre a tripa cor-de-rosa de veado que lhe servia de língua. O seu hálito era idêntico ao fedor lamacento do pântano.

Trisha viu aquelas coisas, fixou-as e depois olhou mais para lá. Veritek fez sinal. Em breve ela iria lançar a bola, mas, por enquanto, mantinha-se imóvel. Imóvel. O batedor que esperasse, antecipasse, perdesse o embalo; ele que se interrogasse, que começasse a achar que errara a tentar adivinhar a curva que a bola iria descrever.

A criatura-urso cheirou delicadamente o ar em torno do rosto de Trisha. Alguns insetos entravam e saíam das suas narinas. Os mosquitos voavam entre os dois rostos, um peludo, outro não, e refletiam-se na superfície úmida dos globos oculares de Trisha. O rosto rudimentar da coisa estava sempre a alterar-se, sempre a alterar-se — era o rosto de professores e de amigos; era o rosto de pais e de irmãos; era o rosto do homem que podia aparecer a oferecer carona quando se regressava a casa depois das aulas. Desconhecido-perigo, tinham-lhes ensinado na primeira classe; desconhecido-perigo. Fedia a morte e a doença e a tudo o que era estranho; «o zumbido dos seus gestos envenenados era», pensou Trisha, «o *verdadeiro* Subaudível».

Voltou a erguer-se nas patas traseiras, balançando um pouco, como se só fosse capaz de ouvir a música animal, e depois tentou arranhá-la com a pata... mas estava a brincar, ainda só a brincar, e a pata ficou a alguns centímetros do rosto de Trisha. A deslocação do ar provocada pelas garras sujas de terra levantou-lhe o cabelo da testa. O cabelo voltou a pousar como algodão, mas Trisha não se mexeu. Manteve-se firme, olhando para a barriga do urso, e viu um pedaço de pêlo azul-esbranquiçado com o formato de um raio.

«Olha para mim!»

«Não!»

«Olha para mim!»

Parecia que mãos invisíveis lhe agarravam o queixo. Devagar, contra vontade mas incapaz de resistir, Trisha levantou a cabeça. Olhou para cima. Olhou para os olhos vazios do urso e percebeu que ele queria matá-la. Não bastava ter coragem. E depois? Que importância tinha dispor apenas de um pouco de coragem? Era tempo de acabar com tudo.

Sem pensar, Trisha encostou o pé esquerdo ao direito e preparou-se para lançar — não como o pai lhe tinha ensinado no jardim dos fundos, mas como ela aprendera na televisão a ver Tom Gordon. Quando deu um passo para a frente e levou a mão direita à orelha direita e depois mais atrás — bastante mais atrás, porque o lançamento tinha de ser feito com bastante força; ia ser daqueles que levava tudo à frente —, a coisa-urso recuou um passo, quase perdendo o equilíbrio. Seria que as coisas rastejantes que lhe permitiam ver se tinham percebido que a bola de baseball na mão dela era uma arma? Ou teria sido o movimento ameaçador, agressivo — a mão levantada, o passo em frente, numa altura em que ela devia ter recuado e desatado a correr? Não interessava. A coisa grunhiu, parecendo perplexa. Uma pequena nuvem de vespas saiu da sua boca como vapor vivo. Agitou uma pata dianteira

peluda, tentando não cair. E, enquanto tentava manter-se de pé, ouviu-se um tiro.

O homem que se encontrava na floresta nessa manhã, o primeiro ser humano a ver Trisha McFarland em nove dias, ficou abalado demais para mentir à polícia quanto ao motivo que o levara ali com uma espingarda de grande calibre: andava à procura de um veado, no defeso. Chamava-se Travis Herrick e não gostava de gastar dinheiro em comida quando era desnecessário.

Havia coisas mais importantes onde o gastar — apostas e cerveja, por exemplo. Fosse como fosse, não chegou a ser julgado, nem sequer multado, e não matou a criatura que viu parada ao pé da menina, que o enfrentava imóvel e cheia de coragem.

— Se ela tivesse se mexido quando o animal se aproximou, ele a teria matado — disse Herrick. — Mas é um milagre não a ter desfeito. Ela deve tê-lo imobilizado com o olhar, como faz o Tarzan naqueles filmes antigos. Subi a elevação e os vi, e devo ter ficado a olhar para eles durante uns vinte segundos. Talvez até foi durante um minuto, numa situação daquelas perdemos a noção do tempo, porém, não fui capaz de disparar. Eles estavam muito próximos. Tive medo de atingir a menina. Depois ela mexeu-se. Tinha qualquer coisa na mão e preparava-se para atirá-la, como se estivesse a lançar uma bola de baseball. O gesto dela assustou-o. Ele recuou e desequilibrou-se. Percebi que era a única oportunidade que a menina tinha, por isso levantei a arma e disparei.

Nem julgamento, nem multa. A única coisa que Travis Herrick viu foi o seu próprio carro alegórico no desfile do 4 de Julho de Grafton Notch, em 1998. Nossa!...

Trisha ouviu o tiro, percebeu de imediato do que se tratava, e viu uma das orelhas da coisa rasgar-se na ponta como um pedaço de papel. Durante um momento pôde vislumbrar o céu azul no meio da orelha; também viu pequenas gotas vermelhas, do tamanho de gaultérias, voarem em arco. No mesmo instante percebeu que o urso voltara a ser apenas um urso, com os enormes olhos vidrados e surpresos. Talvez nunca deixara de ser um urso... Porém, ela sabia que isso não era verdade.

Continuou o movimento e atirou a bola de baseball. Esta acertou mesmo entre os olhos do urso e — uau!, ei!, que grande alucinação — Trisha viu duas pilhas *Energizer* cair no chão.

— Terceiro lançamento! — gritou ela, e ao ouvir o som áspero e triunfante da sua voz, o urso ferido virou-se e fugiu sobre as quatro patas, ganhando velocidade rapidamente, pingando sangue da orelha ferida quando desatou a correr. Ouviu-se outro tiro e Trisha sentiu a deslocação do ar provocada pela bala a passar a menos de trinta centímetros à sua direita. Levantou uma nuvem de pó bastante longe do urso, que virou à esquerda e se embrenhou na floresta. Trisha ainda viu o brilho do seu pêlo preto, depois algumas árvores pequenas a abanar, como se estivessem cheias de medo à passagem do urso, que logo a seguir desapareceu.

Virou-se, cambaleante, e viu um pequeno homem de calças e botas de borracha verdes e uma velha *camiseta* larga a correr na sua direção. Em cima da cabeça não tinha cabelo; este só crescia de lado e chegava-lhe aos ombros; os seus óculos sem aros brilhavam ao sol. Segurava a espingarda bem acima da cabeça, como um índio a cavalo num filme do Oeste. Não ficou admirada ao ver o emblema dos Red Sox na *camiseta* do homem. Parecia que todos os homens da Nova Inglaterra tinham pelo menos uma *camiseta* dos Red Sox.

— Então, menina! — gritou ele. — Então, menina, bolas, tudo bem? Deus do céu, aquilo era um urso, está tudo bem?

Trisha cambaleou na direção dele.

— Terceiro lançamento — disse, embora as palavras mal passassem de um murmúrio. Gastara as últimas energias no grito. Restava-lhe apenas um sussurro. — Terceiro lançamento, atirei-lhe uma bola curva e ele ficou paralisado.

— O quê? — O homem parou junto dela. — Não entendi, querida, repita isso.

— Viu? — perguntou Trisha, referindo-se ao seu lançamento, aquela incrível bola curva que levara tudo à frente. — Viu?

— Vi... — Mas, na verdade, ele não sabia bem o que tinha visto. Durante os segundos em que a menina e o urso tinham se entreolhado não tivera certeza absoluta de que aquilo fosse um urso, contudo, nunca contou nada a ninguém. As pessoas sabiam que ele bebia; iriam

achar que enlouquecera. E naquele momento viu apenas uma menina delirante que parecia um pau de virar tripas coberto de roupa suja e rasgada. Não se lembrava do nome dela, mas sabia quem era; ouvira no rádio e vira na televisão. Não fazia idéia como é que se pudera afastar tanto para norte e oeste, mas sabia perfeitamente quem ela era.

Trisha tropeçou nos próprios pés e teria caído se Herrick não a agarrasse. Quando isso aconteceu, a espingarda — uma *Krag* de calibre trezentos e cinquenta, o seu orgulho — disparou de novo junto do ouvido dela, deixando-a quase surda. Trisha mal reparou. Tudo aquilo parecia, de certa forma, normal.

— Viu? — perguntou ela de novo, incapaz de ouvir a própria voz e sem ter a certeza absoluta de que dissera alguma coisa. O homenzinho parecia espantado, assustado e pouco inteligente, contudo, Trisha achou que tinha um ar bondoso. — Acertei-lhe com a bola curva, imobilizei-o, viu?

Os lábios dele moviam-se, mas ela não percebeu o que dizia. No entanto, o homem pousou a espingarda no chão, o que foi um alívio. Pegou Trisha no colo e virou-se tão depressa que ela ficou tonta; provavelmente teria vomitado, se ainda tivesse alguma coisa no estômago. Começou a tossir. Não ouviu nada, devido ao zumbido que ecoava nas suas orelhas, mas sentiu a dor no peito.

Queria dizer-lhe que estava contente por ir no colo, por ter sido salva, mas também que a coisa-urso já começara a recuar ainda antes de ele ter disparado. Trisha vira a perplexidade no seu focinho, vira o seu medo quando ela se mexera. Queria dizer uma coisa àquele homem que corria consigo no colo, uma coisa muito importante, mas ele sacudia-a, ela tossia, a cabeça doía-lhe e não foi capaz de perceber se estava a dizer alguma coisa ou não.

Trisha ainda tentava murmurar «consegui o lançamento» quando desmaiou.

FIM DO JOGO

Encontrava-se de novo na floresta e chegou a uma clareira conhecida. No meio dela, junto ao tronco que não era um tronco, mas sim um poste com uma cavilha e uma argola ferrugentas espetadas, encontrava-se Tom Gordon.

«Já tive este sonho», pensou ela, mas quando se aproximou notou que havia uma alteração: em vez do equipamento cinzento com que jogavam no campo dos adversários, Tom vestia o branco, com que jogava no próprio campo, que tinha o número trinta e seis nas costas, em seda vermelha. Então a viagem tinha terminado! Os Sox estavam de novo em Fenway, em casa, e a viagem terminara. Só que ela e Tom estavam ali; tinham regressado à clareira.

— Tom? — disse ela com timidez.

Ele fitou-a de cenho levantado. A cavilha com a argola girava de um lado para o outro entre os seus dedos habilidosos. De um lado para o outro...

— Fechei o jogo.

— Eu sei, querida — respondeu ele. — fez um bom trabalho.

De um lado para o outro, de um lado para o outro... «A quem telefona quando a sua cavilha se parte?»

— Quanto daquilo foi verdade?

— Tudo — respondeu Tom, como se isso não importasse. E depois repetiu: — Fez um bom trabalho.

— Fui muito estúpida ao sair da trilha, não fui?

Ele olhou-a ligeiramente surpreendido e com a mão que não estava a girar a cavilha levantou o boné. Sorriu, e ao fazê-lo pareceu mais novo.

— Que trilha? — inquiriu.

— Trisha? — Era a voz de uma mulher e vinha de trás dela. Parecia a voz da mãe, mas o que estaria a mãe a fazer ali na floresta?

— Ela não deve conseguir ouvi-la — disse outra mulher. Trisha não conhecia esta voz.

Virou-se. A floresta estava a escurecer, as silhuetas das árvores fundiam-se, tornando-se irreais, semelhantes a um cenário. Algumas sombras moviam-se e ela sentiu medo. «O sacerdote-vespa», pensou. «Foi o sacerdote-vespa que voltou.»

Depois percebeu que estava sonhando e o medo passou. Virou-se para Tom, mas ele já ali não estava, só o poste lascado com a cavilha... e o blusão na relva. Tinha GORDON escrito atrás.

Viu-o no lado mais afastado da clareira, um vulto branco parecido com um fantasma.

— Trisha, qual é a natureza de Deus? — perguntou ele.

«Intervir no fim do nono *inning»,* quis ela responder, mas da sua garganta não saiu qualquer som.

— Olhem — disse a mãe. — Os lábios dela estão a mexer-se!

— Trisha? — Era Pete, e parecia ansioso e cheio de esperança. — Trisha, está acordada?

Ela abriu os olhos e a floresta desapareceu numa escuridão que nunca haveria de a abandonar: «Que trilha?» Encontrava-se num quarto de hospital. Tinha uma coisa enfiada no nariz e outra — um tubo — na mão. Sentia o peito muito pesado, muito cheio. Ao lado da cama estavam o pai, a mãe, o irmão. Atrás, muito grande e vestida de branco, a enfermeira que dissera: «Ela não deve conseguir ouvi-la.»

— Trisha— sussurrou a mãe. Estava a chorar. Trisha viu que Pete também chorava. — Trisha, querida. Oh!, querida! — Pegou na mão dela, a que não tinha o tubo enfiado.

Trisha tentou sorrir, mas não foi capaz de mexer a boca, nem sequer os cantos. Mexeu os olhos e viu o seu boné dos Red Sox no assento da cadeira, junto à cama. Na aba encontrava-se uma mancha preto-acinzentada. Outrora tinha sido o autógrafo de Tom Gordon.

Trisha tentou dizer «pai», porém, só foi capaz de tossir. Tossiu apenas um pouco, mas a dor foi tão forte que a obrigou a fazer uma careta de dor.

— Não tente falar, Patrícia — disse a enfermeira, e Trisha percebeu pelo seu tom e pela sua postura que queria a família dali para fora; logo os obrigaria a sair. — Está muito doente. Tem pneumonia, nos dois pulmões.

A mãe pareceu não ouvir nada daquilo. Estava sentada ao lado da cama, a fazer carinho no braço de Trisha. Não soluçava, mas as lágrimas caíam-lhe pelo rosto. Pete encontrava-se ao seu lado, a chorar de forma semelhante. Trisha ficou sensibilizada com as lágrimas dele, mais do que com as da mãe, embora achasse que Pete continuava a parecer um paspalhão. Ao seu lado, junto da cadeira, estava o pai.

Desta vez Trisha não tentou falar, olhou apenas para o pai e os seus lábios formaram de novo a palavra, com cuidado: «Pai!»

Ele percebeu e inclinou-se para a frente.

— O quê, querida? O que foi?

— Acho que já chega — interveio a enfermeira. — A pulsação dela está muito alta, e não precisamos disso... ela já teve a excitação toda de que precisa. Se não se importam de me ajudar... de a ajudar...

A mãe levantou-se.

— Gostamos muito de você, Trisha. Graças a Deus está em segurança. Vamos ficar lá fora, mas você tem de dormir. Larry, vamos...

Ele ignorou Quilla. Continuou inclinado sobre Trisha, com os dedos no lençol.

— O que foi, Trisha? O que quer?

Ela desviou o olhar para a cadeira, para o rosto dele e novamente para a cadeira. O pai fez uma expressão intrigada — Trisha tinha certeza de que ele não iria entender, mas depois fez-se luz no seu cérebro. Sorriu, virou-se, pegou no boné e tentou colocá-lo na cabeça da filha.

Ela levantou a mão que a mãe tinha acariciado — pesava uma tonelada, mas conseguiu levantá-la. Depois abriu os dedos. Fechou-os. Abriu-os.

— *Okay,* querida. *Okay.*

Ele pôs-lhe o boné na mão e, quando ela fechou os dedos sobre a aba, o pai beijou-os. Trisha começou a chorar tão silenciosamente como a mãe e o irmão.

— Pronto — disse a enfermeira. — Já chega. Têm mesmo de...

Trisha olhou para a enfermeira e abanou a cabeça.

— O que foi? — perguntou a mulher. — O que foi agora? Por amor de Deus!

Trisha transferiu o boné para a mão que tinha o tubo do soro. Olhou para o pai enquanto o fazia, para se certificar de que ele estava vendo. Sentia-se cansada. Dali a pouco iria dormir. Mas ainda não. Não até dizer o que tinha para dizer.

Ele observava-a atentamente. Ótimo.

Trisha levantou a mão direita e passou-a por cima do corpo, sem tirar os olhos do pai, porque ele era o único capaz de compreendê-la; assim poderia traduzir.

Trisha bateu na aba do boné, depois apontou para o teto com o indicador direito.

O sorriso que iluminou o rosto do pai foi a coisa mais doce e mais verdadeira que Trisha já vira. Se havia um caminho, ele estava ali. Trisha fechou os olhos ao ver que ele tinha compreendido e adormeceu.

Fim do jogo.

POSFÁCIO DO AUTOR

Em primeiro lugar, tomei algumas liberdades com o calendário de jogos dos Red Sox em 1998... mas poucas, garanto.

Existe mesmo um Tom Gordon, um lançador que entra sempre no fim dos jogos dos Boston Red Sox, mas o Gordon desta história é ficção. As impressões que os fãs têm das pessoas que atingem um determinado grau de fama são sempre ficção, tal como posso atestar pela minha própria experiência. Num determinado aspecto, o verdadeiro Tom Gordon e a versão que Trisha tem dele são idênticos: ambos apontam para o céu quando marcam um ponto.

Em 1998, Tom «Flash» Gordon marcou quarenta e quatro pontos na American League. Quarenta e três foram consecutivos, estabelecendo um novo recorde na Liga. Contudo, a época terminou de forma inesperada; como diz o *Paspalho,* Deus adora esporte, mas não adora os Red Sox. No jogo contra os Indians, Gordon perdeu três lançamentos e duas corridas. Os Red Sox foram derrotados por dois a um. Foi o primeiro ponto perdido por Gordon em cinco meses, e pôs fim à época de 1998 dos Sox. Contudo, isso não diminuiu os extraordinários feitos do jogador; sem aqueles quarenta e quatro pontos, os Red Sox teriam provavelmente terminado em quarto lugar, em vez de vencerem noventa e um jogos e conseguirem o segundo melhor recorde da American League em 1998. Há um ditado com o qual a maior parte dos *closers* como Tom Gordon devem concordar: «Às vezes comemos o urso... outras vezes é o urso que nos come.»

As coisas que Trisha comeu para sobreviver podem realmente ser encontradas nas florestas a norte da Nova Inglaterra no fim da Primavera. Se ela não fosse uma menina da cidade, poderia ter descoberto mais coisas: mais nozes, raízes, até tábuas. O meu amigo Joe Floyd ajudou-me bastante nessa parte, e foi ele quem me disse que os fetos crescem até Julho nos pântanos ao norte.

A floresta é real. Se forem visitá-la durante as férias levem uma bússola, bons mapas... e tentem não sair da trilha.

Stephen King

Longboat Key, Florida

1 de Fevereiro de 1999

[1] Herói do livro *O Hobbit,* de J. R. R. Tolkien. (N. T.)

2* Blueberries. (N. da Revisora)

3* Aparelho bucal de outros animais (nomeadamente de alguns insetos), que tem forma de tromba. (N. da Revisora)

4* Planta pteridófita, da família das Osmundáceas, provida de grandes folhas. (N. da Revisora)

[5]* Expressão suavizada utilizada em Portugal para definir o termo rudimentar popular “cagar”. (N. da Revisora)

6* **Tâmia** é o nome comum dos roedores classificados no gênero ***Tamias***, da família dos esquilos (Sciuridae). O grupo inclui 23 espécies, todas elas nativas da América do Norte, exceto uma, que pode ser encontrada na Sibéria. (N. Da Revisora)

7* Nome vulgar extensivo a várias plantas da família das Rosáceas; sarça; Silveira. (N. da Revisora)